THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

D521
.C35

a 00000 62784 2

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

.GOSTINHO DE CAMPOS

A CARRANCA DA PAZ

Desenho de Raul Lino

/RARIAS AILLAUD E BERTRAND

OFERTA
DO
INSTITUTO DE CULTURA
PORTUGUESA

COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA

V

A CARRANCA DA PAZ

DO AUTOR

(COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA)

I — *Europa em guerra,* Lisboa, 1915.
II — *O Homem, lobo do Homem,* Lisboa, 1921.
III — *Portugal em campanha,* Lisboa, 1921.
IV — *Latinos e Germanos,* Lisboa, 1923.
V — *A carranca da Paz,* Lisboa, 1925.

BREVEMENTE:

VI — *Portugal vitorioso.*

C
BNM
D521
.C35

AGOSTINHO DE CAMPOS

★

COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA

V

A CARRANCA DA PAZ

★

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
PARIS — LISBOA
LIVRARIA CHARDRON | LIVR. FRANCISCO ALVES
PORTO | RIO DE JANEIRO

1925

Todos os exemplares vão rubricados pelo autor

Comp. e imp. na Tip. da Emprêsa Guedes
242, Rua Formosa, 248—Pôrto.

PRIMEIRA PARTE

A CARRANCA DA PAZ

I

¡VITÓRIA!

A PEQUENINA finta que o Marechal Foch realizou em 15 de Julho dêste ano de 1918, à ilharga de um exército alemão, na « hérnia » de Chateau-Thierry, determinou em menos de três meses o desmoronamento irremediável de todo o colossal edifício militar da Alemanha e das suas alianças.

Mas, para êste resultado estratégico, trabalharam sobretudo factores psicológicos, e não apenas, nem principalmente, o factor material da superioridade numérica, assegurada aos Aliados pela intervenção americana. Dêsses factores psicológicos são talvez os mais importantes, por um lado, o brutal orgulho alemão na guerra feita aos outros; e, por outro lado, o invencível pavor alemão de que a guerra seja feita à Alemanha, na casa própria, com a mesma brutalidade com que a Alemanha a fêz na casa alheia.

A falta de escrúpulo no ataque e o abuso

insolente da vitória deram à guerra contra os Alemães carácter de cruzada universal; e pode bem dizer-se que, sem os revoltantes excessos cometidos pelas tropas de Guilherme II, não teria sido possível convencer as multidões pacíficas da França, da Gram-Bretanha e dos Estados-Unidos a suportar com tamanha resignação os esforços e os sacrifícios contínuos de uma guerra longa e lenta como esta.

Maximiliano Harden, o famoso publicista berlinês, director da *Zukunft,* escreveu e publicou na sua revista, logo ao princípio da Guerra, a frase cínica, mas sincera: «Nós, Alemães, fizemos esta guerra porque a quisemos; batamos rijo, portanto, para que a vitória alemã faça esquecer e perdoar a agressão alemã.»

Mais recente, e ainda mais autorizada do que esta, é a confissão ingénua do general de Freytag-Loringhoven, que antecedeu Ludendorff como general quartel-mestre, e em 9 de Agôsto de 1917 dizia, na *Gazeta de Colónia:* «Pôsto-que ainda não tenhamos conseguido abater a França, nem por isso é menos verdade que a nossa marcha envolvente e ousada através da Bélgica é que nos deu a possibilidade de fazer a guerra em território inimigo durante anos de luta, e de proteger com eficácia a nossa pátria.»

Pois é. Mas tudo muda repentinamente de sinal, desde que o abuso da fôrça e a doutrina da agressão sem escrúpulos provaram ser insuficientes para assegurar a vitória que se queria ganhar de assalto. Tendo baseado a sua superioridade apenas sôbre a violência, o povo alemão sente-se suspenso no vácuo, desde que uma série ininterrupta de desastres militares lhe mostra que está em face de uma violência mais forte que a sua.

*

* *

— Para tratar com o vencedor, o tempo mais próximo é o mais vantajoso. O adversário, na primeira estranheza do próprio triunfo, acolhe com alegria as propostas que prometem mudar em definitiva felicidade os seus auspícios favoráveis. Não teve ainda tempo de se orgulhar de um êxito constante, nem de se irritar contra uma longa resistência. As suas pretensões acabam de nascer e ainda não começaram a crescer. É possível que êle não conceda então a paz por preço barato; mas é certo que mais cara ficará a quem tardar em pedi-la. A esperteza consiste em negociar antes de se ter revelado tôda a fraqueza...

Assim dizia o Comendador Aspertini a Mr. Bergeret, considerando excessiva a resistência da França à Prússia, em 1870. E, como a História se repete, podiam aplicar-se agora *ipsis verbis* à Alemanha, hesitante em pedir o armistício, os conselhos de bom-senso e sábia resignação, que a sagacidade de Anatólio France punha na bôca da sua personagem italiana.

Mas, como a História se não repete, acontece em 1918 que a França resistiu muito mais encarniçada e longamente do que resistira em 1870, e que êste excesso de resistência (tão formidável que ninguém o julgava possível, e tão fecundo que não se sabe, já hoje, se a França foi salva pelos seus aliados ou se foi ela que os salvou a êles) — lhe deu afinal, não uma derrota mais cara, mas a redenção, a glória e a vitória.

A História está-se repetindo para a Alemanha, que tarda em reconhecer e confessar a sua evidente derrota; a História não se repetiu para a França, que, aparentemente derrotada em Setembro de 1914 e em Março de 1918, teimou em guardar a esperança e assim alcançou a vitória.

Por outro lado, repetiu-se a História para a Inglaterra, que hoje, como há cem anos, consegue vencer, ao cabo de uma luta de tenacidade indomável, um grande poder militar que

surgia no Continente e ameaçava incomodá-la no seu materno ninho insular e nas suas filiais espalhadas pelos oceanos. Mas não se repetiu no sentido de 1870, quando ela cometeu a imprudência crassa de deixar esmagar a França pela Prússia de Bismarck, sem ver que ia engordar assim contra si própria a Alemanha de Guilherme II.

A História repete-se sempre, e não se repete nunca. E estas duas afirmações constituïriam um disparate único, se não existisse um disparate maior, que é o de se supor que a História existe, como norma e como lição.

*

* *

Em-fim, Leitor, sempre tivemos a grande honra histórica de ver o fim da Guerra — coisa de que nem eu nem tu estávamos certos, aqui há cêrca de cinco ou seis meses.

Não sei que impressão causou no teu ilustríssimo e excelentíssimo espírito o acontecimento formidável; mas posso afirmar-te que em Clemenceau, em Lloyd George, e em mim, êle actuou intelectualmente por forma esmagadora — e apagadora.

Clemenceau e Lloyd George, dois oradores

políticos cheios de espontaneidade e de vigor, pouco ou nada souberam dizer que estivesse à altura do Grande Facto, quando vieram trazer perante os respectivos parlamentos a notícia minuciosa, final, apoteótica, da capitulação da Alemanha. Lloyd George, tendo em si e por si aquele admirável espírito prático dos Britânicos, ainda pôde lançar mão de um recurso salvador:

— Meus senhores (disse êle, mais ou menos) a Guerra acabou, vencemos nós, e não vos digo mais nada, porque não sei. O melhor que temos a fazer, em vez de nos conservarmos aqui a espremer das nossas cabeças alguns miseráveis discursos, que ficariam muito aquém do que sentem os nossos corações — é irmos todos, incorporados, à igreja de Santa Margarida, agradecer a Deus a vitória...

E assim se fêz.

Mas Clemenceau, coitado, não podia fazer outro tanto. Tribuno admirável e admirável organizador da vitória francesa, a sua pequena oração solene de 11 de Novembro, pobre e pobremente reeditada para a Câmara e para o Senado, revelou-se muito inferior não só ao grande assunto, mas ao grande orador. O melhor que nela houve foram ainda as lágrimas e os soluços que a entrecortaram. E faltou-lhe aquela

válvula de segurança de tôdas as sufocações, aquele ponto final de tôdas as nossas reticências intelectuais, aquele fundo sólido em que o nosso espírito põe pé quando se sente afogado na alegria, ou na agonia: faltou-lhe Deus; faltou-lhe o desafôgo e a liberdade de deixar voar pelo infinito a infinita satisfação; faltou-lhe a sciência, ou a coragem, de ajoelhar e de rezar...

— *Te Deum, laudamus!*

Não estou bem certo se Lloyd George e todos os outros Inglêses não estavam de facto agradecendo a si próprios a vitória, no momento em que a agradeceram a Deus. Mas creio, ainda que assim fôsse, que Deus fêz muita falta nesta ocasião aos governantes franceses, não só para sublimar a obra dos vivos, senão também, e principalmente, para dar aos que morreram pela França a notícia de que a França venceu...

*

* *

O Senado francês votou no dia 1, quando os parlamentários alemães se dirigiam para o quartel-general francês, uma lei concebida nêstes termos:

«**Artigo 1.º** Os exércitos e os seus chefes, O govêrno da República,

O cidadão Jorge Clemenceau, presidente do Conselho e ministro da Guerra,

O marechal Foch, generalíssimo dos exércitos aliados:

BEM-MERECERAM DA PÁTRIA.

Artigo 2.º O texto da presente lei será gravado para ficar permanente em tôdas as administrações e em tôdas as escolas da República.»

Não há nada mais simples, não há nada mais alto, não há nada mais comovente.

Clemenceau, o grande cidadão, o ancião eternamente forte e moço, não estava presente, quando a lei glorificadora foi votada. Chegou tarde, e foi recebido nos corredores da Assembleia por muitos senadores que não se haviam ainda retirado, com demonstrações de carinhoso entusiasmo:

— ¡Bem-merecestes do País!

— ¡Sois vós o salvador da França!...

E Clemenceau respondia:

— ¡Não! ¡Não! Foi o país, o país, só por si, que fêz tudo...

— ¡Graças a vós!

Então, comovido, perturbado, com os olhos rasos de água, o presidente do conselho insiste em dizer que é à França e aos soldados que se

deve agradecer a vitória. Êle não fêz mais que o seu dever de cidadão, e outro qualquer, no seu lugar, faria o mesmo. E declara-se orgulhoso por terem deliberado associar o seu nome ao de Foch, alta consciência que nunca duvidou dos destinos da Pátria e a quem todos os Franceses devem um reconhecimento infinito...

E dito isto, Clemenceau despede-se, pedindo licença para voltar aos seus deveres:

— Meus senhores, agora é que vai soar a hora difícil. *É mais difícil ganhar a paz do que ganhar a guerra.* Agora trata-se de proceder de modo que França possa retomar no mundo o lugar de que é digna. Mais do que nunca, é necessário que ela se concentre, que seja disciplinada e forte...

Il est plus dur de gagner la paix que de gagner la guerre. Meditemos, nós, Portugueses, esta frase do grande Francês. Para ganharmos a Guerra, ou para ajudarmos a ganhá-la, como fizemos, não podia exigir-se de nós um esfôrço em desproporção com a nossa pequenez. Para ganharmos a paz, dobrando com felicidade o Cabo das Tormentas financeiras, económicas, políticas e sociais, que nos espera, necessitamos de ser tanto mais prudentes e ajuïzados quanto mais pequenos somos. E convém também, para

nossa dignidade, que o saibamos e possamos fazer sòzinhos, sem sermos ajudados, e muito menos empurrados, pelos outros.

*

* *

«A arte de assegurar a paz».

Assim se intitula um dos últimos boletins políticos do *Temps,* inspirado nas transformações internas, reais ou aparentes, sinceras e hipócritas ao mesmo tempo, que o Império Alemão se está infligindo a si próprio, desde que sentiu nas goelas, outrora sôfregas de conquista, o travor amargo da derrota.

E aquela palavra «arte», ali metida no título, parece-me de muito mau agoiro. ¿Não há então ainda uma «sciência» de assegurar a paz? ¿De nada serviu então que o Presidente Wilson tivesse pôsto em termos tão fáceis e tão claros o grande problema do futuro dos povos? ¿Serão afinal precisos, como de antes, «artistas» e «virtuosi» para o resolver, e não apenas, como parecia e se esperava, juristas honrados, sábios etnógrafos, e estatísticos exactos?

Parece que não. Parece que o princípio da reorganização europeia pela libertação das nacionalidades oprimidas e pela concessão da unidade

nacional a povos politicamente divididos, mas dotados da mesma língua e tradição — não é afinal, como se esperava, uma base sólida para edificar a futura paz.

Desfeita, por exemplo, a carangueiola austro-húngara num auspicioso ramalhete de nações independentes — magiares, sérvias, boémias, rutenas, polacas e romaicas — parece que se levanta para a Europa o perigo grave de ver absorvidos pelo actual império alemão os doze milhões de Alemães que até aqui pertenceram à Áustria. E assim o princípio das nacionalidades, invocado como boa fórmula do equilíbrio europeu, pode ter como efeito prático, e nada tranqüilizador, a manutenção ou ampliação de uma Alemanha enorme e monolítica, posta em frente de uma poeirada cósmica de nações livres, mas muito mais pequenas e fracas. ¡E então, adeus liberdade, e adeus sossêgo!

Estas apreensões europeias mostram que a Áustria já está deixando saüdades, ainda antes de morrer. Há assim neste mundo, tão doido e tão lógico ao mesmo tempo, muitas coisas que na aparência não prestam para nada, que às vezes chegam a parecer-nos inoportunas ou até importunas, e afinal nos ensinam duramente, ao desaparecerem, a real e positiva serventia que tinham.

Por isso o *Temps* confia mais na «arte», do que na «sciência» de assegurar a paz. A arte cria, inventa, adivinha e humaniza, e assim acerta muitas vezes melhor que as razões e os processos scientíficos. A paz artística comportará de-certo a divisão da Alemanha bismarckiana em várias nações portáteis, que a Europa fàcilmente meterá no bôlso — vingança confortável do susto que apanhou de que aquela a metesse no saco.

Novembro - Dezembro de 1918.

II

A ALEMANHA E OS CONSERVADORES

NÃO se pode levar a mal a muitas pessoas de boa vontade, timoratas e amigas da Ordem, que tenham sido germanófilas por mêdo aos exageros da democracia e às degenerações da liberdade.

— O militarismo é mau, pensam elas. Mas é uma garantia da disciplina, e o único antídoto contra o veneno das doutrinas de dissolução social e de anarquia. A democracia é óptima em princípio e boa, na prática também, com a condição de ser equilibrada. Ora, se a guerra actual é em última análise, como se diz, uma luta entre militarismo e democracia, nós temos maior mêdo aos exageros desta que aos daquele e, portanto, preferimos a vitória do militarismo. Por outras palavras: achamos menos má a ordem alemã, do que a desordem russa.

Poder-se há responder a estas pessoas que a

ordem alemã corre perigo de transformar-se da noite para o dia numa desordem alemã, muito semelhante à desordem russa, e causada exactamente pelos excessos e loucuras do militarismo. Não: o verdadeiro antídoto da demagogia é o bom-senso colectivo, e não o carneirismo nacional militarizado.

A Alemanha tem sido forte pela ordem, pela disciplina, pela obediência colectiva à hierarquia do guante de aço, do gládio afiado e da pólvora enxuta. Mas também o haveria sido, e talvez mais duradoiramente, se se limitasse, como a América do Norte, a gozar da alegria do trabalho, numa actividade tôda consagrada às tarefas mansas e práticas, sem compartimentagem de castas, nem exclusivismos oligárquicos, como os que conduziram o Império à jogatina da Guerra, em que já perdeu o tempo e acabará por perder o feitio.

Se a Alemanha tivesse conseguido vencer, nada a obrigava, ou sequer aconselhava, a organizar com os vencidos uma espécie de Santa Aliança, destinada a instalar ou avigorar por tôda a parte instituïções conservadoras. O que ela fêz e deixou fazer na Rússia prova o contrário, pois bem fácil lhe teria sido, se quisesse, evitar que o pobre Nicolau II fôsse morto como um cão, ou deitar ao menos uma mão piedosa

à imperatriz e às inocentes gran-duquesas suas filhas, cujo destino se ignora, mas não é difícil de adivinhar-se.

A maneira como a Alemanha tratou os países invadidos e os povos que chegou a vencer, mostra-nos que não estava no seu programa ajudá-los a organizar em si próprios a boa ordem cívica alemã, mas impor-lhes como a escravos o ferrete da sua ordem militar.

Dezembro de 1918.

III

«LORDS» E «CHAUFFEURS»

NO congresso do partido trabalhista inglês, realizado em Junho último, o mais notável discurso foi, a meu gôsto, o do impetuoso camarada Bremley, delegado dos condutores de automóveis, que falou na quarta velocidade, reclamando a abolição imediata da Câmara dos Pares.

Não diz a notícia que acabo de ler a êste respeito, se o proponente Bremley é guarda-freios de praça, ou de casa particular. Em qualquer das hipóteses deve ter lidado muito com grandes senhores ou ricos-homens britânicos, e daí a sua competência especial para exigir a supressão da Câmara Alta, onde êles exercem aínda hoje aquele magro resto de autoridade legislativa, que lhes ficou das reformas constitucionais de Lloyd George.

Não há grandes homens para os respectivos criados de quarto, nem *lords* prestigiosos para

os respectivos *chauffeurs*. À fôrça de transportar a aristocracia do seu país, Bremley perdeu-lhe o respeito e acabou por convencer-se, depois de a ter estudado de perto, que aquilo não serve para governar o Império, e nem mesmo para ver o Império conduzìdo pelos condutores de automóveis.

Em França ainda os homens do motor não pediram a abolição do Senado, talvez porque, como qualquer de nós, nem sequer se lembram de que êle existe. Além do que, estão ali ocupados em coisas mais práticas: o S. C. P., ou, por extenso, *Syndicat des Cochers et Chauffeurs de Paris,* acaba de adqüirir um soberbo *château,* rodeado de uma propriedade rústica de trinta e dois hectares, doze dos quais plantados de vinha magnífica, e situado numa das mais belas regiões da França, a cêrca de dez léguas de Tours, e à beira do Cher, que limita o latifúndio numa extensão de mais de meio quilómetro. *L'Audronnière* (é êste o nome da esplêndida quinta) custou aos seus possuïdores actuais 150 mil francos e foi-lhes vendida por uma pobre família rica, a quem a Guerra encheu de luto e desgostou do velho solar, onde agora só encontraria a saüdade de tempos mais felizes.

E assim o mundo continua na sua marcha, má para uns, boa para outros. Para os guarda-

-freios vê-se que não vai marchando mal, sobretudo desde que começou a faltar a gasolina. Depois hão-de, com certeza, faltar também os automóveis, visto ir havendo cada vez mais gente pronta a andar nêles e cada vez menos gente disposta a fabricá-los e a guiá-los. E então os *chauffeurs* esperarão com paciência que desta enorme baralha saia e assente uma sociedade nova, onde haja outra vez, como na velha, *lords* e castelões para andarem de automóvel e darem de comer a quem lhos trate e guie...

Outubro de 1918.

IV

A PAZ POÉTICA

Dezembro de 1918.

COM a futura Sociedade das Nações desaparece, evidentemente, a política de conquista. ¿Desaparecerá também então a velha política colonial? Não: a velha política colonial vai transformar-se numa nova política, a que peço licença para chamar «política externa pedagógica».

Ao velho regime das «esferas de influência», económica, financeira e colonizadora, sucederá, na nova era, ou lua-de-mel da Humanidade, o sistema das esferas de influência moral e educativa. As nacionalidades, pequenas ou grandes, brancas, amarelas ou negras, cultas ou incultas, progressivas ou retardatárias, ordenadas ou anárquicas, vão ser tôdas livres, soberanas, independentes e iguais perante a Justiça, o Direito e a lei geral do mundo renovado, e de ora

avante protegido contra as fúrias antigas, e vencidas, da violência, da espoliação e da conquista.

As diferenças entre umas e outras, no futuro, serão apenas de natureza, educação ou desenvolvimento. Nações adultas e nações bèbés, nações ajuïzadas e nações telhudas, nações sangüíneas e nações tuberculosas — mas nunca naquele sentido de condenação à morte que o ilustre Salysbury deu um dia à sua expressão de «nações moribundas».

Pelo contrário: o amor, a simpatia e a caridade vão ser os novos eixos do mecanismo político internacional. A intervenção da Sociedade das Nações nos destinos de qualquer dos agrupamentos que a hão-de constituir terá sempre o carácter de um benefício ou de um socôrro, de um ensino ou de uma cura. Dar-se há brometo de potássio ao nosso Portugal, e à Rússia dos Sovietes há-de vestir-se uma camisa de fôrças. A Polónia receberá um professor de bom govêrno, e os Turcos, num «Kindergarten» especial, aprenderão a fazer eleições.

Falando dos territórios da Síria, recentemente ocupados pelas tropas britânicas secundadas por um contingente francês, um jornal parisiense chamava-lhes há dias «ces régions ou la France aura la charge de préparer les populations à se gouverner elles-mêmes». E o visconde

Eduardo Grey, num dos seus últimos discursos, lembrava judiciosamente que a Sociedade das Nações deverá «fornecer auxílio técnico aos países medìocremente organizados»; e citava como exemplo as alfândegas chinesas, a cujo estabelecimento regular se tem oposto as rivalidades internacionais.

Pura política pedagógica altruísta, em substituição do egoísmo da antiga política colonial. Pois que Deus lhe ponha a virtude — uma virtude mais atraente e mais simpática do que a do ideal alemão, que a Guerra desfez em fumo, e mais ou menos consistia no mesmo empenho de lecionar o mundo e de dividir a Humanidade em nações-mestras e em povos alunos...

*

* *

Já se disse que a Dinamarca ia reclamar a restituïção do Schleswig-Holstein, entregando (é claro) o seu requerimento ao Presidente Wilson.

Esta notícia foi depois desmentida oficialmente; mas a sua inexatidão nada lhe tira do valor filosófico, ou da graça que tem como sintoma. Sintoma de que a clientela do sr. Woodrow Wilson tende a aumentar, não sendo fácil prever neste momento quantos irredentismos e

nacionalismos arrebitarão a orelha por êsse mundo além, na esperança de obterem a sua migalha de independência e o seu talher de prata à mesa da Sociedade das Nações.

Já a cidade de Barcelona deu foros de cidadão honorário ao ilustre chefe do Estado americano, sinal de que se prepara para pôr a navegar a independência da Catalunha; e ainda agora dizem pelo fio que os Alemães da Áustria querem formar também o seu estadozinho à parte, independente não só da Áustria, mas da própria Alemanha grande, e com uma porta marítima aberta de par em par sôbre o Adriático.

O Presidente Wilson vai ter muito que fazer, na sua qualidade de Papa da liberdade do mundo e de papá de tôdas as pequenas nacionalidades, orfãs e abandonadas, que por aí abafam, umas ainda na casca do ovo, outras na frigideira da opressão e da dependência.

Deus lhe dê muito lume no ôlho, para não fazer sem dar por isso o jôgo dos Alemães, que não deixarão de se subdividir outra vez em trinta mil gram-ducados e gram-bocados pequenos, para ver se impingem em cautelas de três vintens o bilhete inteiro da *Mittel-Europa,* que lhes saiu branco de todo.

¡Imagine-se a série interminável dos principados de Reuss, Waldeck e Gerolstein, todos

a pedirem a independência com porta para o mar! Dentro em pouco não haveria mar que chegasse para tantas terras; e um belo dia todos êsses pequenos estados ex-alemães apareceriam como por encanto soldados outra vez num grande estado re-alemão ou hiper-alemão, com uma tal infinidade de portas para o mar, que a outra gente se veria obrigada a meter e tirar os seus barcos pela janela.

Para evitar êste e outros incovenientes convirá estabelecer a Sociedade das Nações com um número certo e limitado de quotas, não se admitindo novos sócios sem haver vaga, nem se abrindo novas portas para o mar sem que cada candidato traga uma onda.

*

* *

Março de 1919.

O Sr. Balfour, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império Britânico, foi entrevistado por um representante da «Associated Press», a quem comunicou a sua concepção da futura Sociedade das Nações.

No *Temps* de 9 do corrente encontramos reproduzidas as suas palavras, que são as seguintes:

— Os Estados não são verdadeiramente democráticos em-quanto não chegam a uma fase de civilização relativamente avançada. A Sociedade das Nações poderia actuar *à maneira de um tutor, junto dos países menos adiantados.*

O Sr. Balfour falou como um homem que tem a cabeça no seu lugar, e como um inglês que aprendeu em pequeno *to speak the truth and nothing but the truth.*

A Sociedade das Nações vai ser, segundo o Sr. Balfour e também segundo muitas outras pessoas de juízo, que existem isoladas em tôdas as latitudes e até em todos os manicómios, o que sempre foi êste velho mundo, considerado internacionalmente: um conjunto de terras povoadas por gentes diversas, e diversamente capazes de se governarem a si próprias e de darem aos outros boa vizinhança. E o mais que se pode esperar dos resultados da Guerra, e dos sacrifícios que ela custou a grandes e pequenos, é que os grandes tratem os pequenos com mais amor, mais paciência, e um pouco menos de egoísmo do que antes de 1914.

Dada a nobilíssima *truthfulness* do Sr. Bal-

four, dado o formidável fortalecimento material, prático, efectivo, e portanto *ùtilmente moral,* com que a Gram-Bretanha sai da Guerra, eu, se em vez de ser, como sou, o mais humilde cidadão de uma democracia adiantada, fôsse, na próxima conferência preliminar dos Aliados, o chefe da representação diplomática de um pobre país atrasado, desatinado, sonolento ou caótico, mas amigo da Inglaterra e crente na sua amizade, apresentaria desde já o seguinte requerimento a Mr. Balfour:

— ¡Mandai-nos, senhor, em vez de um pretor ou um vice-rei, como antigamente se usava, um bom e carinhoso mestre de meninos, capaz de nos educar e instruir, em vez de limitar-se a espremer-nos e a maltratar-nos: um suave pedagogo wilsoniano, para não dizer froebeliano, que nos ensine algumas coisas práticas e nos habitue ao exercício de outros jogos físicos que não sejam revoluções e guerras civis! ¡Que a Sociedade das Nações venha a ser, em-fim, do lado das grandes potências civilizadas e civilizadoras, uma Escola Normal de Estadistas; e para as pequenas nações retardatárias, um Jardim de Infância dos Povos!

*

* *

Maio de 1919.

A décima quarta das catorze promessas do programa de Wilson reza assim:

«É preciso que se constitua uma Associação Geral das Nações por meio de convenções formais, cujo objectivo será oferecer garantias mútuas de independência política e de integralidade territorial, tanto aos pequenos como aos grandes Estados.»

Foi desta letra que nasceu o plano da Sociedade ou Liga das Nações, baseada, como é justo e wilsoniano, na igualdade dos direitos de todos, grandes ou pequenos.

Ora esta desejada liga das nações iguais ainda não nasceu inteiramente; mas a igualdade das nações pequenas com as grandes, essa morreu, como lhe competia, ainda antes de nascer. E ainda ontem, 29 de Maio de 1919, o Conselho das Quatro Iguais entre Si e Maiores que os outros, coitadinhos, lhe passou uma das inumeráveis certidões de óbito que são, até agora, os únicos documentos da existência objectiva da simpática Igualdade nascitura, que Deus haja.

Foi o caso que, reünidas em sessão os Quatro Formidáveis com a miüçalha dos delegados das *petites puissances,* ou *états sécondaires,* ou *puissances à interêts particuliers* (dos pequenos só o nome é grande) queriam Aqueles ler a estes, *em cinco minutos,* as cláusulas territoriais que *no dia seguinte* deviam ser apresentadas aos delegados da Áustria inimiga, aos quais será dada *uma semana ou mais* para estudarem e responderem.

Levantou-se então o microscópico Sr. João Bratiano, representante da infinitamente pequena Roménia, e ponderou aos Imensos que a sua naçãozita, assim como miúda a Checo-Eslováquia, a mesquinha Polónia e a sucinta Jugo-Eslávia, também irònicamente chamada Grande-Sérvia, tinham tal ou qual, embora pequenininho direito, a cheirar durante algum tempo razoável o augusto papel onde estavam traçadas pelos Colossais as suas fronteiras de amanhã.

Então os Grandes cairam em si (¡trambolhão tremendo!) e, acordando estremunhados da permanente contemplação extática, mas prática, da sua imensidade, resolveram conceder vinte e quatro horas às míseras potências *de interêsses limitados,* para que estas pudessem ler no projecto de paz com a Áustria os *limites* traçados geogràficamente à pequenez delas por Suas Ilimitadas Grandezas.

V

AS OUTRAS RÚSSIAS

Os cartazes eleitorais das Juventudes Monárquicas Portuguesas acabavam por êste *memento*, que fêz frio na espinha a muitos conservadores:

— *¡ Cidadãos! ¡ Lembrai-vos da Rússia!...*

Alguns daqueles friorentos, monárquicos e tementes a Deus, mas mais tementes ainda a Trotsky & Lenine, llimitada, diziam-me, no domingo das eleições:

— Aquilo é inútil, porque nós, conservadores, dispensamos semelhante aviso; mas é prejudicialíssimo, ao mesmo tempo, visto que só serve para lembrar pecados... novos.

A alma humana é assim pobre de imaginação. Hoje, por todo êsse mundo, tôda a gente que tem um anel no competente dedo vive no terror crónico de que os outros dedos, incluindo

o mínimo, se transformem de repente em maximalistas e saqueiem o anular aos gritos ferozes de: *¡morra o burguês!*

A História repete-se, certamente. Mas repete-se sobretudo na cabeça da gente; e como, para que ela se repita, a primeira condição é conhecê-la; e como a maior parte da gente conhece só a história que lê nos telegramas da Havas, aí temos, por tôdas as Europas e Américas, milhões de historiadores feitos à pressa, pelo telégrafo, convencidos de que estão para provar amanhã ou depois, cada um na sua rua ou travessa, uma salada como a de Tôdas as Rússias.

E, no em-tanto, os mesmos telegramas da Havas continuam a ensinar todos os dias, a êsses mesmos apavorados historiadores de repetição, outra história muito diferente: a história da admirável resistência, união, disciplina, eficiência militar do povo francês armado — dêsse mesmo povo francês que antes da Guerra — quinze dias, oito dias, quatro dias antes — parecia íntima e profundamente conquistado pelas doutrinas dissolventes do pacifismo, do desarmamento, do anti-militarismo...

O que deu à revolução russa o seu carácter pavoroso de liquidação social desenfreada, foi a intervenção geral do povo dos campos, na sua

maioria verdadeiros servos de gleba, que nada tinham e, portanto, nada tinham que perder. O povo francês, constituído de pequenos proprietários e de pequenos capitalistas, económico e previdente, era socialista da bôca para fora, e muito burguês do coração para dentro.

O que aconteceu na Rússia, pode evidentemente repetir-se noutra parte. Mas, para isso, é necessário, primeiro, que noutra parte se repita a Rússia. E por êsse mundo fora existem, guardadas as proporções, mais Rússias do que se pensa.

Julho de 1918.

VI

O PAPÃO

HÁ sete anos bem contados (Agôsto de 1911) publiquei eu na revista *Os Serões*, que então se editava em Lisboa, um artigo em que era esboçada a solução do problema do ensino feminino na República, pôsto em dia pelo encerramento vandálico e contraproducente dos colégios religiosos.

Nesse artigo definia-se a reviravolta de Outubro de 1910 como um movimento de deslocação de fôrças colectivas, religioso na forma e no fundo económico, análogo ao que há dezenas de anos se vem desenhando e acentuando por todo o mundo civilizado, e tendente a dar às classes chamadas trabalhadoras ou proletárias, soberanas pelo número, a efectividade cada vez maior da soberania política.

Cristianismo há dois mil anos, socialismo na França e na Alemanha, republicanismo na Península — são (dizia eu) formas e nomes diver-

sos da mesma eterna luta do homem contra o homem, na mesma ânsia trágica de ascender da fome e da desgraça ao Paraíso das ilusões religiosas ou políticas. E a luta será mais feroz e mais longa nos países onde uma instrução colectiva imperfeita contribua para acirrar a desorganização, impedindo o desenvolvimento da riqueza, diminuindo a capacidade administrativa ou dirigente, e prolongando assim o quadro tristemente grotesco da casa onde não há pão e onde todos reclamam perdizes trufadas...

Três anos depois de escritas e publicadas estas palavras, estalou a guerra europeia, que tôda a gente vagamente previa, mas muito poucos adivinharam tão próxima e tão duradoira como veio. E a Guerra não fêz senão acelerar e reforçar o movimento de revolução econòmico-política, que desde muito antes se vinha produzindo.

Reforçou-o e acelerou-o, dificultando mais ainda a vida dos verdadeiros pobres e pondo em maior relêvo a incapacidade dos governos aristocráticos ou burgueses, que, responsáveis da Guerra, se mostravam agora também incompetentes para a resolver de-pressa, ou para atenuar as medonhas conseqüências económicas da sua longa duração. Reforçou-o e acelerou-o, dando

aos operários consciência justa do valor do seu trabalho como elemento da própria vitória militar, e obrigando assim os governantes e os generais a confessar que é a Fábrica quem verdadeiramente ganha ou perde a Batalha.

Em tôda a parte, pois, e em qualquer caso, a Guerra tirará prestígios e fôrça às classes que já tinham perdido de uma e de outros. Se o seu govêrno é hábil, e consegue manter a unidade nacional, e vencer o inimigo, o operariado dir-lhe há: «Sem nós, não teríeis vencido. Reparti, portanto, connosco a vitória, a glória, o proveito e a direcção».

Se, ao contrário, o Estado burguês se deixa subjugar pelo adversário externo, ou cai, por imperícia administrativa, na confusão das lutas internas, o operário, esmagado pela derrota da Nação, ou revoltado anàrquicamente contra o próprio Govêrno, deitará às outras classes as culpas de tudo, alegando que foram elas quem quis a Guerra, quem a fêz, quem a perdeu e quem devia tê-la ganho...

Novembro de 1918.

VII

A PAZ PROSAICA

Novembro de 1918.

LEITOR amigo: se és impaciente; se tens pressa de vir a gozar de novo aquela antiga *douceur de vivre* que a Alemanha e a Guerra não deixaram durar muito; se estavas com esperanças de comprar em breve as botas e os ovos, o feijão e a roupinha, pelos preços quási poéticos que tudo isso te custava no ano *quási de graça* de 1914 — se tôdas estas deliciosas caraminholas germinavam na tua cabeça de pai de família e cidadão pacífico, receio bem que dentro em pouco tempo estejas a estoirar de antipatia e indignação contra a Paz da Justiça, a Paz da Liberdade, a Paz dos Povos, e a pedir a Nosso Senhor que mande ao mundo uma boa paz à antiga, uma paz coxa como a do Congresso de Viena, uma paz de

Fôrça e de Manha, uma paz qualquer, mas, em-fim, uma paz que se veja, que se sinta e que se goze.

A Áustria já pediu armistício, e foi êsse o primeiro favor que nos fêz. ¿Mas será, com efeito, um grande favor? Ela, coitada, fêz o que pôde, declarando que já está farta de levar e de fazer tenção de bater; mas, quando se lhe tenha tirado o pistolim da mão e chegado por cima dela mais perto da Alemanha, e obrigado em-fim o ex-*Herrenvolk* a pôr para ali também o seu bacamarte — nós teremos de-certo caminhado uma boa polegada e meia na direcção da Paz do Direito e dos Povos, mas... ¿depois? ¿Quanto tempo levará ainda a pôr tantos povos a direito?

Faz aflição olhar a gente para o mapa do centro e do oriente da Europa e ver a salada de nacionalismos e irredentismos que por ali vai. Se o Presidente Wilson está resolvido a cumprir a sua promessa de meter cada mocho em seu soito e de arrumar, classificar, catalogar e destrinçar a Europa, que em mil anos não tem feito outra coisa senão viver desarrumada e baralhada — ¿quem verá tão cedo a Paz da Justiça e do Direito? Em-quanto êle dá a Europa ao rol, como fazem as boas donas de casa à roupa suja, ¿que remédio teremos senão conti-

nuar a sofrer destas crises tremendas em que nos mergulhou a Guerra e as suas conseqüências imprevistas?

A paz que nos apetece e nos interessa é aquela que ponha de-pressa a lavrar, a fabricar e a navegar, tantos milhões de homens que há mais de quatro anos se empregam a matar e a morrer. Se em vez disto êsses enxames de homens e outros mais se vão ocupar em medir palmo a palmo e pesar grama a grama as futuras Jugo-Eslávias, Checo-Eslováquias, Polónias, Ruténias e quejandas, ¿quem é que nos vai semear o trigo, tecer a lã, extrair o carvão e o petróleo, fabricar e transportar o que nos é preciso?

Primum vivere; deinde ... brincar aos *puzzles*.

*

* *

Dezembro de 1918.

Acabou a guerra ao militarismo e à autocracia; mas vai começar imediatamente a campanha contra a anarquia e o extremismo. Os exércitos aliados, vencida a Guerra, teem de fazer agora a

polícia da vitória. E pode bem dizer-se que esta vitória não será definitiva, nem prática, em-quanto os vencedores não tiverem acrescentado a paz social à paz militar; em-quanto não terminarem, na ordem e no trabalho, as guerras civis que teem nascido, e vão nascendo, da guerra internacional.

O primacial interêsse que teem os grandes aliados vitoriosos na luta contra o delírio anárquico, consiste em isolar os atacados e evitar os perigos de contágio. Logo a seguir vem a vantagem material, importantíssima, das reparações e reconstruções. Se os vencidos continuarem a entrematar-se, à laia da Rússia, ¿como tirar dêles, em metal e em géneros, as indemnizações que são justas e necessárias?...

Um ilustre periódico francês vê isto bem, e di-lo com tôdas as letras, a propósito do que vai pela Áustria-Hungria esfacelada: «Não é como conquistadores que os Aliados entram na monarquia dos Habsburgos: é como libertadores, que vão pôr têrmo a opressões seculares e *pacificadores empenhados em prevenir ou sustar as guerras intestinas. Ordem ou anarquia, equilíbrio ou caos, fome negra ou pão cotidiano, tudo depende dêles de ora avante. É nos lugares onde foi a Áustria-Hungria, no próprio coração da Europa, que a nossa aliança vai dar*

dentro em pouco a medida da sua disciplina, do seu desinterêsse e das qualidades que possui para fundar um mundo novo.»

Fundar um mundo novo é realmente mais difícil do que deitar abaixo dois ou três velhos impérios. Mais difícil, e talvez também mais demorado. O grande Clemenceau disse bem, falando aos senadores que acabavam de proclamá-lo benemérito da sua grande pátria: *Il est plus dur de gagner la paix que de gagner la guerre.* A guerra foi ganha contra o imperialismo alemão, sucessivamente abandonado pelas suas alianças; a paz tem de ser ganha, ao mesmo tempo, contra e a favor do mundo inteiro, alimentando em vez de bloquear, construindo em vez de destruir, inteligentemente e não brutalmente, por amor da Humanidade e não por ódios de partido ou de raça.

Vamos a ver se as inteligências e vontades dirigentes que ganharam a Guerra são capazes de resolver o problema mais duro de ganharem a Paz. Vamos a ver se, ao contrário, elas se encontram agora em presença de fôrças ou fatalidades sobre-humanas, superiores e inacessíveis à inteligência e à vontade dos homens.

*

* *

Janeiro de 1919.

A organização industrial dos anarquistas russos está quási completa: a esta hora são já pouquíssimas as fábricas que ainda resistem e trabalham.

O sistema é muito simples: matam-se os donos, os directores e os engenheiros, porque são burgueses ou pertencem à *Intelligentsia:* entregam-se as oficinas à direcção dos operários; e não se fabrica coisa nenhuma.

Mas acontece que os operários, mesmo inoperantes, precisam de pão, que é um alimento que se faz com trigo, o qual por sua vez constitui um produto da terra e do tempo, idòneamente aproveitados e guiados por operários característicos, a que é de uso chamar-se « camponeses ».

Ora estes operários camponeses, produtores e senhores do trigo, precisam por sua vez que os operários industriais lhes forneçam, para poderem trabalhar e viver, enxadas, arados, botas, roupas, e outras miüdezas, que de antes se faziam nas fábricas de Tôdas as Rússias, e

agora se não fazem em fábrica nenhuma de Rússia Nenhuma. Daqui resulta um conflito curioso: os operários urbanos vão ter com os operários rurais e pretendem comprar-lhes trigo, dando-lhes em troca os rublos que ainda restam do tempo em que ainda havia burgueses. Mas os camponeses respondem que não precisam dos rublos para nada, e que o que querem é enxadas, arados, botas e roupas, objectos necessários, que eram feitos noutros tempos pelos operários escravos do Tzar e que agora ninguém faz, desde que Lenine o Grande organizou a indústria e libertou os escravos.

A liberdade é formosa, mas pouco nutritiva, quando reveste êste carácter sublime de não fazer nada. E o que se passa na Rússia ameaça ampliar-se por contágio a todo o Sudoeste da Europa, onde justamente se encontram as outrora felizes e fecundas regiões do trigo e do pão, agora esterilizadas pela Guerra e próxima-futuramente ameaçadas de não terem quem as lavre e semeie, de entretidos que todos andam por ali, a lavrar a redenção da Humanidade e a semear a Sociedade das Nações...

Dá-se comigo um facto notável, que constitui de-certo a única nota original de tôda a minha desinteressante biografia: é que nunca pedi nada

ao Presidente Wilson. Nunca pedi, mas vou pedir agora, para fazer como os outros e até porque o caso é urgente. Vou-lhe pedir que ponha já em prática aquele conceito da sua mensagem de 27 de Setembro, segundo o qual esta Guerra fêz passar para o segundo plano os interêsses locais e nacionais, colocando no lugar dêles o interêsse geral da Humanidade.

O primeiro interêsse geral da Humanidade é, salvo êrro, ter que comer. Requeiro, pois, ao Presidente Wilson que ponha já a Ucrânia, a Hungria e a Roménia a produzirem trigo que alimente a Europa como dantes, deixando a Sociedade das Nações e as outras petisqueiras *chics* para a sobremesa.

E não espero receber mercê.

*

* *

Janeiro de 1919.

Sir Eric Geddes, Major-General da Armada britânica, declarou, num discurso proferido em Cambridge, que não vê bem como há-de resolver-se o difícil problema das indemnizações de guerra que a Alemanha deve pagar.

«Querem, disse êle, que a Alemanha indemnize. Mas a factura é puxada: qualquer coisa como cincoenta biliões de libras esterlinas, que só podem cobrar-se em ouro, em mercadorias, ou em mão de obra. A respeito de ouro, a Alemanha não o tem. Quanto a reclamar a indemnização em mercadorias, equivaleria a tornar inactivas, na mesma proporção, a nossa produção industrial e, portanto, a nossa própria mão de obra. Resta a solução de nos indemnizarmos em moeda de trabalho alemão; ¿mas será concebível que a Inglaterra, com a sua grande população laboriosa, se decida a importar milhões de escravos alemães para cobrar o seu haver por meio do trabalho dêles? A Inglaterra nem sequer pode pensar em exigir da Alemanha que lhe forneça o equivalente da tonelagem afundada, porque daí resultaria ficar a Alemanha na primeira linha dos países construtores de navios...»

Fazendo obra pelo que diz *Sir* Eric Geddes, chega-se à conclusão paradoxal de ser mais vantajoso aos Aliados que a Alemanha fique a dever. Mas o Sr. Lloyd George também falou, e êsse entende-se melhor. Segundo êle, a Alemanha tem de pagar as custas de guerra até o limite da sua capacidade de solvência; mas não lhe será permitido engrolar o pagamento, inun-

dando precipitadamente os mercados aliados com produtos fabricados além-Reno e vendidos a baixo preço. Quer dizer: a Alemanha será forçada a amortizar em longo prazo e em variada moeda, de modo que do pagamento não resultem para os que recebem desequilíbrios financeiros e económicos, sob a forma de crises agudas de comércio, de produção ou de trabalho. Entregará cada ano um tributo ou fôro de matérias primas, de dinheiro, de produtos e de mão de obra, e isto por um largo período, durante o qual os Aliados se reservarão certamente o direito de graduar, a seu gôsto ou conveniência, a proporção em que devam entrar, para cada anuïdade, as várias espécies ou valores de pagamento. Semelhante sistema, que é evidentemente o mais prático, comporta ou pressupõe uma duradoira ocupação militar de territórios alemães pelos Governos aliados, pois não consta que se tenha inventado ou se venha a inventar outro processo eficaz de garantir a cobrança.

De onde resulta, salvo mais sábio aviso, que a paz destinada a destruir e a castigar o militarismo tem de ser por muitos anos ainda uma paz militar ou uma paz armada — muito parecida com uma guerra crónica.

*

* *

A Guerra parou há um mês. O recuo de que dispomos para a podermos considerar com uma mirada suficientemente ampla e um tanto filosófica é, portanto, ainda muito pequeno. E, todavia, passa-se já dentro do nosso cérebro um fenómeno característico: a Guerra acabou, e custa a crer, cada vez mais, que a Guerra tenha podido começar. Em presença das realidades estupendas, das formidáveis reviravoltas que ela produziu, a razão humana, tão pronta a acostumar-se ao Facto, já, por um lado, se não espanta de nada do que vê e é o avêsso de tudo o que via: a Inglaterra mais forte do que nunca, a França restituída à sua integridade material e moral, Tôdas as Rússias reduzidas a Rússia Nenhuma, a Áustria-Hungria evaporada, a douta e ordeira Alemanha a debater-se na loucura e no caos... Tudo isto aí está visível e palpável, tudo isto é natural, tudo isto era, até, fatal, ¿não é verdade?

E no em-tanto, por outro lado, tudo isto parece um sonho, e um sonho ainda inexplicado. Está sabido que foram a Alemanha e a Áustria as empreiteiras da Guerra. ¿Mas como e para quê,

se o resultado dela podia vir a ser o que foi, se é que o não tinha que ser? ¿Que explicação compreensível e simples poderá dar-nos a história futura, dêste suïcídio disparatado de duas nações a quem só convinha a paz — uma porque nela e por ela ia derrotando matemàticamente as outras tôdas, outra porque só a ela devia o seu instável e difícil equilíbrio?...

A História foi sempre hábil e fértil na explicação do que é difícil, e sobretudo do que se apresenta inexplicável. Assim é que hoje sabemos todos, na ponta da língua, que a Grécia inteira se enriçou de armas há milhares de anos, e embarcou contra Tróia numa guerra tremenda, e deixou morrer uns após outros a flor dos seus grandes heróis, e deu um trabalho dos diabos aos deuses amigos e aos hostis, e quási fêz alastrar até o céu a luta acesa na terra — tudo porque um rapagão desempenado levou um dia para casa um aconchêgo a seu gôsto.

O rapto da bela Helena parece-nos, a milhares de anos de distância, razão insuficiente para explicar a grande conflagração antiga, inspiradora dos dois maiores poemas da Humanidade. Oxalá que de aqui por vinte ou trinta séculos tenha saído da última guerra um poema, ao menos, como os de Homero. Uma

explicação tão simples como a da guerra de Tróia não a encontrará a História para esta, a não ser, é claro, que a invente. E a minha pêna é não poder adivinhar qual a comédia de amor que o Futuro há de arquitectar um dia para ponto de partida de uma tão grande tragédia de sacrifícios, de ruínas e de morte.

VIII

¿BOLCHEVISMO ALEMÃO?

TÔDA a revolução vem da Alemanha, pensam e dizem os conservadores latinos. Revolução religiosa com Lutero, revolução política com Rousseau, discípulo da Reforma; revolução filosófica com Kant; revolução social com Carlos Marx...

E os factos parecem dar razão, não só a êste asserto de que tôda a revolução vem da Alemanha, mas ainda à afirmação complementar de que a Alemanha sabe, e consegue sempre, espalhar pelo mundo o vírus revolucionário, e vacinar-se ao mesmo tempo a si própria contra êle.

Durante os quatro anos de guerra vimos o socialismo de Scheidemann, disciplinadamente recrutado pelo militarismo de Guilherme II, ajudar a matar os operários belgas ou franceses, e a destruir-lhes as fábricas com metódica e scientífica fereza; e vimos, paralela e infatigàvelmente, os socialistas chamados «puros» da

França pisada e martirizada, sempre prontos e até ansiosos por dar a mão aos seus correligionários alemães, e por precipitar a defesa da França nas ratoeiras que estes lhe armavam, de acôrdo com Hindenburg e Ludendorff. Vimos o govêrno alemão abrir créditos nos bancos e ordenar combóios especiais em favor do anarquista Lenine, que ia à Rússia instituir a Sociedade Perfeita, de onde havia de sair a destruïção final do exército russo e o tratado de Brest-Litowsk. E agora estamos vendo, assinado o armistício e sumido o Imperador Diabo por um alçapão de mágica, o seu cúmplice Scheidemann a dirigir o antigo império democràticamente, conservando nas suas pastas e postos o mesmo Hindenburg, o mesmo Bernstorff, o mesmo Solf, conselheiros íntimos de Guilherme II...

Como na Rússia bolchevista, os ministros do novo Govêrno alemão chamam-se «comissários do povo», usam e abusam da bandeira vermelha, e organizam «sovietes» de operários e de soldados. E estas palavras mágicas, estes símbolos atraentes, estas manobras sedutoras, produzem fora da Alemanha o efeito desejado, como se viu nos esboçados movimentos revolucionários comunistas da Suíça, da Holanda e da Suécia.

Mas, ao passo que assim conseguiu já exportar para os países neutros seus vizinhos o micróbio da anarquia, na esperança de o fazer passar de aí para as próprias nações vencedoras, a Alemanha esfomeada e derrotada continua a obedecer disciplinadamente aos generais prussianos, à burocracia imperial; e na sua república de «sovietes», feita para Francês, e Inglês, e Americano ver, fusila-se pontualìssimamente um ou outro cidadão imprudente que, iludido pelas aparências, supõe que na Alemanha republicana se pode roubar e saquear à moda da Rússia livre...

O bolchevismo é o caixeiro-viajante da futura indústria alemã, renascida das nossas cinzas.

Janeiro de 1919.

IX

GUERRA E DEMOCRACIA

A GRANDE Guerra e o seu feliz resultado constituem realmente, como muito se tem dito, a vitória ou a consagração da democracia. Mas é bom ver de que maneira.

Triunfaram as democracias britânica e norte-americana, uma e outra famosas e envejáveis pelo seu profundo senso prático, pelo seu individualismo fecundo, pela sua larga e sábia tolerância, pelo seu maravilhoso poder de iniciativa privada, pelo seu sentido admirável da solidariedade nacional, pela invencível unidade dos seus ideais colectivos.

Triunfou a democracia francesa, exactamente pelo desenvolvimento e pelo esplendor das grandes qualidades nacionais que muitos julgavam amortecidas e que outros, bem poucos,

desejaram e tentaram amortecer; pelo instinto militar e pelo heroísmo da raça; pelo bom-senso popular resistente à loucura das doutrinas políticas suïcidas; pela grave disciplina das almas, mantida conscientemente no sofrimento, na adversidade e no perigo; pela orgulhosa fé numa tradição histórica de dois mil anos de glória, sublimada nobremente contra a perspectiva infame de se deixar degradar a fidalguia latina a escrava e contribuinte dos pretores tudescos.

Triunfou a democracia italiana, depois de se ter concentrado em tôrno do seu rei *sans tache et sans reproche,* e vencido a oposição ou a má vontade interna dos socialistas sem patriotismo; e venceu precisamente pela exaltação do patriotismo, de olhos fitos na grandeza passada, de coração tendido para o resgate dos irmãos de língua e raça.

Pelo sentimento indomável da unidade de língua e raça triunfam também e, mais do que isso, ressurgem e caminham, *surgunt et ambulant,* as democracias novas da Boémia, da Polónia, da grande Sérvia e da Roménia total. E se em Portugal não foi a democracia que venceu, porque em Portugal não há ainda e nunca houve disso, também não podem gabar-se de vence-

doras a demagogia ou a anarquia que temos tido, mas as qualidades profundas e incorruptíveis da Nação: a coragem e a resignação heróica do povo, o instinto da conveniência e da dignidade colectiva, uma e outro resistentes à obra dissolvente, de alta traição e lesa-pátria, realizada por sucessivos governos de loucos, de ineptos, de bandidos ou de crianças.

O que verdadeiramente triunfou por tôda a parte foi, portanto, o que tem pés na terra, raízes na alma e no sangue, alicerces fundos no passado. Triunfou o concreto e o natural — o humano, no sentido zoológico, e não no sentido ideológico. Triunfou tudo aquilo que é antigo pela simples razão de ser eterno: a tríbu, a raça, a língua, a tradição e a história nacional. Triunfou o animal fiel a si próprio e a providência da natureza maternal, contra o animal desvairado e desnaturado, criador estéril de quimeras, pretensioso e funesto reformador do mundo invariável.

Êsse foi derrotado, como sempre o tem sido e o será. Derrotado com o socialismo de Marx, humanitário, pacifista... e soldado fiel de Hindenburg ou Mackensen. Derrotado com Guilherme II, símbolo e cúpula de uma nação atacada do delírio de leccionar e domesticar o

mundo inteiro. Derrotado com Lenine e os Judeus cosmopolitas que estão crucificando a Rússia, em-quanto a Rússia não ressurge do dilúvio de sangue, para fazer com o seu sangue a sua revolta nacional.

Janeiro de 1919.

X

A NOVA ORDEM GERMÂNICA

UMA testemunha ocular do que se tem passado em Munique desde a revolução de Novembro — o correspondente Gentizon — afirma que o espírito dos soldados bávaros, organizados em conselhos ou «sovietes», nada tem de comum com a anarquia brava e louca dos seus homónimos russos.

A primeira diferença é que os conselhos de soldados bávaros só se ocupam de assuntos de interêsse militar e a si próprios se proíbem de intervir na administração civil. A obra dêsses conselhos é revolucionária, de-certo, mas construtiva, disciplinada e sujeita já a preceitos e leis fixas, que ninguém se lembra de transgredir. Os soldados, agora, não fazem continência aos superiores fora do serviço e teem o direito de vigiar, por intermédio dos seus delegados, as cantinas, cozinhas e enfermarias, assim como de impor castigos disciplinares aos homens e aos sargentos. Podem propor a nomeação ou desti-

tuïção de um chefe, mas esta proposta depende da aprovação regular do «comissário dos negócios militares», isto é: do Ministro da Guerra; e uma das principais atribuïções dos conselhos dos soldados é a de promover que os «camaradas» cumpram bem e conscienciosamente os seus deveres de soldados, começando por executar em perfeita disciplina as ordens do comando, que continua a pertencer exclusivamente aos chefes militares.

Estamos, pois, em presença de uma nova «lei», de uma «organização» democrática do Exército, estabelecida «metòdicamente», como reacção à severidade da disciplina prussiana — e não, como na Rússia, em pleno mundo-às-avessas, em plena desordem caótica e em plena anarquia desumana.

— Os soldados que veem da frente (explica P. Gentizon) opoem-se, de modo geral, a tôda a espécie de desordem. Foram tão bem domesticados outrora por uma forte disciplina, que nem sequer podem conceber a grande zaragata à moda russa. Por instinto, como todo o Alemão, êles repelem a anarquia...

¡¿E então?!

E então confessemos que, apesar da derrota,

a Alemanha conta para o futuro com melhores auspícios, do que aqueles que, na desordem actual das coisas e das cabeças, se oferecem a muitos dos seus adversários triunfantes.

Vacinada pela educação contra o contágio da anarquia, ela continuará a edificar e a organizar em pleno caos, ao passo que outros se dissolverão e suïcidarão, na inútil tentativa de imitá-la.

Janeiro de 1919.

*

* *

— As doutrinas, as apreciações críticas, os sistemas, os livros, quási que envelhecem tão de-pressa como o homem. O pensamento que há vinte anos parecia uma verdade nova pode hoje parecer apenas um problema não resolvido, e até um êrro condenado...

Assim pensava e dizia Alexandre Herculano, ao lavrar o prefácio da primeira reedição dos seus *Opúsculos*. Era isto em 1873 — há quási meio século. ¿Que diria hoje Herculano, se fôsse vivo, da rapidez com que teem não só envelhecido mas morrido, nestes últimos cinco anos, os livros, os sistemas e as doutrinas? ...

Mais ainda: ¿que diria êle, se visse que as «certezas» e os «factos» de há três meses são hoje dúvidas, possibilidades e hesitações?

Há três meses tinha a Alemanha sido «esmagada», e forçada a assinar um armistício «cruel», pelas tropas de quinze nações, sob as ordens de um grande general francês. Hoje a França vencedora está já reduzida a envejar e até a recear outra vez a Alemanha vencida.

Ao passo que a conferência da Paz, reünida em Paris, não tomou ainda uma só deliberação importante que pràticamente sancionasse a vitória, a Alemanha trata de administrar com bom-senso e sem perdas de tempo a situação que lhe ficou da derrota. Ao passo que os seus adversários de ontem, de braços atados perante o mundo, continuam inactivos e hesitantes na adoração dos princípios, a Alemanha, de pernas livres no seu mundo próprio, avança direita e certeira aos seus fins. Ao passo que os socialistas inglêses e franceses não dão licença que os seus Governos governem, os socialistas alemães governam, governam à alemã e governam para a Alemanha. Ao passo que a vida industrial, comercial e financeira da França tem de aguardar talvez uma dezena de anos para voltar a ser o que era, a Alemanha, com a sua dívida de guerra distribuída em família, com as suas

fábricas intactas e com as matérias primas da Rússia à mão de colhêr, está pronta para recomeçar amanhã o trabalho interrompido há cinco anos. Ao passo que o imperador derrotado, o autor de dez milhões de mortes, vive tranqüilo no seu retiro de Amerongen, Wilson, o defensor do Direito, é esperado na sua pátria com punhais ou pistolas; e Clemenceau, um dos grandes organizadores da vitória dos povos, escapa por milagre a um atentado anarquista . . .

O mundo marcha, e já não é difícil calcular para onde. Parabéns a Herculano, por já não ter «vontade de morrer».

Fevereiro de 1919.

XI

A «ARRUMAÇÃO»

ESTÃO refugiados na Suíça, desde antes da Guerra, uns trinta mil Alsacianos e Lorenos, cada vez mais ansiosos por que o Govêrno francês lhes permita pôr têrmo ao seu exílio. Em-quanto esperam êsse dia feliz, os Alsacianos e Lorenos imigrados na Suíça gozam ao menos de um lenitivo de que não dispunham durante a Guerra: já podem escrever aos parentes, aos amigos e às pessoas com quem teem negócios a tratar, e que ficaram residindo nas duas províncias agora libertadas.

Infelizmente para êles, as cartas levam ainda um mês e mais a chegar da Suíça à Alsácia, que é alí ao pé — o que já fêz dizer a um jornal francês, aliás circunspecto, que não é esta a melhor maneira de promover o levantamento económico da Alsácia e da Lorena, e que a burocracia de França faria bem em atender a certos hábitos de ordem *a que os Alsacianos e Lorenos estão afeitos.*

Impressiona bastante ver assim o elogio da ordem alemã feito por um Francês, e de mais a mais a propósito dos territórios cuja administração a França vai assumir depois de os ter libertado, pelo seu heroísmo, das garras do conquistador germânico.

Dizia eu há mais de três anos, quando a Alsácia ainda era alemã: «A Alsácia está *próspera,* porque tem as ruas mais varridas, *os correios mais pontuais,* as escolas mais eficazes, o comércio e a indústria mais ricos, do que no regime francês. A Alsácia não está *feliz,* porque se sente menos bem tratada, menos livre, menos Alsácia, sob o domínio alemão. Se a compararmos a uma criança, diremos que ela andava dantes com o nariz sujo e comia pão sem manteiga, mas vivia com uma mestra indulgente; e que agora traz as botas muito bem engraxadinhas, tem sobremesa todos os dias, mas sente-se vigiada de perto por um prefeito de má catadura. Além disto, a Alemanha é o presente e a França é o pretérito. Ora o Pretérito, ao menos fora da gramática, é sempre perfeito e mais que perfeito» (1).

(1) V. o nosso livro *Europa em Guerra,* pág. 295.

Em poucos anos, o Pretérito deixou de ser a França e passou a ser a Alemanha. Conhecedor da regra psicológica, já há em França quem receie que os Alsacianos estejam com saüdades da perfeição dos correios alemães. ¡ Ó mundo louco e vário! Quem se propôs arrumar-te não sabe em que se meteu. E, felizmente, nós também não sabemos de chofre em que é que nos meteu a todos o aliás nobilíssimo desejo da grande e definitiva arrumação. Oxalá só o aprendamos de-vagarinho, sem grandes palmatoadas da Desilusão...

Março de 1919.

XII

LE MONDE NE MARCHE PAS

As declarações políticas dos ministros comunistas da Hungria não jogam umas com as outras, como é natural: a orquestra do sovietismo magiar não está ainda afinada, porque não encontrou ainda o seu Lenine — o seu regente único e definitivo.

Ao passo que o novo embaixador Bolgar, que funciona em Berlim, intima as nações aliadas do Ocidente a retirarem de Budapest as suas missões militares e as suas tropas, o comissário dos negócios estrangeiros, Bella Kun, afirma que o Govêrno dos «sovietes» húngaros deseja manter com a «Entente» relações amigáveis. E acrescenta: «Não insistiremos de modo exagerado no problema das fronteiras da Hungria. O meu programa, baseado sôbre a fraternidade e sôbre a Internacional universal, impõe-me a êste respeito o mais amplo liberalismo.»

Ministro há dois dias, e pela fôrça de uma revolução que se justificou em o exagêro das exigências territoriais da «Entente», Bella Kun declara-se liberalmente disposto a diminuir a pátria para aumentar a fraternidade universal; e, ao mesmo tempo que diz querer conservar-se em relações amigáveis com a «Entente», chama à Hungria as tropas de Lenine, prende ou interna as missões militares ocidentais e, pela bôca do seu subordinado Bolgar, embaixador em Berlim, convida as potências aliadas a retirarem do território húngaro os seus exércitos de ocupação.

Tudo isto é claro como água — mas sob a condição de o não turvarmos com a lógica do Presidente Wilson. Aferindo estas contradições e disparates pela lógica dos factos, que é a única aplicável, logo se vê que tanto Wilson como Bella Kun sabem tanto o que estão dizendo e fazendo, como a maçã de Newton sabia que ia a cair em direcção ao centro da Terra.

Entre duas quimeras contraditórias — a quimera wilsoniana da igualdade e fraternidade das nações, e a quimera sovietista da fraternidade e igualdade dos povos — caminha sôlta e livre, soberana e indiferente, a realidade fatal, empurrando os bárbaros de Oriente para Ocidente.

Cada cego vê a seu modo aquilo que não

pode ver. Uns vêem a Utopia, que ninguém viu nunca; outros julgam estar vendo uma nova Revolução Francesa, destinada a libertar o povo como a outra libertou (?) a burguesia; e os que se imaginam menos míopes olham mais para longe e julgam que Bisâncio se chama hoje Londres, Roma, Paris e também Nova-Iorque.

*

* *

Pelo visto continuam a Europa e, portanto, o mundo inteiro, a ser empurrados intemeratamente para uma nova Idade-Média, graças ao idealismo irresoluto, ou à timidez ultra-prudente, ou à hipocrisia imperialista de meia dúzia de homens eminentes que se incumbiram de lhes dirigir os destinos.

Esta meia dúzia de *pro-hombres,* ou super-homens, está rodeada, para resolver melhor, de meio milhar de conselheiros técnicos, cuja única função prática consiste naturalmente em embrulharem de forma inextricável os problemas mais comezinhos. E como o que triunfou na guerra mundial foi, *segun se cuenta,* a Democracia, o Direito, a Liberdade dos Povos e a Soberania das Nações, é de tôda a evidência que de cada vez que a Conferência da Paz se digne dar à luz,

com a assistência das suas mil e uma parteiras, uma resolução do tamanho de um rato, será preciso levar o interessante recem-nascido a todos os parlamentos dos países aliados e associados, os quais dirão se se consideram ou não como verdadeiros e derradeiros pais da criança — sem o que ela não pode correr, nem viver.

Graças a êste admirável mecanismo, não há ainda adquirida, desde o armistício de 11 de Novembro, uma única deliberação conducente à Paz, que não tenha sido tomada militarmente, pelos homens que dirigiram e venceram a Guerra. E os estadistas que em Paris se reúnem para colhêr politicamente os frutos da derrota do militarismo de Guilherme II, não fazem outra coisa (visto que nada fazem além de perder tempo) senão entregar a Europa e o mundo, de mãos atadas, ao militarismo de Lenine ou Trotsky.

Muito a propósito diz aqui um dos meus tira-teimas que *monarquia* vem do grego *monos*, «só, único», e *arkhein*, «mandar, dirigir»; e diz o *Morning Post*, jornal inglês dos mais acreditados, que o alastramento do bolchevismo à Hungria mostra claramente a urgência de se aplicar ao domínio diplomático, para assegurar e conduzir a paz europeia, o sistema da *direcção*

única, que tão bom resultado deu no domínio da estratégia, e sem o qual se não teria consumado a derrota alemã.

«O sr. Lloyd George (continua o *Morning Post),* convenceu-se finalmente de que é indispensável confiar a direcção dos trabalhos da paz ao melhor cérebro diplomático, isto é: ao sr. Clemenceau que, comparado aos outros diplomatas, está à altura de Foch, comparado aos outros generais. Se tal se não fizer, correremos o risco de se perder, pela diversidade de opiniões dos políticos, o que os exércitos ganharam graças ao sistema da direcção única.»

A Conferência inumerável decidiu-se já, um dêstes dias, a aproximar-se do ideal do *Morning Post* e da definição que o Dicionário dá de monarquia: *arkhein,* direcção: *monos,* única. Já está reduzida a uma *tetrarchia,* que é o Conselho dos Quatro; e com mais um esfôrço de progresso, e uma inspiração de bom-senso, passaria finalmente de quatro a três, de três a dois e de dois a um ¿Chegarão os Aliados mais de-pressa à direcção monárquica, do que a Europa ao esfacelo anárquico? *That is the question.*

O que não oferece dúvida é que o mundo social tem andado para diante, nestes poucos anos, o bastante para desandar para trás uns

poucos de séculos outra vez. Só o mês de Novembro último viu nascer uma infinidade de «democracias» no mesmo chão europeu, onde algumas coroas e scetros contavam um passado milenário. Passou-se assim ràpidamente da *miriarquia* parlamentar à *anarquia* soviética: e é da Inglaterra, do país da *Magna Charta* e da democracia perfeita, que vem agora o grito saüdoso e ansioso, pedindo a tôda pressa o govêrno de um só.

Resta saber se os novos reis que estão para vir hão-de apoiar-se nos soldados, como os antigos, ou se se apoiarão nos operários. O socialismo actual talvez não tenha outro remédio senão fazer-se monárquico, para se salvar da anarquia, sua vizinha, não havendo motivo para espanto na futura existência de reis socialistas, visto que a Rússia e a Hungria nos estão já dando o exemplo vivo, embora muito mais disparatado, de irem vivendo ou morrendo com as suas monarquias anarquistas de Lenine e Bella Kun.

Verdade seja que o primeiro cuidado destas novas majestades farraposas, surtas do destronamento ou do assassínio das antigas majestades doiradas, consiste em rodearem-se de uma côrte de trinchantes e estribeiros-mores, de uma guarda de janízaros fiéis e de um exército de

guerreiros invasivos e conquistadores. E nisto não se distinguem elas grandemente do Imperador Carlos Magno, do Sultão Orcan Gazi, ou do tremendo Átila, terror da Terra, flagelo de Deus e Rei dos Hunos.

Leitor amigo: saímos da Grande Guerra, mas já não saïremos tão de-pressa da Grande Trapalhada. E o nosso único lucro está em ficarmos sabendo, à nossa custa, que o mundo não «marcha» tal, como pensava há sessenta anos um político feliz, do tempo em que a Política era quási bucólica; mas que o seu verdadeiro destino é cambalear ou, quando muito, marcar passo...

*
* *

Se é certo que Deus fêz os nossos olhos errados, ou que não existe na Terra, como diz Bernardo Shaw, um homem que veja as coisas como elas são, seja-me lícito, ao menos, deitar os olhos para êste mundo de hoje e dizer francamente o que vejo por êles. E se os outros vêem coisa diferente, e melhor, não lhes peço nem desejo senão que continuem, e ainda por cima os propicio e animo com os meus parabéns.

O que eu vejo, olhando para o mundo, é que os homens que dirigem a política universal, ou acreditam que a estão dirigindo, parecem ter saído sem transição daquele inferno da guerra que julgaram vencer, para o Céu dos pobres de espírito, cujo Reino não é dêste mundo.

Vejo uma conferência da paz com a Alemanha, que parece uma conferência de guerra entre os Aliados de ontem. Vejo que a Gram-Bretanha, a França, os Estados-Unidos, a Itália e o Japão não conseguem pôr-se de acôrdo sôbre a divisão e até sôbre o destino dos navios de guerra tomados à Alemanha, que no em-tanto são pilhas de aço, bem visíveis e bem divisíveis — e apesar disto esperam ainda poder chegar a uma conclusão harmónica e prática sôbre a divisão e os destinos da Europa, da Ásia e da África.

Vejo trasladar em artigos e parágrafos o grande sonho da futura Sociedade das Nações, ao mesmo tempo que as nações presentemente associadas se entendem entre si próprias cada vez menos, e nem sequer se entendem para acudir urgentemente, no interêsse vital e evidente delas mesmas, à dissociação anárquica, progressiva, da Rússia, da Alemanha, da Polónia,

da Áustria, isto é: de meia Europa e de uma grande parte da Ásia.

Vejo a desilusão germinar e crescer entre os povos pequenos, a quem se prometera uma Sociedade das Nações igual para todos, e que agora se vêem alcunhados depreciativamente, como sempre, de «*petites puissances*», «*états sécondaires*», «*états à intérêts particuliers*», e como tais impedidos de deliberar ùtilmente sôbre o seu próprio futuro e a sua própria existência.

E vejo ainda outras coisas que não digo agora, para não desmanchar os poucos prazeres que ainda restam do prazer da vitória.

Abril - Maio de 1919.

XIII

TRATADO DE PAZ

NÃO pode, nem podia fazer-se a paz que alguns sonhavam, porque não fazem senão sonhar: a paz do justo equilíbrio da Justiça e do Direito. Fez-se, ou vai fazer-se, a única paz possível e humana — humana, de *homem* e não de *serafim;* humana, e não humanitária. Fez-se, ou vai fazer-se dê por onde der, ou está feita desde que a relojoaria dos exércitos germânicos desandou em caranguejola — não a inédita, inaudita, insólita e insípida paz wilsoniana, mas a velha e eterna paz darwiniana — a paz do vencedor em cima dos vencidos, e do crèdor na pele do devedor.

A paz sonhada, que Deus haja (pois Êle, só, possui e governa o monopólio da harmonia celestial) seria autónoma e automática, fazendo-se e mantendo-se por si própria, no *immotu* contínuo da igualdade, da fraternidade e da bem-aventurança entre as nações. A paz ataman-

cada em Paris, tal qual a de Viena ou Vestfália, precisa de *garantias* exteriores: de espeques e muletas que lhe permitam manter-se direitinha, ou dar alguns incertos passos no caminho do futuro; precisa de um capacete de aço que lhe proteja a fronte contra a prevista cacetada da desforra; precisa, em-fim, de todos os escudos e arreios que são indispensáveis a uma paz sem pés, nem cabeça.

Adiados *sine die* todos os problemas difíceis, disfarçados à pressa todos os inconfessáveis interêsses, fechados os olhos a tôdas as impossibilidades evidentes, cozinhou-se em Paris, para servir ao mundo esfomeado de sossêgo e ordem, um *equilíbrio mundial* mais instável do que o falecido *equilíbrio europeu*. E já um jornalista suíço, certamente apavorado com a ideia de ter a Sociedade das Nações ali ao pé da redacção, que é em Genebra, e de não poder escrever os seus editoriais no barulho que a harmonia e fraternidade delas vai fazer — prevê aflito que o ano de 1934 vai ser uma data extremamente crítica para a Europa: — Uma quantidade de situações provisórias, diz êle, tornar-se hão definitivas nesse ano. Todos os problemas que não foi possível resolver agora apresentar-se hão ao mesmo tempo. E é justamente em 1934 que caducará o direito de ocupação da margem

esquerda do Reno: é êsse o têrmo que o tratado fixa às garantias militares destinadas a proteger o Ocidente...

Se o tratado estalar pelas costuras só em 1934, ainda o poderemos considerar uma obra-prima, e felicitar os quatro alfaiates de Paris por terem conseguido talhar e alinhavar a camisa de fôrças mais difícil, que jámais se encomendou a costureiros de manicómio.

Maio de 1919.

*

* *

A peixeira e a frèguesa são partes integrantes de um todo indivisivel. Mas são também partes litigantes de uma demanda que nunca acaba, senão para começar outra vez.

A frèguesa, sem a peixeira, não come a sardinha; a sardinha, sem a frèguesa, apodrece inglòriamente na canastra da peixeira. E quando a gente passa pelas duas e as ouve discutir com inabalável convicção, uma a pre-excelência do vintém sôbre o peixe, outra a supremacia do peixe em face do vintém, tranqüilamente nos afastamos, convencidos de que os dois se

equivalem mais ou menos, e de que as duas acabarão por se entender.

Vai já em oito dias que as condições de paz foram propostas aos delegados alemães e que o mundo inteiro tem visto que tôda a gente as acha péssimas. O Parlamento inglês não gostou, o Marechal Foch não gostou, a Bélgica e Portugal não gostaram. E da Alemanha, nem se fala. Ouvi-la gritar *aqui del Wilson* o mesmo é que convencer-se a gente de que a frèguesa morrerá de fome, se der o vintém da assinatura do Tratado pela imprescindível sardinha da Paz. Mas, como a sardinha, apesar de magra e pequena, é comestível, podemos estar tranqüilos: a Alemanha comerá a sardinha e, exactamente por isso, viverá.

É certo que, ao contrário do que sucedeu nos primeiros dias seguintes à comunicação das duras cláusulas, a Alemanha afirma agora, e pela bôca do próprio presidente da Imperial República, que nunca assinará tal tratado. Isto é categórico, mas indiferente, porque significa apenas que Ebert não assina, ou não assina dentro do prazo estabelecido, mas assinará depois de findo êste, ou entregará a pêna a outro assinante. Assim também a frèguesa muitas vezes diz que não compra, e vai-se embora, mas afinal volta, ou manda a filha, e merca a sardinha.

O Tratado é péssimo, porque não é bom. Mas é única solução do problema de hoje, que é também o único que tem de ser resolvido hoje. Amanhã, Deus dará. Dará outra sardinha, dará até, com certeza, uma grande pescada. Deus é bom, sobretudo quando se compara com os homens. E o Deus alemão não abandonará a Alemanha, porque a Alemanha não o abandonou a êle. O Tratado é o Diabo; mas como só governará quinze anos, não passa de um pobre diabo. Durante êsse tempo, Deus governará também o seu bocado; e, findo êle, governará sòzinho, e refará a História, e curará a Desgraça, e vencerá o Diabo e vingará a Alemanha.

A Alemanha assina. A Alemanha come a sardinha. A Alemanha saboreará as espinhas de hoje, antegostando os futuros banquetes.

Maio de 1919.

*
* *

Para ver se consegue embolar o tratado de paz, a Alemanha está jogando com os descontentamentos e irrequietismos operários de tôda

a Europa ocidental; e quási tôdas as organizações operárias de quási tôda a dita Europa estão já fazendo o jôgo da Alemanha.

Criticando as duras cláusulas impostas pelo vencedor ao vencido, Alemanha e socialismo ocidental falam exactamente a mesma língua: que as catorze virtudes internacionais do Presidente Wilson foram já escamoteadas e substituídas pelos catorze pecados contrários; que à prometida paz de justiça corresponde na realidade uma ferocíssima paz de violência; que o tratado proposto vai trazer, não a harmonia universal e eterna, anunciada no cartaz, mas uma boceta de Pandora atulhada de novas rivalidades e novas guerras; que as suas cláusulas foram ditadas, não pela fraternidade dos povos, mas pelas fúrias burguesas do capitalismo, do militarismo e do imperialismo social.

Alemanha e socialismo ocidental falam a mesma língua, porque foram ambos vencidos. À vitória ganha tão duramente pela França contra a Alemanha chamam os socialistas franceses *venenosa,* porque lhes estraga, ao menos por agora, a atmosfera revolucionária que êles desejariam pura de todos os elementos hostis: de patriotismo exaltado, ou de nacionalismo satisfeito. E os socialistas de todos os outros países vitoriosos, políticos acima de tudo, como os fran-

ceses e como todos os políticos, preparam-se por tôda a parte para denunciarem indignadamente uns aos outros o que os governos vencedores tiram ao povo alemão, fingindo-se ignorantes ou esquecidos do que o govêrno alemão arrancaria aos outros povos, se tivesse vencido, e do que a Alemanha nos sugou e queimou a todos nós, em sangue e fazenda, apesar de vencida.

A verdade é que a Paz, tal como foi possível cozinhá-la com as cascas e restos do que a Guerra devorou, vai ser má para todos, e só pode parecer sinceramente péssima àqueles ingénuos ou distraídos que supunham possível um banquete universal, logo a seguir às loucas destruïções, quási gerais, de quatro anos. Nenhum dos que na Guerra entraram *y trouvera pour sa faim;* e se os socialistas dão licença, não se vê motivo forte para que a Alemanha coma à farta, onde todos terão que jejuar.

Outubro de 1919.

XIV

OS PECADOS MORTAIS

CONVÉM reduzir outra vez por tôda a parte, na Europa escanzelada pela Guerra, o número dos ministérios, para ver se as nações, entregues de novo a si próprias e libertas do burocratismo tentacular e agressivo, retomam o equilíbrio perdido. Mas convirá talvez, ao mesmo tempo, alterar o quadro das repartições de outrora e mudar-lhes os nomes, porque a antiga divisão do trabalho ministerial não parece adequada às novas circunstâncias e às novas mentalidades.

Na Inglaterra iniciou-se já esta renovação, com o estabelecimento de um conselho que funciona ao lado ou acima de todos os ministérios, e cuja tarefa consiste em estudar a maneira de cortar e encurtar despesas, pela supressão de muitos cargos e organizações burocráticas inúteis, que a liberalidade dos políticos instituiu nos últimos cinco anos, com o pretexto de acudir

às necessidades anómalas do tempo de guerra, mas na realidade para satisfazer a gula do parasitismo.

Os Inglêses chamam a êsse conselho «os cães de guarda do Tesouro», e esperam dêle grandes coisas. Tempo virá, de-certo, em que a interessante instituïção seja ampliada, e elevada às honras de ministério permanente e autónomo. Eu proporia desde já que se lhe chamasse o «Ministério da Avareza», visto que se destina a combater e sofrear a gula burocrática, pecado novo da Gram-Bretanha desmoralizada pela Guerra e tão diferente daquele antigo poço de virtudes, que outrora se apresentava por modêlo da energia e da independência individualista, como símbolo e sé da «superioridade anglo-saxónica».

¿E não estará nêste caso da gula burocrática, e da avareza com que é preciso defender o Tesouro, uma indicação nítida para se reduzir a sete o número exorbitante dos ministérios e para se lhes darem os nomes dos sete pecados mortais?

O «Ministério da Preguiça» já existe, aliás com o título hipócrita de Ministério do Trabalho — do trabalho cada vez mais pequenino, a desaparecer no seio fôfo do Descanso cada vez maior.

E o «Ministério da Luxúria» tem de criar-se quanto antes, para satisfazer às novas e urgentes necessidades desta sociedade perdida, que desaprendeu as virtudes da resignação, do idealismo e da modéstia, e loucamente se precipita no abismo de tôdas as sensualidades.

Se a pasta da Guerra passar a intitular-se «da Ira», ter-lhe hemos mudado o nome, e não a função ou o espírito. Quanto aos Negócios Estrangeiros, êsses ficarão bem no «Ministério da Enveja», agora que, vencida a Alemanha soberba, cada um dos vencedores, e aliados queridíssimos, lança ao vizinho o olhar vesgo que exagera e envenena a vantagem alheia...

Outubro de 1919.

XV

CREPÚSCULO DA DEUSA ESTERLINA

TRANSFORMADOS os bancos emissores em imprensas, os erários públicos em papelarias e os ministros das Finanças em fabricantes e passadores de moeda falsa, vieram os câmbios da Europa de escantilhão por aí abaixo, nos países europeus beligerantes, a ponto de que, para se comprar agora um ovo cru a qualquer país neutro, é preciso pagar-lhe com três ou quatro resmas de notas de Banco.

Um escudo do snr. António José de Almeida já vale menos do que um pataco de D. João VI; o franco perdeu metade da sua franqueza, que já não era muita; a lira italiana toca a rachado; o marco marca pouco mais de zero; a coroa austríaca vale menos que uma coroa de padre casado; e a própria libra inglêsa, a libra de Rothschild e Baring Brothers experimenta igual-

mente, depois de muitos anos de esplendor ininterrupto e indiscutido, as agruras e vexames da decadência, pois já foi desbancada pelas unidades monetárias de seis países não britânicos: pelo dólar americano, pelo florim holandês, pelo franco suíço, pela coroa sueca, pela peseta espanhola, pelo pêso argentino.

Para restaurar o esplendor antigo da moeda inglêsa era preciso que o Inglês fabricasse mais produtos, arrancasse à terra mais carvão, e mandasse vir de fora menos petisqueiras, menos gramofones, menos pianos e menos automóveis. Mas o Inglês não está para aí virado.

O Inglês que criou e acreditou a libra esterlina não foi pròpriamente o *lord*, o homem rico, o viajante universalmente conhecido pela sua maneira especial de conversar com os outros povos, tirando da bôca sons estranhos que ninguém percebia, e da bôlsa rodelas de oiro que todos entendiam na perfeição.

Quem fêz nascer e proliferar o dinheiro esterlino foi o mineiro, o marinheiro, o pescador, o tecelão, o maquinista, o operário inglês — o trabalhador enfarruscado e rude, que a Guerra começou a desmoralizar, transformando-o em soldado, e a vitória desmoralizou de todo, alcandorando-o em herói e em senhor. A vitória da Gram-Bretanha arruïnou a Gram-

-Bretanha, porque veio mudar o trabalho em preguiça, a actividade em sibaritismo e a libra corrente em libra fiduciária.

Mas êste mau bocado há-de passar, porque o operário inglês tem juízo e tem bom-senso. O operário inglês é tôda a Inglaterra — nação feita de cidades e fábricas, onde quási não há agricultura. Se o operário inglês tivesse perdido todo o juízo e todo o bom-senso, a sua sorte fatal, e próxima, seria a de morrer de fome. A prova de que os não perdeu é que ainda está vivo e são; é que a Inglaterra não caíu na anarquia e no caos. Não caíu, nem caïrá. O operário inglês não é o *mujik* russo. E êle é que há-de ensinar o mundo a progredir sem se suïcidar.

Novembro de 1919.

XVI

O GRANDE «SILÊNCIO» BRITÂNICO

NA terça-feira 11 de Novembro às 11 horas da manhã — décima-primeira hora do décimo-primeiro dia do décimo-primeiro mês — celebrou-se em todo o Império Britânico o primeiro aniversário do Armistício. Essa comemoração solene, que vai repetir-se todos os anos no mesmo dia e à mesma hora, partiu da iniciativa do rei Jorge V e consistiu no seguinte: no momento combinado e marcado por todos os relójios de todo o Império, prèviamente regulados para assegurar a desejada simultaneidade em todos os meridianos, interrompeu-se o trânsito, o trabalho e o ruído cessaram durante dois minutos e consagrou-se à meditação ou à oração êsse curto espaço de tempo.

Por tôda a parte, no Reino-Unido e nos Domínios, de Londres à Nova Zelândia, a

ordem dada pelo Rei foi rigorosamente cumprida, unindo-se todos os súbditos britânicos nessa acção de graças simultânea: dois rápidos minutos de silêncio — homenagem e prece ao mesmo tempo. No mesmo momento elevaram-se assim, de centenas de milhões de corações, o mesmo pensamento e o mesmo sentimento, à memória daqueles que morreram, para que a grande Pátria escapasse triunfante ao grande perigo.

Foi uma comemoração grandiosa na sua austera simplicidade. Durante dois minutos todo o povo britânico interrompeu os seus negócios e as suas ocupações ordinárias, e, de pé, com a cabeça descoberta religiosamente, cada um se recolheu na saüdade e no agradecimento aos mortos gloriosos.

Em Londres foi transmitido por morteiros, ao soar das onze horas, o sinal esperado para se dar princípio ao *Grande Silêncio*. E o ruído da metrópole enorme cessou repentinamente pelas ruas. As carruagens, os pesados auto-omnibus e os outros automóveis, as carroças, todos os veículos pararam a um sinal dos polícias de serviço. Os piões estacaram e descobriram-se. Os trens subterrâneos cessaram de correr.

Por todo o Império pararam os combóios em tôdas as linhas de caminhos de ferro; e em

todos os mares os navios britânicos suspenderam as suas viagens, em-quanto as tripulações, formadas no convés e na posição de *sentido*, prestavam aos camaradas mortos a mesma homenagem que naquele mesmo instante rendiam ao mesmo objecto os soldados de tôdas as armas em todos os quartéis e paradas do território imperial.

E nas lojas como nas fábricas, nas escolas e nos hospitais, nas ruas e nas casas, por tôda a parte foram suspensos durante os mesmos dois minutos o estudo, o trabalho, a alegria, o ruído — e transformada em oração tôda a espécie de actividade...

— ¡Eis aí (diz uma testemunha) uma forma de comemoração e de homenagem que só podia conceber e executar um povo fundamentalmente religioso!

— ¡E fundamentalmente branco! acrescentaremos nós.

Novembro de 1919.

XVII

AS FINANÇAS DA PAZ

SEMPRE me interessaram muito os problemas financeiros, porque, de todos os problemas que tenho visto propor, são estes os únicos que mais vezes se classificam de insolúveis e outras tantas aparecem resolvidos por si sós, a contento de todos e sem a menor intervenção da sciência das finanças.

Pelo contrário. A sciência das finanças parece-se muito com aquele professor de química superior, que falava muito bem, mas errava tôdas as reacções, e sempre que dizia: *¡sai prêto!* verificava, com espanto seu e dos alunos, que o fundo do tubo do ensaio estava branco de neve.

A sciência das finanças tem também um pendor especial para prever o advento do negro absoluto ao cabo de tôdas as reacções que estuda ou tenta explicar. Ainda me lembro do que se dizia e demonstrava, antes da Guerra,

a propósito dos seus aspectos e conseqüências financeiras; e o estrondoso fiasco das previsões feitas ensinou-me a rir uma vez por tôdas de semelhante jôgo scientífico.

Agora diz-se que a França, a Bélgica, a Sérvia, Portugal, a Roménia, etc., vão ficar arruïnadas, ou quási, visto que a Alemanha não pode pagar senão uma parte mínima dos biliões que êsses povos, países ou Estados pediram emprestado para lhe fazerem guerra. E prova-se isto com números que são realmente irrespondíveis, a não ser com as lágrimas de quem ainda acredita nêles, ou os sorrisos dos que já aprenderam a desconfiar.

Os números financeiros são realmente irrespondíveis; mas, como não são imperguntáveis, pergunto eu:

— ¿Se os que pediram emprestado ficam arruïnados, como é que ficarão os que emprestaram? ¿Se os que pediram não podem pagar, quem é que verdadeiramente fica arruïnado, senão quem deu? ¿E quem é que deu, afinal? ¿Foram os povos que emprestaram aos Estados, isto é: a si próprios? ¿Ou foram certos Estados que emprestaram a outros? No primeiro caso, se a dívida é ficção, se o pagamento seria ficção, ¿como pode a ruína ser realidade? No segundo caso, ¿como se entende a alegada

ruína da França, da Bélgica, etc., se os verdadeiramente arruïnados devem ser, não êsses, que não podem pagar, mas a Gram-Bretanha e os Estados-Unidos, que não poderão receber? E se, por maravilha financeira, todos afinal veem a ficar arruïnados, isto é: pobres — ¿como pode entender-se essa maravilha, dado que «riqueza» e «pobreza» são conceitos relativos, e dizer *todos pobres* ou *todos ricos* equivale a mudar de bitola, e não de dimensão?...

Junho de 1919.

*

* *

Os câmbios dos países beligerantes europeus continuam a descer às profundas, em-quanto sobem os dos neutros e o dólar americano se exalça às nuvens. E isto atira ao chão, amarfanhadas e desfeitas, tôdas as congeminações e esperanças que se tinham formado em volta do plano grandioso e preguiçoso do abastecimento da Europa pela América.

— ¡Bem haja, pois, o câmbio (digo eu), que assim se apresenta como o nosso único professor de energia e trabalho!

Mas os financeiros, coitados, andam de pêsames e não sabem aonde isto vai parar. É evidente que os financeiros não sabem isto, porque não sabem nada e continuam insusceptíveis de aprender seja o que fôr. Quem se fiar nêles morre de fome ou de pavor, e senão veja-se êste mesmo caso do abastecimento da Europa e da cambalhota do câmbio europeu. Há meses diziam-nos êles: *Descansem, que vem aí já da América o almôço, o jantar e a ceia;* e agora gemem: *¡Que vai ser de nós, se tôda a nossa papelada não chegar, dentro em pouco, para pagarmos ao Presidente Wilson uma côdea de pão!?*

Já não é a primeira vez, desde que há mundo, e papel a fingir de dinheiro, que o papel fica reduzido às suas justas proporções de papel, e o mundo segue para diante, a comprar e a vender, a comer e a beber, a gozar e a sofrer, como antes.

No tempo do Directório passaram os chamados *assignats* a valer ainda menos do que pesavam, que era pouco, e nem por isso a França deixou de ter músculos e ganas para conquistar logo a seguir meia Europa, sob comando e inspiração de Bonaparte.

Nos nossos próprios dias, aí temos o caso do México, instrutivo e reconfortante. Até 1912,

sob a presidência de Porfírio Diaz, o México andou de finanças tão prósperas, que conseguira colocar no mercado de Nova-Iorque um empréstimo oficial de quarenta milhões de dólars ao juro de 4 % e à cotação de 94. Depois vieram os anos de luta civil, e o Estado arruïnou-se, deixou de pagar os juros da dívida desde 1914 até hoje, e imprimiu resmas e resmas de papel-moeda com curso forçado, que naturalmente acabou por perder todo o valor.

¿Morreu por ventura de fome ou de mêdo a população mexicana, porque os papelinhos onde o Estado pintava o retrato de uma piastra de ouro não se pareciam sequer com um vintém de papel? Nada disso: a população, que sàbiamente aferrolhara a seu tempo o oiro e a prata, lançou mão do velho e afinal eterno sistema da troca para efectuar as suas pequenas transacções; e, como um país não pode hoje viver sem moeda, o oiro e a prata aferrolhados começaram pouco a pouco a desaferrolhar-se e vieram substituir, nas maiores transacções particulares, a moeda oficial desprezada. E logo o mundo assistiu a êste espectáculo naturalíssimo, profundamente estranho, extraordinário e espantoso para os financeiros: o câmbio mexicano, que até então fôra baixando até zero, subiu de um dia para o outro, na escala centígrada, do

zero em que tinha congelado aos 100 graus da ebulição perfeita. O estalão-oiro ficou assim estabelecido, e o México, que é um Estado falido, figura actualmente entre as raras nações de circulação metálica e de câmbio à paridade do oiro.

¿Que fará agora a pobre Europa, se o seu câmbio continuar a baixar? Quando oficialmente o franco francês, a libra inglêsa, o escudo português, a corôa austríaca, o marco alemão e a lira italiana não chegarem sequer para se mandar tocar um cego em Nova-Iorque, no Rio de Janeiro ou em Buenos Aires, a pobre Europa (tão rica como antes e como sempre, visto que a sua única riqueza verdadeira é a sua população e o seu trabalho) a pobre Europa *fara da se:* porá de banda a moeda oficial sem valor e arranjará outra moeda que valha. As nações dissociarão o seu crédito do dos seus respectivos Estados em falência, restabelecendo a moeda metálica, ao modo do México, ou instituindo outra moeda fiduciária com outro penhor metálico bastante.

No exemplo mexicano temos nós um caso reconfortante de cura espontânea, que mais uma vez nos ensina e nos prova aquilo que só os financeiros ignoram: que na economia como

na fisiologia, nas finanças como nas doenças, a boa natureza sabe o que os curandeiros ignoram, e cura muitas vezes os males causados pelos mata-sanos com os seus próprios remédios.

Outubro de 1919.

*

* *

As minhas notáveis e nunca desmentidas teorias financiais acabam de acreditar-se inabalàvelmente aos meus próprios olhos com um refôrço de argumentação vindo da América do Norte — do país das concepções arrojadas, daquela poli-monarquia de majestades financeiras, da original república dos reis do Dinheiro, do Açambarcamento, do papel mascarado de oiro, das famosas, fenomenais e funambulescas fantasmagorias fiduciárias.

O director da estatística do *National City Bank* (nem mais, nem menos) declarou recentemente, segundo leio no *Século* de 4 de Novembro de 1919, que o papel emitido pelos quinze principais países do mundo, quando terminou a Guerra, era de 55.000 milhões de dólars, ou seja um aumento de 10.000 milhões

desde Agôsto de 1914. Êste dinheiro em papel (continua o telegrama do *Século*) representa cem milhões de dólars mais *do que o valor total do oiro e prata extraídos de tôdas as minas do mundo, nos quatrocentos e vinte e sete anos decorridos desde o descobrimento da América.* Mas isto ainda não é tudo; porque, além de tão fabulosa quantia, há ainda para considerar, na opinião do estatístico americano, *uns 100.000 milhões de dólars,* representados por letras do Tesouro e outras fórmulas de empréstimo, emitidas pelos ditos Governos durante o último quinquénio...

Temos, portanto, que o papel representativo de oiro representa aproximadamente três vezes o oiro que existe de facto. Como «representação» fôrça é confessar que o papel «representa» bem. Melhor do que êle, só o famoso Frégoli, aquele actor italiano que «representava» quatro e cinco papéis ao mesmo tempo, ao passo que o «papel» fiduciário apenas «representa» três vezes o oiro saído das minas. Mas lá chegaremos, porque o mestre era bom e o discípulo promete. Promete até um descanso absoluto aos mineiros, dado que o oiro está provando que não precisa de extrair-se para ser representado, o que afinal parece ser a sua

única virtude característica. Doirados são também o latão e o pôr do sol; o chumbo é mais pesado que o oiro; e a respeito de raridade há outro produto da natureza que lhe leva as lampas e é aquele a que nós chamamos (irònicamente) o *senso-comum*.

Novembro de 1919.

*

* *

Leio no final de uma revista financeira helvética, muito conspícua:

«Graças à taxa elevada do seu câmbio, encontra-se a Suíça, bem a seu pesar, num bêco de onde, infelizmente, não pode saír sòzinha e que, se esta situação se prolongar, acabará por pôr em perigo a sua própria existência.»

E, no em-tanto, há um remédio eficacíssimo para tirar a Suíça dêste bêco, aonde a sua própria existência nacional ameaça ir esbarrar-se fatalmente. Êsse remédio não é brincadeira minha — e convém dizer isto, porque eu tenho a mania de brincar com as coisas da sciência financeira, tão séria, afinal, como a medicina,

que não é menos forte do que esta no diagnóstico, embora o seja um pouco mais na terapêutica.

Êsse tal remédio foi preconizado por um correspondente da mesma revista financeira, o qual, em 18 de Abril último, propunha que o mal da alta do câmbio suíço fôsse combatido por meio da elevação considerável da circulação fiduciária, que desvalorizaria correspondentemente a moeda nacional, fazendo aumentar a exportação e assim restabelecendo o equilíbrio. Desta feita poderia a indústria suíça exportar os seus produtos para os países a quem costuma vender, e que actualmente, por terem a sua moeda depreciada, quási nada lhe podem comprar. E logo o país inteiro levantaria cabeça.

Isto mete-se pelos olhos dentro e tem ainda a vantagem de servir de grande consolação a Portugal, França, Alemanha, e tôdas as outras nações que se encontram aflitas com a baixa da sua moeda, e de mais a mais envergonhadas com as censuras que lhes dirigem os países de câmbio elevado, quando lhes dizem que trabalhem, que produzam, que ponham ordem nas suas finanças, acabando com o sistema dos empréstimos e da inflação fiduciária.

Portugal tem mêdo de morrer, porque se afoga em papel-moeda e asfixia com a baixa do câmbio.

Para salvar a Suíça da morte certa, já um suíço se lembrou de fazer achatar o beque ao seu câmbio arrebitado, propondo grandes emissões fiduciárias calmantes ou sedativas. E a verdade é que nenhum outro alvitre apareceu até agora, mais auspicioso do que êste...

Tal vai o disparate do mundo, que os que não agonizam na doença, estão com mêdo de morrer de saúde. O câmbio elevado é a-final uma moléstia tão séria como a baixa do câmbio. E a gente que não entende de finanças pergunta a si mesma se, assim como se diz a Portugal: *¡trabalha! ¡produz! ¡economiza!*, para lhe levantar a espinhela cambial, não deve lògicamente dizer-se à Suíça *¡passeia! ¡destrói! ¡esbanja!*, no pio intuito de abater a proa ao seu franco alteroso...

Maio de 1920.

*

* *

A Argentina imputa ao seu govêrno a carestia crescente da vida, pois não sabe explicar senão por culpa dêle que as dificuldades de viver aumentem para cada um, ao

mesmo tempo que a prosperidade comum atinge proporções nunca vistas no país.

Vai para um século, cantava-se em Portugal, num ano de más colheitas:

¿Vão à seara os pardais?
¡É por culpa dos Cabrais!

Os Cabrais eram nêsse tempo o nosso govêrno, culpado, como todos os governantes, de tudo o que acontece ou deixa de acontecer aos governados. E assim é claro que

Se a Argentina nada em ouro,
A culpa é só do Tesouro...

E o remédio, naturalmente, está em arranjar um ministro das Finanças que saiba empobrecer o país mais de-pressa do que êle está enriquecendo, com gravíssimo prejuízo da economia pública.

Se ela não tem à mão um ministro das Finanças assim, eu posso indicar-lhe alguns, cá destas bandas, que estão neste momento na disponibilidade, por já terem saído do Ministério e ainda não terem entrado na Cadeia. Mas é bom pedir-mo por telegrama, porque estes especialistas estão tendo muita procura, embora a sua especialidade seja cada vez mais geral.

A Argentina, coitada, está mais ou menos como o Brasil. Tem exportado muito para a Europa e importado menos do que exporta, e assim se encontra na tal situação económica que constitui o ideal de todos os financeiros que se prezam, isto é: dos maiores carrascos que a espécie humana tem conhecido.

Daqui resulta sempre o que se está vendo: a prosperidade geral aumenta; tôda a gente nada em dinheiro; ninguém faz questão de pagar seja o que fôr por qualquer coisa que compra; e assim os preços sobem naturalmente de uma maneira horrível — e a vida torna-se insuportável.

Isto é um axioma de economia política e uma irremissível fatalidade lógica. Houve tempo em que se troçou muito de um pobre homem chamado Luís Napoleão, por êle ter dito que *a riqueza de um país depende da prosperidade geral.* Considerou-se a frase como digna do Amigo Banana e premiou-se o seu autor com uma gargalhada que durou gerações. E, a-final, vem a provar-se, com o andar ou desandar dos tempos, que o que êle disse foi, não uma banalidade charra, mas um arrojado paradoxo.

A verdade nua, a verdade média, a verdade sóbria, normal e pacata de hoje em dia, é que

a prosperidade geral facilita as compras aos ricos e remediados, faz portanto subir os preços, e assim empobrece os pobres, empobrecendo, por isso mesmo, as nações, que tôdas se compoem mais de pobres que de ricos...

Maio de 1920.

XVIII

JULGAMENTO DE GUILHERME II

AFIRMA um jornal norte-americano — a *Chicago Tribune* — que os srs. Wilson e Lansing se manifestaram sempre contrários aos projectos de extradição e de acusação judiciária do ex-imperador da Alemanha, não só por não existir mecanismo legal para o julgamento, mas também por estarem convencidos de que tal procedimento criminal não serviria senão para criar uma auréola de martírio à volta da cabeça de Guilherme II e para beneficiar, portanto, a sua pessoa, a sua causa ou a sua família.

A Bélgica, ao que parece, concordou em pedir a extradição e apresentar-se no tribunal como testemunha ou parte acusadora; mas, na sua qualidade de Estado monárquico, não encara com decidido entusiasmo o drama judiciário de

grande espectáculo actualmente em ensaios. E do mesmo sentimento parece partilhar o govêrno francês.

Só a Inglaterra insiste no julgamento do Satanás destronado e antigo «deus dos exércitos». E há quem diga que não é a Inglaterra que insiste, senão apenas o sr. Lloyd George, por ter prometido aos seus eleitores inglêses esta tourada à espanhola. Certo é que existe um Inglês, ou antes um Britânico dos mais qualificados — nada menos do que o General Smuts — que era delegado da Gram-Bretanha à Conferência da Paz e que veio dizer cá para fora, logo depois de assinar o tratado, várias coisas formidáveis àcêrca dêle — e entre elas a seguinte:

«Prevêem-se no tratado algumas punições; mas, quando se examinar êsse negócio com mais calma, ver-se há que o melhor será passar-lhe uma esponja por cima...»

O General Smuts é britânico, mas não é inglês: é *boer*, é de raça holandesa e fala, talvez por isso mesmo, uma linguagem que não pode deixar de ser grata à rainha da Holanda, forçada pelo Destino ao papel ingrato de carcereira de um primo e colega seu, que tem de entregar vivo e são aos juízes, e talvez aos algozes, das nações aliadas vitoriosas.

Se o General Smuts fôsse inglês (e se a Inglaterra de hoje se parecesse ainda com a que venceu Napoleão Bonaparte e a Donzela de Orleans) nem êle falava assim, nem ela usaria de grandes cerimónias judiciárias para talhar a sentença (e a mortalha) do réu.

Mas os tempos mudaram, a Inglaterra parece ter mudado ainda mais do que êles, e o sr. Lloyd George está em muito bom caminho de ser dispensado pelos seus eleitores de cumprir o compromisso que tomou com êles. Os Inglêses gostam, de quando em quando, da sua tourada à espanhola. O que resta saber é se, desta feita, e uma vez começado o espectáculo, aquele toiro seria bastante...

Julho de 1919.

*

* *

¿A condenação judicial de Guilherme II envenenará ou deixará de envenenar a alma alemã de ódios e de ressentimentos, nocivos à paz futura e ao futuro equilíbrio do mundo? ¿O monstro será, desde que se lhe faça justiça, promovido a mártir?

— Não importa, respondem os homens justos. ¡O que importa é a Justiça!

E assim o homem justo está pronto a deixar arder, como palheiro enorme, o universo todo, se com tal incêndio conseguir salvar uma palhinha de Justiça.

Ora isto é belo, e tanto mais belo seria, quanto mais louco parecesse, e quanto mais universal pudesse ser o incêndio que a Justiça provocasse, para ser justa com o homem que injustamente ateou um incêndio universal.

Mas ¿qual será, afinal, neste caso, a justiça pura, a justiça verdadeira, a justiça justa?

Esta é a pergunta terrível, feita às consciências jurídicas mais meticulosas e mais nobres. Pergunta terrível, porque tem duas respostas, porque se apresentam a responder-lhe duas justiças, e porque onde duas justiças se impoem, ou podem impor-se, ou procuram impor-se, a consciência jurídica hesita, titubeia e falece, no pavor da injustiça disfarçada, possível, quási certa.

Vem a justiça velha, e fala assim à consciência, numa linguagem decisiva e lacónica:

— *Legem non habemus.* Ninguém pode ser julgado e condenado senão em virtude da lei pre-existente. E o crime do *Kaiser* seria glori-

ficado, em vez de castigado, se tentássemos ou julgássemos puni-lo com um crime contra o *Kaiser*. ¡Entre a impunidade e a injustiça, a Justiça prefere a impunidade!

E logo a justiça nova avança, e responde:

— *Legem habemus*. O tratado é lei, o contrato é lei entre as partes, e esta lei diz claramente que o ex-imperador será julgado, e como será julgado. Temos, pois, de julgá-lo, embora o não desejemos, para cumprirmos a lei que fizemos. Temos de julgá-lo por haver faltado à santidade dos tratados, sob pena de faltarmos nós próprios a essa mesma santidade. ¡Em vez de recearmos, julgando-o, confundir-nos com êle, é fatal que nos confundiremos com êle, se o não julgarmos, como prometemos!...

¿Que fazer, entre as duas justiças de sinal contrário? ¿Não haverá uma justiça de desempate?...

Há — e chama-se a Holanda.

A Holanda chega, e diz às duas justiças, à velha e à nova, que ambas teem razão. Diz que está pronta a servir a justiça velha, que já está pronta há séculos, e por sinal com a colaboração de grandes jurisconsultos holandeses. Diz que está pronta a servir também a justiça

nova, logo que ela se apronte com alguns requisitos que lhe faltam: o acôrdo da Holanda num contrato que só com o consenso dela constituïrá lei para ela, e que ainda precisa, além disso, do acôrdo do espírito jurídico do mundo, consignando, como consigna entre as suas cláusulas, o mau princípio da retro-actividade da lei penal.

Respondendo assim, a Holanda desempata. E faz com isto um grande favor aos aliados empatados. E dá à justiça nova uma belíssima lição de justiça eterna. E castiga da pior maneira o *Kaiser*, que já está julgado e bem julgado — executando-o de-vagarinho, sem corda nem baraço, com o auxílio silencioso e limpo de dois carrascos implacáveis, que são a Consciência e o Tempo.

Fevereiro de 1920.

XIX

«QUEUE DE GUERRE»

O CÔNSUL da Suíça em Kharkof, sr. Germano Schmidt, conseguiu chegar da Ucrânia à sua terra e declarou o seguinte:

— Tanto em Kharkof como em Kief as autoridades bolchevistas, à parte dois magistrados, eram exclusivamente israelitas. E tôdas estas autoridades fazem em nome do Govêrno requisição de quanto lhes apetece, sem pagar um rublo, revendendo depois os artigos a preços escandalosos. Organizada assim a especulação sôbre o roubo, o bolchevismo não faz mais nada, porque não pensa em mais nada.

O suíço Schmidt atribui o abandôno da produção industrial ao carácter hebraico:

— Como os Judeus são essencialmente comerciantes, e não produtores, as fábricas não trabalham e o resultado de tal situação é não haver

trabalho para os operários, o que os exaspera e os volta contra o bolchevismo. Os camponeses, êsses, depois de terem dividido entre si a propriedade, passaram naturalmente a ser reaccionários, e opoem-se com metralhadoras às requisições oficiais. E os soldados, como não lhes dão sôldo nem comida, vivem do saque e rosnam contra os Judeus.

Baseado nestes factos que observou, profetiza o cônsul Schmidt para o inverno próximo grandes matanças de Judeus e uma miséria negra que elevará a cifra da mortalidade a proporções inacreditáveis.

— Já não há estradas na Ucrânia (acrescenta êle) e o material dos caminhos de ferro está a acabar...

Chamam os médicos franceses *queue de grippe* àquele estado de abatimento em que o nosso organismo se conserva durante dias, em seguida a um acesso gripal, sobretudo quando não tivemos possibilidade ou paciência para nos tratarmos concludentemente. A êste estado de guerra tórpida em que a Europa se encontra, ao cabo de uns poucos de anos de destruïção militar activa, poderia chamar-se, parodiando a gíria clínica, qualquer coisa como: *queue de guerre.*

¿Será, porém, o rabo maior que a raposa? ¿Será êste, como o do provérbio, o pior de esfolar?...

A esperança que nos resta, a probabilidade que ainda temos, embora cada vez menos provável, de vermos o nosso organismo europeu restituído à saúde normal, está apenas na consideração de que a Rússia não tinha conseguido saír ainda, à data do advento de Lenine, nem da Ásia, nem da Idade-Média, de ambas as quais nós-outros estamos mais longe, no espaço e no tempo... Mas, se a *queue de guerre* dura muito, se o rabo da Revolução Social nos sai maior que a raposa da Guerra, a pobre Europa está arriscada a mergulhar outra vez na «noite de História», e a resolver os seus problemas políticos à suntuosa e carnívora maneira asiática.

Julho de 1919.

XX

MANCHAS NO SOL

HÁ mais de quatro anos, em Abril de 1915, tinha a recente Guerra apenas uns oito ou nove meses de idade, e já os pacifistas afirmavam, muito seguros, que aquela era a última guerra no mundo.

E eu dizia a tal respeito, como foi arquivado no primeiro tômo desta série (1):

— «Se eu encontrasse agora à mão um autêntico, saboroso pacifista de antes quebrar que torcer, propor-lhe-ia êste inocente problema: ¿Que faz você, finda a guerra actual, aos treze ou quinze milhões de homens que actualmente se encontram em armas? Está claro que os desarma a todos um por um, despe-lhes os treze ou quinze milhões de uniformes e, depois de os ter apetrechado com as ferramentas atinentes

(1) V. *Europa em Guerra*, pág. 353.

às suas respectivas ocupações *ante bellum,* ferra com êles no comércio, na indústria, na lavoura, nas artes liberais, e transforma os soldados em operários, os sargentos em capatazes, os alferes em chefes de secção, e, assim, sucessivamente. Basta, até, um sinal seu, para que das próprias coisas da Guerra surjam, como por encanto, outros tantos emblemas de paz. As trincheiras, num ápice, serão os sulcos da futura seara; e os canhões, sùbitamente enristados para o ar, hão-de tornar-se em chaminés de fábrica... ¡Mas que grande homem que você é, e, sobretudo, que grande mágico!»

Relendo esta minha brincadeira quatro anos passados, vejo com tristeza que o grande mágico, bastante grande e bastante mágico, para reensinar o trabalho aos milhões de homens que o desaprenderam, não apareceu ainda, nem, se aparecesse, teria à sua disposição um talismã suficientemente poderoso para realizar a extraordinária maravilha.

Creio que só o Tempo, com a sua tão comprida varinha de condão, será capaz de repor em vigência a lei salutar e pacifista que *condenou* os homens à única felicidade ao seu alcance: a de comerem o pão amassado com o suor do seu rôsto.

Em-quanto êsse tempo não vem, terão os pacifistas, coitados, muito tempo para contarem pelos dedos muitas outras guerras, que hão-de vir depois da que contaram por última.

O homem tem de suar para comer; mas, há-de suar muito sangue antes de começar outra vez a transpirar um humor menos còrado.

Muitos vejo eu agora que ressuam vinho, porque gastam na taberna o tempo e o salário que tiram à fábrica. Outros perdem no jôgo, na roleta ou na Bôlsa, as fortunas fáceis que sem suar ganharam no jôgo da Guerra.

Uns e outros acordarão de-pressa do seu «engano de alma lêdo e cego», porque os poucos que ainda trabalham não poderão sustentar por muito tempo a multidão crescente dos que gostam mais de descansar.

Agôsto de 1919.

*

* *

Num jornal de caricaturas norte-americano saboreio uma fàbulazinha que há três ou quatro anos não faria sentido objectivo e que hoje parece de aplicação e exactidão universal:

À porta de sua casa está a Sr.ª Tartaruga e pela rua abaixo vem descendo pausadamente, de chapéu na cabeça e bengala na mão, o seu excelente marido, que acaba de sair para ir dar um recado a casa dos primos Cágados. E a carinhosa espôsa diz assim:

— ¿Para que te metes ao caminho, meu anjo? ¿Não seria muito mais cómodo telefonar?...

— Não, filha! responde o Sr. Tartarugo, sem interromper a sua lenta andadura. ¡Estou com muita pressa, e não posso esperar que as meninas do telefone me deem comunicação!

¡A isto chegámos, quási ao fim do primeiro ano de paz: ao ponto de desdenharem as tartarugas a rapidez da nossa electricidade desmoralizada e preguiçosa!

Nos países com fama de bem organizados, como nas mais patuscas repúblicas, o fenómeno é o mesmo e iguais as queixas contra o telefone e o telégrafo. Subiram as taxas que o público é forçado a pagar, desceram aos últimos fundões a rapidez e a qualidade dos serviços. E já um sábio se lembrou de ir procurar muito longe, como tanta vez fazem os sábios, as causas que aliás estão de-baixo dos olhos ou ao alcance da mão de todos nós: segundo êle, a electricidade terráquea está estragada por causa... das manchas do sol.

Em-quanto os sábios andam assim pelo sol (ou pela lua), convém que nós, os que temos de continuar a residir na Terra, por falta de transportes materiais ou mentais para outros astros menos malucos, nos acomodemos e resignemos às novas circunstâncias.

¿A electricidade agoniza e vai até morrer o vapor? ¡Pois viva o carro de bois!!

Andemos para trás, tanto mais que a história dêstes cinco anos desacreditou o Progresso, no juízo dos seus mais ferventes adeptos. Se a facilidade e presteza das comunicações não serviram a-final senão para nos conduzir à Guerra, de olhos fechados e coração leve, ¿quem nos diz que, para termos outra vez a boa e verdadeira paz, não é indispensável que a humanidade volte a estar «presa e incomunicável» durante uns poucos de séculos?

A Idade-Média chamou-se a Noite da História, em-quanto o Romantismo não descobriu que ela era, de facto, uma auspiciosa e ridente madrugada. E deu-se isto no século que com tôda a razão se chama das Luzes, porque substituiu o bruxuleante azeite da candeia pelas claridades progressivamente astrais do petróleo, do gás, da incandescência e do ar líquido. Agora, que estamos em risco de ficar outra vez às escuras, nada obsta a que entremos sem desconfiança

e até com esperança numa nova Idade-Média, cujo recato não seja devassado pelo mexerico das comunicações fáceis e cuja iluminação se reduza a uma lua romântica, a revezar-se pontualmente, sem folgas, sem preguiça, sem ódios de classe, sem exigências de mais salário e menos trabalho, com um sol sem manchas, como aquele que os bárbaros do Norte procuravam no Sul e de que os moiros da Arábia fugiram para a Península...

Novembro de 1919.

XXI

AS DEMORAS DA CONFERÊNCIA

¿ESTARÁ também em folga o Conselho dos Quatro ou Cinco? ¿Terão os Clemenceau, os Lloyd George, os Tittoni, manipuladores da Felicidade Humana na sua oficina de Paris, reclamado e obtido de si próprios, para darem o exemplo, a jornada de zero horas de trabalho e vinte e quatro de descanso?...

O que é certo é que a Paz — a própria paz de ofício e de papelaria, a paz diplomática e dactilográfica não anda para diante, não ata nem desata, em-quanto a metade oriental da Europa, e os seus anexos da Ásia Menor, da Síria e da Palestina aguardam na incerteza, na desconfiança, ou na revolução e na guerra civil, que os quatro ou cinco alfaiates de Paris lhes talhem a casaca com que hão-de apresentar-se

em grande gala no primeiro *five ó clock tea* da Sociedade das Nações, ou a alva túnica de bem-aventurados com que deverão passear nas alamedas do futuro Paraíso Terreal, ou a camisa de fôrças que os há-de defender do bolchevismo furioso, ou ainda a mortalha tecida de Liberdade e entretecida de Direito, destinada a ajanotá-los segundo os últimos figurinos do Outro Mundo.

Há cento e tantos anos, quando o grande Jefferson, que acabara de redigir a declaração de independência dos Estados Unidos, a apresentou à Assembleia Constituinte daquela nação nascente, pediam a palavra todos os vogais para alterarem tanta coisa no texto por êle proposto, que todo o precioso tempo se perdia em discussões inúteis sôbre palavras e frases.

Jefferson, esgotada a paciência, tinha alternativas bruscas de fúria e de abatimento, até que o bom e esperto Franklin o salvou e salvou a causa, contando aos colegas o seguinte apólogo:

« Quando eu era rapaz tinha um amigo que resolvera estabelecer uma chapelaria, e na devida altura reüniu os seus íntimos, para os consultar sôbre o importante capítulo da tabuleta da loja, que êle tinha concebido nos seguintes termos:

JOHN THOMPSON CHAPELEIRO

Fabrica e vende chapéus a pronto pagamento

«O primeiro dos convidados que usou da palavra observou que o substantivo *chapeleiro* era perfeitamente inútil, visto que os outros dizeres bastavam para explicar a natureza do estabelecimento. O meu amigo, concordando, riscou a palavra *chapeleiro*.

«Falou outro dos presentes, que considerou supérfluo mencionar que John vendia a pronto pagamento, visto que pouca gente pretenderia comprar a crédito um objecto tão barato. Além de que, acrescentou o opinante, poderia convir ao próprio lojista, em certas ocasiões, vender a crédito a algum comprador que se apresentasse.

«Êste alvitre foi aceito, riscada do projecto a expressão *a pronto pagamento* e a tabuleta reduzida ao seguinte:

JOHN THOMPSON

Fabrica e vende chapéus

«Mas um terceiro amigo afirmou que quem comprava um chapéu não se importava de saber por quem êste fôra feito; e em virtude da nova observação foi a tabuleta abreviada nestes termos:

JOHN THOMPSON

Vende chapéus

«— Mas, que diabo! exclama o quarto conselheiro. ¿Tens mêdo que alguém suponha que dás os chapéus de graça?

«—Tens razão! respondeu Thompson. E como a-final vem a ficar na tabuleta só o meu nome, que nada faz ao caso, o melhor é cortá-lo também e prescindir do letreiro.

« Assim se fêz, sendo por fim a insígnia do chapeleiro reduzida a um chapéu pintado e recortado em folheta. »

*

* *

Se o Conselho dos Quatro aplicasse a receita de Franklin à elaboração dos tratados de paz que está cozinhando há tantos meses para a Europa Oriental, poderia ter tudo resolvido em vinte e quatro horas e com o mesmo resultado.

Uma pombinha de ferro ou de bronze, com um ramo de oliveira na bôca, estaria há muito tempo atarrachada no alto da tôrre de Eiffel, presidindo ansiosamente às chacinas recíprocas de Russos brancos e vermelhos, de Romenos e

Húngaros, de Alemães e Polacos, de Sérvios e Montenegrinos, de Gregos e Turcos — não falando no matadoiro unilateral da Arménia, onde a Conferência da Paz tenciona estabelecer uma nação cristã livre e autónoma... quando já lá não existir um Arménio para amostra ou semente.

Setembro de 1919.

XXII

O MUNDO LIBERTADO

Os políticos que conduziram a Guerra e que a venceram fartaram-se de gritar que a vitória libertaria o mundo.

Com essa promessa fagueira foram pedindo e obtendo os mil auxílios de que precisavam: o auxílio dos operários para fabricarem munições e morreram nas batalhas; o auxílio dos Árabes para ajudarem os Europeus a desfazerem-se uns aos outros; o auxílio dos negros para virem matar brancos sob o comando de outros brancos...

E tudo veio, e tudo trabalhou, e tudo batalhou, e tudo, agora, apresenta a conta, ou reclama o cumprimento da promessa:

—¡Aí tendes a vitória! ¿Que esperais agora para libertar o mundo?...

¡Libertar o mundo! Nesta fórmula vaga, que

os políticos soltavam aos ventos, sem a menor ideia de a concretizarem um dia, cabiam tôdas as esperanças, tôdas as ambições, todos os sonhos e tôdas as quimeras.

Para o operário, a libertação do mundo consiste naturalmente na conquista do descanso e do bem-estar, na posse da fábrica e na supressão do patronato. E o operário reclama tudo isto, e parece necessário dar-lho, de uma maneira ou de outra, porque êle tem por si o número e o entusiasmo — tôdas as fés, tôdas as audácias e, portanto, tôdas as fôrças.

¿E depois? Se fôsse só isto, bem pouco era e o mundo libertado continuaria a parecer-se com o mundo escravizado, iguais os dois, quando vistos de alto, com as mesmas dores e as mesmas alegrias, as mesmas desigualdades e as mesmas injustiças, os mesmos erros e as mesmas ilusões.

¿Mas os Árabes? ¿e os negros?...

Os Árabes querem a independência da Arábia, e para êles o mundo libertado é naturalmente o mundo de Mafoma & Sucessores: o Deserto livre, o Caucásico expulso, a Cruz humilhada, e Alá falando outra vez com os Crentes, do alto dos minaretes de Granada, de Córdova e de Lisboa. E os Índios querem a Índia como a descobriu Vasco da Gama e a

encontrou Albuquerque. E os Negros, pela bôca de Marcos Garvey, que é o seu chefe e profeta norte-americano, mostram ter também sôbre a libertação do mundo ideias claras de neve:

«Agora os brancos (disse Garvey) põem-nos de lado, porque já não precisam de nós; mas, quando os negros retomarem as armas, há-de ser para libertarem os homens de côr do mundo inteiro. Haverá então a guerra mais sangrenta que a Terra jamais viu: e o dia em que os negros entrarem em campanha pela sua própria liberdade há-de ser um dia terrível para os brancos. Existem no mundo quatrocentos milhões de negros que não querem os brancos na África. ¡A África tem de ser uma república negra!»

¡Apoiado! A África faz parte do mundo, e o mundo foi libertado pela Vitória. Não há razão nenhuma, branca ou de outra côr, para que os negros sejam excluídos da libertação.

O que há é um pequeno inconveniente, não previsto pelos libertadores, pelos libertados e pelos libertandos, nesta pândega da libertação do mundo inteiro.

O que há é que a libertação total consiste irremediàvelmente em muitas libertações parce-

lares; e que estas se entrechocam, se contradizem, se detestam umas às outras, e não podem afirmar-se, nem efeituar-se, sem se guerrearem.

O mundo libertado é então um mundo em guerra acesa e feroz, a caminho de novas e inevitáveis escravidões.

Dezembro de 1919.

XXIII

DOIDOS NA GUERRA

Da respectiva estatística oficial vê-se que havia na Inglaterra e no País de Gales, ao princípio dêste ano de 1919, cêrca de 117:000 pessoas declaradas loucas; e a comparação com a estatística similar do ano de 1918 indica que o número de alienados diminuiu de 9:138, ou sejam menos sete por cento de loucos em 1919, do que havia em 1918.

Dedica o *Times* ao assunto, e com tôda a razão, um artigo grave e ajuïzado, cheio daquele bom-senso que é peculiar à raça anglo-saxónica e que mais avulta ainda quando aplicado, como neste caso, à matéria da insensatez.

À primeira vista estranha-se a afirmação feita pelo *Times,* de ser a diminuïção do número de loucos devida em grande parte à geral depressão *(general lowering)* da prosperidade material; mas esta estranheza desaparece quando, logo a-baixo, o grande jornal explica que há menos

doidos porque morrem mais, e que morrem mais porque comem menos, e que comem menos porque as administrações hospitalares, assoberbadas pela carestia da vida, não podem gastar tanto na alimentação de cada internado, como proporcionalmente gastavam antes da Guerra.

Êste curioso fenómeno é conseqüência natural da falta de juízo característica dos doidos. Única entre tôdas, a classe dos alienados não soube pedir, por falta de equilíbrio mental, aumento de salário e diminuïção das horas de trabalho. Eis aí a razão de haver agora menos loucos em Inglaterra: os infelizes pobres de espírito — principalmente os furiosos, que não podem estar quietos — trabalham o mesmo que dantes, e morrem de fraqueza, porque comem muito menos...

Mas esta razão, que é principal, não é a única, nem a mais divertida. Outro motivo (e êste algum tanto surpreendente) apresentam os estatísticos oficiais para explicar o menor *stock* actual de loucos declarados e hospitalizados: — é que nos últimos tempos teem sido encerrados nos asilos poucos homens de *entre os dezoito e quarenta e um anos,* porque só se internaram, dessas idades, os que eram *¡fìsicamente impróprios para o serviço militar!*

Temos, portanto, que uma parte do exército

britânico que ajudou a derrotar a Alemanha e a «libertar o mundo», era constituída por doidos; mas ficamos sem saber qual a espécie de psicose de que sofria a maior parte dêles. ¿Abundariam por-ventura os furiosos, tão próprios para a cegueira heróica dos assaltos? ¿*The right men in the right places?*...

O *Times* não o diz; mas já não diz pouco para a gente pôr as mãos na cabeça — a ver se ela ainda está no seu lugar, e se ainda poderá servir para alguma coisa mais do que a arrumação do chapéu.

¿E dever-se há a vitória menos aos *tanks* britânicos, do que aos doidos britânicos?...

Leitor amigo: já me tinha querido parecer que o mundo endoideceu à nossa volta e que os nossos avós, se ressuscitassem hoje, morreriam de alienação fulminante. Só me faltava ver a ajuïzada Inglaterra, tão digna, tão moral, tão respeitadora do indivíduo, tão professoralmente conscienciosa e humanitária, sair-se agora com esta: — matar os seus doidos à fome, depois de os ter mandado para a Guerra, talvez com o intuito muitíssimo prático de suprir nas trincheiras a falta dos seus *conscientious objectors*...

Dezembro de 1919.

XXIV

O FUTURO DA INGLATERRA

AO mesmo tempo que se batia valentemente em França, tomava a Grã-Bretanha a iniciativa do desembarque nos Dardanelos e mandava tropas para a África Central e para a Mesopotâmia. E, procedendo sempre de acôrdo completo e irrepreensível com as outras potências aliadas, o Govêrno britânico foi reservando liberdade plena de acção em todos os empreendimentos que lançava fora da Europa.

Estava já assinado o armistício e esta independência da acção britânica extra-europeia continuava a afirmar-se: desembarques na Ásia Menor, ocupação do Cáucaso, estabelecimento na Pérsia, regulamento do negócio do Egito, restauração do império arábico... Ao mesmo tempo que jogava a sua existência na luta de morte com a Alemanha, ia a Inglaterra assim dando corpo e vida concreta às mais vastas ambições dos seus melhores tempos de hegemonia e imperialismo.

Mas esta política de decidida expansão ultramarina tinha de ter fatalmente os seus reflexos na Europa, na América, no Japão. Por isso a Grã-Bretanha deitou as mãos da sua esquadra às províncias Bálticas, e se pôs ao lado do Japão no caso de Quiauchau. Por isso o apoio que ela deu aos primeiros revolucionários russos era apontado ao mesmo tempo contra os nacionalistas e anexionistas russos do tipo de Miliukof e contra os russos abdicatários e germanófilos do tipo de Stürmer. E esta política russa, aparentemente ambígua, do gabinete britânico tem em mira, na realidade, um alvo certo e marcado. No Extremo-Oriente baseia-se na rivalidade entre os Estados-Unidos e o Japão; no Oriente próximo faz-lhe conta um aliado sólido, que por um lado a ajude a travar as infiltrações alemãs e por outro lhe preste auxílio na manutenção da ordem pelos confins da Sibéria, da China e do Turquestão. Daqui lhe veem as preferências por uma Rússia militar, revelada nos subsídios e socorros facultados a Denikine e Koltchak, herdeiros domesticados do imperialismo tsarista.

Aliança francesa, restauração russa, amizade americana, colaboração japonesa, piscar de ôlho à Espanha — tais são os vários alicerces sôbre que a Inglaterra constrói o seu novo edifício

do equilíbrio universal. E convém ter ainda em vista que todos ou quase todos os conselhos de tratar a Alemanha com *humanidade*, depois de reduzida à impotência marítima, veem invariàvelmente dos lados de Albion...

Ora, tudo isto seria muito fácil de compreender, se a Grande Guerra houvesse trazido aos Inglêses simples conseqüências de carácter político externo. Mas ¿como conciliar êste imperialismo refinado com a revolução social e política a operar-se nas próprias entranhas do antigo organismo imperial?

A Guerra consagrou já a emancipação dos Domínios. O poder central enfraquece diàriamente, aos solavancos das reivindicações populares. Agita-se a Índia e insurge-se o Egito. A Irlanda teima em separar-se para constituir uma república autónoma. O senhorio dos mares serve já de pouco a uma realeza económica mais que abalada. E não se vê como a governação britânica há-de harmonizar, no futuro, os seus antigos processos coloniais, com o novo sistema de fiscalização colectiva, e as velhas doutrinas imperialistas com o princípio adventício da colaboração das classes operárias...

Não se vê, mas há-de ver-se, quando se vir o que o mundo actual fará de si próprio, em seguida ao trabalho grande e grave a que agora

se entrega para acabar de se desfazer. E então será um pratinho, para quem viver, rir-se a gente da transformação do socialismo em imperalismo na Inglaterra, ou assistir à falência da indústria inglêsa e à destruïção do Império Britânico, uma e outro assassinados pelos inocentes parricidas do *Labour Party*.

Novembro de 1919.

XXV

INGLATERRA, FRANÇA E ALEMANHA

THOMAS, o chefe trabalhista inglês, disse há pouco que a Europa Central precisa de ser tratada humanamente, sob pena de se provocar uma catástrofe que engolirá não só a Alemanha, a Hungria e a Áustria, senão também a Itália, a França e a própria Gram-Bretanha.

Sir Jorge Payn, encarregado pelo Govêrno Britânico de proceder a um inquérito nos países da Europa Central, voltou aconselhando que se lhes abrissem largos créditos financeiros, para evitar uma catástrofe.

E o professor inglês Starling, enviado também à Alemanha em missão oficial, declarou que êste país está ameaçado de fome e, embora se encontre em condições mais satisfatórias do que os seus vizinhos, ali terão de morrer êste inverno, de frio e miséria, muitos milhares de criaturas.

Parece então que a Alemanha está sofrendo

o seu justo e duro castigo. A Alemanha cometeu um crime nefando contra a humanidade e foi, por via disso, condenada à morte. O Código Penal deve estar satisfeito, mas o pior é que o cadáver da Alemanha empestará o mundo.

Na justiça civil mata-se e enterra-se o condenado à morte, e a sociedade segue a sua marcha sem pensar mais nisso. Na justiça internacional estamos vendo que o caso é mais difícil, e que alguns criminalistas já propõem, ou pelo menos insinuam, que se comute a pena ao delinqüente.

O Leitor arguto notou já nesta altura que êsses criminalistas são britânicos, e invocam a humanidade e a equidade com um coração brando, a pulsar bondosamente numa ilha que o mar separa da Alemanha — um mar onde já não navegam esquadras alemãs. O Leitor arguto desejaria talvez ouvir a opinião de alguns bons criminalistas franceses, soltando, da margem esquerda do Reno ou das desoladas ruínas do norte da França, as mesmas palavras de benignidade e caridade. A verdade, porém, é que não há disso. Os Britânicos vêem o interêsse do mundo, porque estão de palanque; os Franceses vivem muito perto da Alemanha, e das devastações alemãs, para poderem ver um palmo adiante dos interêsses da França.

E agora, Leitor arguto, não vás pensar, nem dizer, que o empecilho da paz universal já não é a Alemanha, mas a França. Não vás profetizar que na próxima, muito próxima guerra da Europa Central com a Ocidental, a Inglaterra e a Alemanha se aliarão contra os Franceses. E, sôbretudo, não te aflijas com estes pequeninos contratempos da Grande Paz. Haja saúde — e no fim dá certo.

Dezembro de 1919.

*

* *

A França está perfeitamente dentro do seu papel, continuando, sem dar por isso, a empurrar a Alemanha para a grande salgalhada comunista e sovietista.

Não se lhe pode levar a mal que ela seja cega para tudo, menos para o perigo do nacionalismo alemão. Não se lhe pode levar a mal que, exigindo o desarmamento completo da *Einwohnerwehr*, guarda nacional da ordem burguesa, tire assim da mão o último trunfo aos que na Alemanha defendem ainda a sociedade actual, e faça o jôgo dos espartaquistas; nem que,

partindo do princípio verdadeiro de que a alma alemã adora a fôrça e a autoridade, tire dêle a falsa conclusão de que o leninismo não fará farinha no antigo império germânico, como se o leninismo não fôsse exactamente *a única expressão e a única amostra actual* dos Governos fortes, enérgicos e autoritários.

A França é a aliada natural de todos os que, na Alemanha, se lhe apresentem como pouco alemães. Os espartaquistas, como todos os comunistas e anarquistas de todos os países, não são patriotas; e tanto basta para serem simpáticos à França, que fàcilmente acredita em tudo o que êles lhe dizem e já lhes vai publicando os retratos, chamando-lhes *bons moços,* nas suas ilustrações janotas e nos seus diários burgueses.

A França bem sabe que uma Alemanha russificada à Lenine não terá dinheiro para lhe pagar grossas indemnizações, e a contaminará de anarquismo pela fronteira de Leste. Mas o seu instinto de conservação não lhe deixa ver estes perigos no seu tamanho natural, porque lhe engrossa absorventemente o outro perigo, o perigo histórico, o perigo imperialista, militarista, anexionista, conquistador. Por um fenómeno de psicologia colectiva semelhante ao da persistência óptica, que faz sobreviver a impressão luminosa ao desaparecimento da sua causa, a França

continua a ver o perigo alemão com a figura de um imperador de bigodes insolentes e capacete de espêto, apoiado numa vasta oligarquia de barões camponeses, de oficiais de monóculo aristocrata e de grandes burgueses de negócio. E tudo o que serve ao esmagamento dos fidalgos rurais, dos militares com *von* e da burguesia nacionalista, parecem-lhe a ela outros tantos antídotos contra a ressurreição venenosa de Guilherme II.

Oxalá que êste instinto de conservação se não engane, monteando e abatendo na Alemanha tudo o que ainda lá resta de conservador. Oxalá que a França, imaginando benzer-se contra o diabo, não venha a quebrar os narizes no inferno. Oxalá que ela não esteja sem dar por isso a espatifar a sua própria vitória, a preparar o incêndio da sua casa em-quanto deita fôgo à do vizinho; a chocar no ovo da formidável e imprevisível revolução germânica, com mêdo a Guilherme II, um Guilherme III com outro nome, outra cara, outros costumes e outros séquitos, mas com o mesmo destino de testa-de-ferro de um povo numeroso e expansivo, e com mais eficácia do ponto de vista alemão do que aquele a quem agora chamamos doido, porque não pôde ou não soube vencer.

Maio de 1920.

XXVI

L'HOMME CONGÉDIÉ

APESAR de quanto faz para se deixar admirar e estudar pelo mundo inteiro, como diamante exposto numa vitrina, estamos vendo que a política francesa, franca por definição e excelência, ainda não conseguiu ser compreendida por todos.

Isto mostra que a estupidez humana é o único infinito que temos à nossa disposição, para nos consolarmos dos bens que sempre acabam e dos males que sempre recomeçam.

A estupidez humana está agora admirada de que os Franceses não tinham escolhido para presidente da República o sr. Jorge Clemenceau, ex-redactor de *L'homme enchâiné,* e organizador da Vitória:

— Ninguém podia esperar que se recusasse ao Pai da Vitória a honra presidencial, diz a *New-York Tribune.*

— Não acreditamos que o voto do Congresso

traduza o sentimento da França, comenta o *New-York Times*.

— O velho «Tigre» foi batido no momento em que a França se honraria enviando-o ao Eliseu — lamenta o *New-York World*.

E há muita gente por êsse mundo, tão mal informada como os colossos da informação norte-americana, que a esta hora se admira, como êles, e como êles se indigna, de que a França da Terceira República tenha feito em 1920 exactìssimamente o que vem fazendo desde 1878, cada vez que a ocasião se lhe apresenta de eleger o seu chefe de Estado, ou de premiar os seus grandes homens: mobilar o Eliseu com a mediania correcta, e reservar para o Panteão a excepção... que Deus haja.

A Terceira República adora as condecorações, mas odeia de instinto os plebiscitos. Por isso Deschanel, que é uma condecoração viva, bateu num instante o grande chefe, o salvador da Pátria, o popular Clemenceau — que era um plebiscito ambulante. Por isso o parlamento francês se uniu ontem como um só homem para negar a Clemenceau a efectividade do poder plebiscitário, e amanhã se unirá como uma só mulher para depor, chorando, sôbre o seu cadáver, o grande beijo condecorativo da saüdade e da gratidão nacional.

Ajudando a França a viver, Clemenceau viveu de mais. E sofre agora, com o assassínio político definitivo, a natural conseqüência democrática de não ter querido ou sabido suïcidar-se no momento preciso em que, tendo deixado de fazer falta, começava a fazer sombra.

Fevereiro de 1920.

XXVII

A DOENÇA E A CURA

HOUVE agora uma conferência em S. Remo, onde foi discutido pelos maiores médicos europeus a doença da Europa.

Uma conferência médica em S. Remo dá esperanças de que a saúde europeia continuará a remar... contra a maré.

Parece que se tratou ali principalmente dos dois mais graves sintomas da maleita: o sintoma alemão e o sintoma turco.

Deixemos o Turco lá na sua extremidade oriental e meditemos no Alemão, que interessa mais o cérebro da Europa, atacada de doença cerebral.

A Alemanha dá grandes cuidados à medicina europeia, porque, se a deixam pôr pé em ramo verde, engole outra vez a França; e se lhe apertam de mais o gasganete, não se sabe o que será da Europa.

Caso bicudo, êste, em que o doente parece que só pode escolher entre duas perspectivas clínicas: morrer da doença, ou então morrer da cura.

E daí, ¿quem sabe? Talvez se tenha arranjado em S. Remo uma fórmula de equilíbrio que permita fazer com que a França descanse e a Alemanha trabalhe: que a França descanse das suas terríveis e justas apreensões, e que a Alemanha trabalhe para nos fabricar barato aquilo que nós não queremos produzir, porque não estamos para maçadas.

Se assim foi, tudo se arranja. Trabalhando nós cada vez menos, aumentará cada vez mais o valor e o preço do pouco que ainda fabricamos, donde resulta que nos valerá a pena comprar caro à Alemanha aquilo que não podemos produzir barato.

Desta maneira engenhosa se consegue ainda mais do que podiam desejar os financeiros mais optimistas: a Alemanha, trabalhando, conseguirá pagar não só os esforços que fizemos para a vencer, mas também e principalmente as delícias de descanso e gôzo a que nos entregamos depois de a termos vencido. E se as coisas correrem sem complicação de maior, ainda se obterá desta maneira outro resultado maravilhoso: é que, do mesmo passo que procuramos empobrecer a

Alemanha para da sua pele tirarmos o prémio da nossa valentia guerreira, nos preparamos para a enriquecer com a nossa ociosidade coroada de louros vitoriosos.

Resta saber como é que se harmonizam todos estes disparates, e que mundo vai saír dêste mundo que fizemos: um mundo em que os vencedores não trabalham porque não querem, e os vencidos não trabalham porque não podem...

Mas aquí é o caso de dizer a v. ex.as (como na farsa de D. João da Câmara) que, se não percebem nada, tenham a bondade de explicar uns aos outros.

Abril de 1920.

XXVIII

¡O POBRE CONGO!...

JÁ o ministro das Colónias do reino da Bélgica tinha feito recentemente desconsoladoras revelações àcêrca do estado económico, moral, e sanitário do Congo.

Agora, o jornal *XX.ème Siècle* entrevistou a êste respeito o dr. Vermech, médico militar que conhece bem o Congo Belga e as regiões vizinhas daquela grande colónia africana. Ora, as informações dêste especialista põem numa luz ainda mais viva os factos graves a que o ministro se referiu.

Poucas crianças; poucos velhos; mortalidade infantil inquietadora; falta quási total de resistência a diversos flagelos que assolam o país: vida económica muito difícil. O flagelo mais grave é a doença do sono. Outro flagelo é o agravamento da despovoação, pelas manobras criminosas dos feiticeiros. E há ainda que consi-

derar certos vícios, que medram no Congo Belga com pavorosa intensidade.

Em resumo, diz o dr. Vermech, é necessário acudir de-pressa, empreendendo na África Equatorial uma verdadeira cruzada, em que apostolizem e operem de acôrdo os médicos, os veterinários e os padres das Missões religiosas.

Pois eu digo que tudo isso é mais do que preciso, porque é inadiável. E fôsse eu médico, fôsse eu veterinário, fôsse eu missionário protestante ou católico, que, em vez de estar aqui a perder tempo na Europa, já teria a esta hora as malas feitas para correr a salvar o Congo.

¿Pode lá admitir-se que o Congo esteja a sofrer daquela maneira, caminhando para total ruína por influência da doença do sono, gemendo sob as dificuldades da vida económica, tendo à perna ainda os fulminantes vícios — e que a Europa continue indiferente e distraída de tudo isto, a gozar as vantagens, delícias e abastanças da Paz?...

... Mas, agora me lembro que por cá também se sentem algumas dificuldadezinhas económicas, também grassa a doença do sono com o nome europeu de «Trabalho». Agora me lembro que, a respeito de vícios... temos conversado.

¿E se nos viessem do Congo, da Cochinchina ou do planeta Marte algumas missões, não direi de médicos nem de padres — coisa fina de mais — mas de veterinários ao menos, para ver se curavam, com licença, esta bêsta da Europa, que vê o argueiro no Congo e ignora a trave em si mesma?

Abril de 1920.

XXIX

ORAÇÃO AO VENTO

O *MEMORANDUM* do Conselho Supremo recomenda à séria atenção dos cidadãos de todos os países dois princípios essenciais de higiene moral e económica, sem cujo exercício não haverá cura para os males que afligem a Europa:

> Evitai as despesas de luxo;
> Aumentai a produção pelo trabalho.

Estas duas regras de bem-viver, e outras várias de análogo sentido, que os financeiros e políticos do mundo inteiro não cessam de prègar aos povos respectivos, continuam a ficar letra morta. Os povos ouvem, calam quando não berram, negando-se a obedecer, e teimam na sua loucura de não poupar e de não trabalhar. Pela energia mansa ou pela ostensiva e afoita rebeldia, as multidões humanas caminham para

as perdições anunciadas, indiferentes aos conselhos, aos avisos, aos pedidos e incitamentos judiciosos dos que prevêem e sabem. E os que prevêem e sabem parece que prevêem e sabem tudo, menos isto: que a humanidade caiu em cegueira, em demência ou em meninice; e que os meninos, os cegos e os dementes teem o direito sagrado de serem salvos pela violência, dos perigos que não podem ou não sabem evitar pelo uso inteiro e certeiro da consciência.

Há um ano ou mais que os tutores dos povos se esfalfam debalde a reeditar monòtonamente as mesmas três ou quatro regras, sabidas e evidentes, de salvação e ressurgimento. ¿Quando caïrão êles nesta evidência, ainda maior, de que a hora dos avisos brandos passou — e que já vai passando também, para nunca mais voltar a tempo, a das intimações cominatórias?

Se aconselhar não basta, é preciso mandar; se a advertência falhou, tome a palavra a fôrça. Governem a valer os políticos e os financeiros, em vez de prègarem sermões que ninguém ouve. A fome que todos temos, a maior fome, mãe de tôdas as outras, é a fome de governos que governem bem e rijo: fome de autoridade, de disciplina, de ordem, de educação, de inteligência e coragem guiadoras, de bom-senso imposto aos insensatos, de juízo empurrado de fora às

multidões ricas ou pobres, doiradas ou encardidas, que o não procuram nem encontram dentro de si próprias. E o exemplo da preguiça mais funesta, da preguiça que dia a dia agrava as outras tôdas, vem-nos de cima, a-final: vem-nos daqueles em cujas mãos estão por tôda a parte oficialmente entregues os destinos dos povos, e que parecem atacados de invencível incapacidade para o trabalho duro e são de mandar, e de fazer-se obedecer.

Conselhos, pedidos e lérias fizeram o seu tempo, e fizeram-no bem mal. O que urge é encontrar e pôr por obra uma direcção inteligente e inflexível, semelhante à dos médicos de manicómio, que ensine e obrigue os doidos ricos a não quererem enriquecer ainda mais por cobiça, e os doidos pobres a não empobrecerem ainda mais na preguiça.

Deem os govêrnos dos países grandes aos dos pequenos o exemplo da energia governativa; e se estes o não seguirem por vontade, venha a fôrça para os obrigar a serem fortes.

Abril de 1920.

XXX

MAL DA MODÔRRA

NÃO nos faltam cuidados — a nós, pessimistas de nascença, de carreira, ou de profissão. Os outros, os patuscos irremediáveis, continuam a sorver sem engulhos o cálice desta vida envenenada...

Pois chega-nos agora de Espanha uma doença nova, muito grave e muito contagiosa, que ninguém sabe bem o que seja e quási todos designam por *encefalite letárgica*. O dr. Ricardo Jorge chamou-lhe *novidade mórbida* e gabou a imprensa médica portuguesa de ter sido a primeira que deu notícia formal desta letargia epidémica, que já tem grassado na Hungria, na Itália e na Alemanha.

Médicos há que a consideram como forma nervosa da *influenza;* e outros aparentam-na à meningite cérebro-espinal. Os doentes, depois de uns dias de mal-estar e alguma febre, caem em torpor e modôrra, prostrados de costas na cama — face imóvel, olhos fechados, corpo inerte. E muitos morrem assim, a dormir.

Há pouco tempo, folheando eu os *Anais de D. João III,* de Frei Luís de Sousa, parei por acaso numa das primeiras páginas, onde se conta a doença e morte de D. Manuel, *o Venturoso,* e li o seguinte:

«Três anos havia que el-rei D. Manuel era casado, quando aos cinco dias de dezembro do mesmo ano (1521), em uma quinta-feira, foi acometido de uma febre ardente, com inclinação a sono. Era doença que andava na cidade (Lisboa): parava em modôrra; matava a muitos. Descontentaram-se os médicos; fizeram tristes prognósticos... El-rei, não duvidando de que o chamava a última hora, armou-se para ela, como muito bom e católico cristão, com todos os sacramentos da Santa Igreja; e à sexta-feira, treze dias do mês, noveno dia da enfermidade, deu a alma a seu Criador.»

Vê-se daqui que o ilustre rei português foi vitimado, vai fazer quatro séculos, por esta mesma «*novidade mórbida*». E o próprio e eruditíssimo sr. dr. Ricardo Jorge, que assim lhe chama, sabe isso perfeitamente, pois também cita Frei Luís de Sousa e ainda transcreve estes versos da *Miscelânea* de Garcia de Rèsende:

Neste ano se finou
O grão-rei D. Manuel.
¡Quantos consigo levou
A morte triste, cruel!
¡Que rei, que gente matou!

Duzentos homens honrados,
Em que iam muitos de estados,
Vimos então, se finaram
De modôrra; e escaparam
Muitos já quási enterrados...

A *novidade mórbida* não é, pois, muito mais jovem que tôdas as outras novidades que volta e meia aparecem debaixo do sol.

D. Manuel, o rei da Sorte Grande, morreu a dormir, mais ou menos como tinha vivido; a dormir e a colher sem trabalho os frutos cuja semente tinham lançado à terra, e ao mar também, outros de sono menos pesado...

O que há de novo, na novidade mórbida, é, em primeiro lugar, o seu nome comprido, exdrúxulo e grecânico. Em português quinhentista chama-se-lhe *modôrra,* ou *mal de modôrra,* ou *madornilha* — e não se vêem grandes vantagens terapêuticas em trocarmos estes nomes por outro.

A segunda novidade da doença velha está

em que ela, agora, parece dar ainda mais epidèmicamente nas almas, que nos corpos. A lei das oito horas, as folgas operárias, o desgôsto do trabalho que acometeu o mundo inteiro — esta *febre ardente com inclinação a sono* — é, a-final, a encefalite letárgica europeia, o «mal da modôrra» de que o velho mundo morrerá, se não lhe arranjam a tempo um despertador suficiente.

Maio de 1920.

XXXI

NA TURQUIA E NA LUA

¿NÃO estará ainda criado um prémio de Nobel para os campeões da candura?

Pois vamos a isso de-pressa, que são horas de galardoar devidamente êste especialista de negócios do Oriente, que no *Journal de Genève* discorre tão bem sôbre a situação que as potências europeias ocidentais criaram na moribunda Turquia sempre viva.

Diz êle que a Europa confundiu Muçulmanos e Turcos, Árabes e Turcos. Que há vinte anos o povo turco se dividia em duas categorias: os aldeões, honestos de raíz, e os Beys urbanos, parasitários e burocratas. Que hoje existe um terceiro grupo predominante sôbre os outros dois: os Turcos de chapéu, muito diversos dos Turcos de Fez, porque trazem do Ocidente concepções morais e políticas mal digeridas e complexas, que

tentam aplicar a um país gasto e mal preparado. Que a Europa fêz mal em confiar nesta súcia, onde afinal se recrutam os xenófobos mais encarniçados. Que o Turco não estudou na Europa a família — sua organização, seus princípios, suas tradições; que não compreendeu como a base do Estado é a família e como o Estado ocidental não passa de uma grande família; que, regressando a Estambul ainda verde para assimilar a civilização europeia, quis reorganizar o Estado sem curar da Família...

E, assim discorrendo, o especialista ingénuo acaba exclamando, no auge da candura sublime:

— *¡Ah si l'Europe avait su!*...

.....

Concordo que não seja esta, na ordem cronológica, a primeira prova de como se pode chegar, pela especialização aturada, à simplicidade cerebral primitiva e definitiva. Mas hão-de convir também que na ordem lógica não será fácil encontrar um espécime ainda mais perfeito.

Êste especialista em doenças turcas turquificou-se a tal ponto, que deu em lamentar que a Europa ignore a Turquia. E não se lembra ou não vê que a Europa se ignora a si própria, como se mostra das brilhantes provas que tem dado estes últimos anos, deixando-se primeiro

emaranhar numa guerra estupidíssima e receitando depois a si mesma, para convalescer da burrice, uma paz totalmente idiota.

Ainda agora, neste momento, a Inglaterra, a Itália e a França teem cada uma sua maneira diferente de *ver* a Alemanha, que, no-emtanto, está mais óu menos no meio delas; e queria o homenzinho que elas soubessem o que é a Turquia, lá metida a um canto...

Maio de 1920.

XXXII

WILSON E A FRANÇA

QUANDO andava prègando e arquitectando, em plena guerra iníqua de quási todo o mundo, a instauração da Justiça e da Paz Universal, o sr. Professor Woodrow Wilson, mísero Presidente dos Estados-Unidos da América do Norte, sentiu por-ventura, de quando em quando, a tentação de comparar-se a Jesus Cristo.

Se assim foi, expiado se encontra a esta hora aquele pecado de vaidade e sacrilégio. Hoje o ilustre chefe do Estado americano teria mais do que nunca o direito de condecorar-se com o honroso paralelo; mas o Cristo a que êle se assemelha não é já o que trouxe ao mundo a Boa Nova: é o que se queixava da enveja e da chateza dos seus primos e conterrâneos; é o que sentiu e disse, entre os primeiros, que ninguém é profeta na sua terra.

O sr. Woodrow Wilson não é profeta na sua

terra, porque o senador Lodge não dá licença. Mas o senador Lodge não é o único adversário da Boa Nova que o Presidente Wilson trouxe à Europa e ao mundo todo. Espalhados por todo o mundo há mais Caifazes, muitos Caifazes, menos dispostos talvez do que o Caifaz americano a crucificar o novo Cristo, seu inimigo pessoal, mas de-certo mais encarniçados do que êle em provar por palavras e obras que o seu Reino não é dêste mundo.

O seu Reino não é dêste mundo, e nem é, sequer, da sua própria República. Os Estados--Unidos, pela bôca do Senado de Washington, rejeitaram o tratado da paz que o Presidente Wilson tão custosamente arquitectara; e assassinaram à nascença a Sociedade das Nações, sua filha dilecta. Episódios de alta tragédia a que não faltou, para os efeitos de claro-escuro, um oportuno tempêro de cómico, quando agora, a-propósito do caso do Ruhr, o Presidente dos Estados-Unidos acusou a França de não cumprir o Tratado que os Estados-Unidos nem sequer assinaram, e tratou sòzinha de assegurar uma posição defensiva em que os Estados-Unidos, pela bôca do seu Presidente, haviam prometido acompanhá-la...

Mais cómico ainda é dizerem de Washington que o Presidente Wilson insiste em que a França

atenue os efeitos da ocupação de Francfort, *fazendo neste momento um acto de confiança na Sociedade das Nações.* A França há-de fazer acto de confiança numa Sociedade das Nações que os Estados-Unidos mataram à nascença; e há-de fazer recuar o seu exército, e até talvez licenciá-lo e dormir descansada, no preciso momento em que os Estados-Unidos anunciam a construção de uma frota de guerra tão forte como a sôma das outras tôdas.

Agora, depois de tudo isto, continuem Vossas Excelências a chamar *doido* ao que dizia que o manicómio é cá fora.

Maio de 1920.

XXXIII

A CABEÇA E O TRAVESSEIRO

ESTA noite deu-me a espertina, e, como não podia dormir, entreguei-me na cama às delícias intensas da acção, e resolvi de uma vez por tôdas o complicado problema económico da Europa.

Devo dizer desde já que a minha solução equivale a um novo descobrimento da América e que, portanto, a habilidade de que dei provas durante a insónia se reduz modestamente a uma segunda edição, já se vê que mais ilustrada, do Ovo de Colombo.

Isso mesmo verá o Leitor do seguinte diálogo, travado entre a minha agitada cabeça e o meu travesseiro pachorrento:

A CABEÇA

Isto é um horror. A direcção política do mundo desloca-se nìtidamente para a outra banda do

Atlântico. Os Estados-Unidos dão a lei à Gram-Bretanha e à França. O Brasil sobe a grande potência. A Argentina...

O TRAVESSEIRO

Não há nada mais justo. Jesus Cristo disse: *Deixai os mortos enterrar os seus próprios mortos.* E a Natureza manda que a rapaziada venha a seu tempo ocupar o lugar dos velhos já gastos.

A CABEÇA

Mas, ¿não é uma vergonha que, em-quanto a América trabalha e produz, nós estejamos aqui na ociosidade, a viver do seu trabalho e da sua produção?

O TRAVESSEIRO

Não há nada mais justo. Durante quatro séculos exportámos trabalho para a América, e é bem razoável que tomássemos estas férias de quatro anos, importando de lá, em troca, um pouco de descanso.

A CABEÇA

Mas isto tem de acabar, porque no dia em que já não possamos pagar à América o trigo e a carne que de lá veem, a Europa morrerá de fome.

O TRAVESSEIRO

E a América não morrerá de indigestão, porque no dia em que não pudermos pagar-lhe os seus fornecimentos, ou fechará a loja, ou passará a fornecer-nos de graça, à espera de melhores dias.

A CABEÇA

¿Por que bulas?

O TRAVESSEIRO

Porque não tem melhor frèguês.

Maio de 1920.

XXXIV

OS PASTORES E O GADO

GUILHERME Ferrero, o célebre historiador e filósofo, fêz há pouco, em Genebra, uma série de conferências sôbre a crise da civilização ocidental em que nos debatemos, e que êle comparou à Babel do Velho Testamento, pondo também em confronto a obra do congresso de Viena (onde o génio de Talleyrand soube tirar bom partido do princípio da legitimidade) com a da nossa Conferência da Paz, que nem sequer soube definir, e muito menos aplicar, o novo princípio do direito dos povos.

Ferrero caiu a fundo sôbre a diplomacia contemporânea, tal como conduziu ou tentou conduzir os acontecimentos de 1914 a 1920, dirigida por homens que de-repente se acharam investidos de uma autoridade por vezes superior à dos maiores déspotas, sem que nada no seu passado os designasse para serem os grandes pastores da humanidade tresmalhada.

«Tresmalhada» lhe chamo eu, e não me consta, do extracto resumido das conferências de Ferrero, que êste epíteto fôsse aplicado pelo eminente pensador. E é pena que assim seja, porque êsse único adjectivo explica as diferenças dos tempos e encerra em si só tôda a defesa dos Lloyd George, Clemenceau e outros, no confronto desfavorável que Ferrero dêles fêz com Talleyrand.

Ninguém pode contestar que os dirigentes actuais da humanidade sejam menos que medíocres pastores. Mas, ¿quem afirma aí que os rebanhos de agora ainda agoentem o nome de rebanhos? A verdade é que o «gado» embraveceu muito, de há um século a esta parte: embraveceu a tal ponto que, verificada cada vez melhor a insuficiência dos pastores da terra, não tardará o dia em que se reconheça que é preciso voltar aos tempos bíblicos do cajado comprido — do cajado com o cabo no Céu.

E, no em-tanto, é fôrça confessar que, apesar de medíocres, os pastores actuais da humanidade tiveram artes, durante perto de cinco anos, de despachar milhões de reses para o matadoiro. Durante cinco anos quási, marchou o gado, em silêncio e obediência, para onde quer que tra-

balhasse a choupa. Caminhou assim para a oficina sangrenta, gregário e basto como nos bons tempos em que o levavam ao prado verde. E ia de bom grado para a matança grande, porque lhe prometeram dar no fim o prémio gordo da Ressurreição.

¿Prometeram? ¡Paguem!

E, se não podem pagar, não se admirem que os bois, tomando a léria à letra, reclamem agora bifes de gente.

Junho de 1920.

XXXV

O SULTÃO, O BURRO E O SÁBIO

MAIS do que nunca — e cada vez mais — precisamos de entrincheirar-nos todos na salutar e reconfortante filosofia que se exala do velho apólogo do Sábio, do Sultão e do Burro.

A historieta é bem conhecida; mas convém reeditá-la aqui sumàriamente, para edificação e benefício de quem a ignore ainda, ou dos que, perdulários levianos, esqueceram o seu precioso ensinamento:

Chamou o sultão ao sábio e disse-lhe, com a sua habitual benevolência:

— Preciso que ensines ao meu burro alguma literatura. Trata disso, ou mando-te cortar a cabeça.

Ao que o sábio respondeu, humildemente:

— Agradeço ao mais benigno dos soberanos o ter-se lembrado de mim para tão nobre e agra-

dável missão. Necessito, porém, para levá-la a bom efeito, de algum tempo razoável. A matéria é vasta e a fraqueza dos meus dotes pedagógicos tão grande, que não basta a ajudá-la a pujante inteligência do burro de Vossa Alteza...

— ¿Quanto tempo te parece indispensável?

— Cinco anos, ultra-delicioso Senhor e Pai.

— Concedidos. Leva já contigo o aluno e traze-mo, dentro de um lustro em ponto, bem perito na arte de conhecer e apreciar as letras antigas e modernas. Um minuto que tardes além do prazo, logo a tua cabeça rolará no pó. ¡Vai, e leva contigo a minha bênção clemente!...

Saídos de palácio o discípulo e o preceptor, encontrou êste um velho amigo, que muito se afligiu quando soube do que sucedera. Mas o sábio, sereno e sorridente, consolou-o logo:

— Não te assustes, irmão. Em cinco anos dá o mundo muita volta. Em cinco anos trabalha o Tempo mais que nós, e resolve sem custo o que não consegue efectuar o esfôrço, o estudo e o cuidado dos homens. Em cinco anos, ou morre o Sultão, ou morre o burro, ou morro eu...

Leitor pessimista e assustadiço, quebra e lança de ti as lunetas negras com que vês em côres vivas todos os medonhos perigos que ameaçam

a Europa: o perigo vermelho, o perigo amarelo, e *tutti quanti*. Segue o exemplo daquele sábio, e vê nos próprios panos maus de que te vestes a rapidez com que o Tempo desbota as tintas fabricadas pelos homens.

Em dois anos, em cinco anos, em dez anos, ou morrem os sultões, ou morrem os burros, ou morres tu...

Agôsto de 1920.

XXXVI

GIOLITTI E A ITÁLIA

TÔDA a Itália está pendurada dos oitenta anos do sr. Giolitti, como há dois ou três tôda a França estava pendurada dos oitenta anos do sr. Clemenceau, que por sinal não quebraram.

¿Resistirá Giolitti aos esticões da Itália, como Clemenceau resistiu aos esticões da Alemanha?

Não são as nações como as mulheres, ao que se vê muitas vezes. As nações dão-se bem com os velhos, ainda quando teem o sangue na guelra, como a França de 1916 a 1918; ao passo que certas mulheres, das que, apesar-de já «entradas», ainda teem o sangue na guelra, deixam-se conduzir de bom grado pelos rapazinhos novos.

E inda há outra diferença: é que às velhas embeiçadas por moços resta esperança de que estes se corrijam, exactamente porque são moços, dos defeitos e vícios com que as fazem sofrer; mas as nações governadas por velhos

teem de resignar-se aos pendôres ou costumeiras dos governantes que já não estão em idade de mudar.

Por isso me fêz sorrir a observação de um «avaliador competente e imparcial» da política italiana, o qual entende que a Itália precisa neste momento de grandes ministros, e portanto espera ver o sr. Giolitti abster-se da ousadia com que, nos períodos da sua maior influência política, dava pastas de ministros aos amigos mais obscuros e mais incompetentes, desafiando assim a opinião pública.

— Então vivíamos (conclui o «avaliador») num período normal, e não havia perigo em que os ministros parecessem os directores gerais dos seus directores gerais. Hoje, porém, as circunstâncias são gravíssimas e impõem a escolha de estadistas de primeira ordem, capazes de dominar a crise nacional.

Mania universal, esta de considerar pequenos para o momento os estadistas em uso, e de procurar com um prego aceso outros maiores. Como se os homens não fôssem sempre mais ou menos do mesmo formato, parecendo apenas grandes quando surgem em momentos pequenos...

Por isso a Itália lá foi buscar o sr. Giolitti, germanófilo e anti-intervencionista, para a curar das feridas que trouxe da guerra em que interveio e onde acabou vencendo a Áustria: porque o sr. Giolitti lhe parecia de tamanho anormal, quando funcionava em períodos normais. Parecia-lhe tão grande êste homem, nos momentos pequenos, que até os seus colaboradores se lhe afiguravam microscópicos. E agora quer que Giolitti seja maior do que nunca, e que se rodeie de auxiliares ainda mais enormes do que êle.

Difficilem rem postulasti. Ou o sr. Giolitti não consegue tirar a Itália da cepa torta, ou a governará aos oitenta anos como a governava aos sessenta e ainda antes. Não se muda de hábitos quando já se não tem senão hábitos. Não se governa um país quási ingovernável sem se exercer uma grande influência política. Não se exerce uma grande influência política sem se cair patente ou latentemente na ditadura. E não há ditadura no mundo, que não seja uma macrocefalia rodeada e auxiliada por microcéfalos.

Outubro de 1920.

XXXVII

COMBÓIO PEDAGÓGICO

A GRANDE companhia inglêsa de caminhos-de-ferro denominada *Great Eastern Railway,* acaba de organizar um combóio pedagógico destinado a percorrer os condados orientais, com o fim de instruir pràticamente os cultivadores, os criadores de gado e os pequenos proprietários rurais.

Carroagens-ambulâncias foram transformadas e adaptadas, para poderem comportar as diversas secções desta exposição ou museu escolar rolante. E dentro delas rolarão também grande número de mestres e peritos, com o encargo de darem aos visitantes tôdas as explicações, conselhos e ensinamentos necessários.

Vai a locomotiva docente arrastar consigo um verdadeiro jardim zoológico de galináceos e de coelhos, um variado estendal de legumes e de frutas, uma exposição completa de ferramentas e aparelhos necessários à exploração agrícola ou

pecuária das pequenas propriedades rústicas. E os professores ambulantes mostrarão como se conservam em bom estado os ovos, os frutos e os legumes, ou explicarão, com modelos à vista, tudo o que pode obter-se da criação, da horticultura e da pomicultura. O compartimento da cunicultura, por exemplo, terá uma exposição de vestuário e de agasalhos feitos com pele de coelho... ¡Que progresso! ¡Que maravilha! ¡Que delícia! ¡Que Céu Aberto!

*

* *

Deve notar-se, porém, que esta experiência de ensino agrícola ferro-viário não é inteiramente nova, pois já em tempo se organizaram na Alemanha e na América do Norte semelhantes combóios pedagógicos, ou escolas rolantes. Mas tudo isso é história antiga, história do bom tempo em que valia a pêna apresentar bons produtos para os poder negociar. Hoje, ao contrário, vende-se tudo fàcilmente, seja como fôr e por que preço fôr, pois bem se sabe, e ainda melhor se sente, que há agora mais quem consuma e menos quem produza.

Por isso mesmo êste combóio inglês de aperfeiçoamento e progresso há-de parecer a alguns

um combóio atrasado, relíquia arqueológica ou anacronismo teimoso, sinal desta idade cíclica em que estamos vivendo ou morrendo — idade--apeadeiro ou idade-entroncamento — na qual sobrevivem disparatadamente vestígios de um passado que já não existe, ao lado de prenúncios de um futuro que aínda há-de nascer.

Bom seria, portanto, que a *Great Eastern Railway* fizesse cruzar com aquele combóio, para o ensinamento ficar completo ou em dia, outro combóio de feição e intuitos inversos, destinado a mostrar ao lavrador empedernido no velho sestro de produzir bom e barato, como é que nós pagamos sem bufar, e engolimos sem pestanejar, o trigo com gorgulho, a fruta com bicho, o osso sem carne e o café sem café.

Setembro de 1920.

XXXVIII

VITÓRIA ÁPTERA

DEPOIS de terem vencido os Persas, entregaram-se os Atenienses ao delírio das construções. A Cidade foi fortificada por Temístocles e ligada ao Pireu pelas «longas muralhas», obra de Péricles. A *Acrópole,* como quem diz *A Alta,* fôra meio destruída pelos Persas, quando da invasão. E essa era a colina sagrada, e o núcleo urbano da idade heróica, cidadela acastelada em tôrno da qual Atenas irradiara, e crescera a pouco e pouco. Naturalmente se concentraram na reconstrução da Acrópole arruïnada os melhores esforços dos Atenienses; e ali se revelou com o máximo esplendor de riqueza e beleza artística, o prodigioso impulso de prosperidade material consecutivo à vitória ganha contra os Persas.

O Parténon, o Erectéion, os templos de Ateneia

Palas e da Vitória Áptera, os Propileus — tudo isto surgiu ou ressurgiu por essa época feliz, em que não só apareceu o dinheiro preciso para gastar, mas os artistas capazes de transformar êsse dinheiro em maravilhas: os arquitectos Ictinos e Calícrates, e o escultor Fídias, que fêz os frisos em baixo-relêvo de mármore do Pentélico e a estátua colossal de Minerva, tôda revestida de oiro e marfim.

A ideia de erigir um templo à Vitória, veio naturalmente da ocasião; mas o pensamento de consagrar êsse templo a uma *vitória sem asas* é ateniense sem mistura, pela espiritualidade e pela graça. A Vitória representara-se até aí com asas, como um anjo que baixava do céu, a recompensar os que melhor tinham lutado. Mas desta vez não a quiseram figurar assim os artistas ou os mecenas atenienses: quiseram-na sem asas para significar que desde então nunca mais voaria, nunca mais deixaria Atenas...

¡Bons tempos eram êsses, em que a guerra enriquecia ao menos um dos partidos e lhe dava asas ao génio para as tirar à Vitória! Hoje, pelo contrário, ¿qual é o país de quem se possa dizer que saiu rico da Guerra, se todos êles perderam a principal riqueza, que era o gôsto ou o hábito do trabalho pacífico? ¿E qual dêles, dos que

venceram ontem, se atreverá a erguer uma estátua à Vitória sem asas, se todos os vencedores se queixam de que a sua Vitória não tem pés nem cabeça?

Setembro de 1920.

SEGUNDA PARTE

O PURGATÓRIO RUSSO

I

JUSTIÇAS DE MAIS

UM frango custa agora na Rússia quarenta rublos — ou cêrca de trinta mil réis. Mas os homens estão muito mais baratos.

Conta o correspondente francês Roberto Vaucher que uma velha campónia de Tula se achou roubada no combóio ao regressar de Moscovo, aonde fôra vender farinha.

— Faltam-me doze rublos. ¡Roubaram-me doze rublos! gritava a pobre mulher.

E, voltando-se para um soldado que viajava junto dela, increpou-o, furiosa:

— ¡Fôste tu, fôste tu, que me roubaste!...

O militar protesta a sua inocência, afirma que vem da guerra, que traz consigo algumas economias. E, deitando-se de joelhos aos pés da acusadora, suplica-lhe que o não acuse e declara-se pronto a entregar-lhe tudo o que tem.

— Não quero o teu dinheiro: quero os meus doze rublos, ¡ladrão!...

Os outros viajantes estão manifestamente do partido da velha contra o soldado. E, sem mais preparos nem hesitações, ali mesmo se constitui um *soviete* judiciário:

— ¡Roubou, tem de morrer! diz um dos assistentes. E outro, sumário, deita o soldado abaixo com um tiro de pistola.

Depois, sossêgo. Mas não tardá que a velha camponesa, tendo metido a mão mais fundo na algibeira, solte uma exclamação de vivo espanto:

— Ah!... ¡Afinal, os meus doze rublos estão aqui!...

Há um minuto de enleio e de silêncio, logo seguido de nova discussão e nova sentença. A velha acusou um inocente: morra *por êlo*. E morra também *por êlo* o executor do primeiro julgamento errado.

Rápida como um drama de Bernstein, sanguinária como as tragédias de Shakespeare, a justiça popular está satisfeita com a sua obra de reparação e de escarmento: três cadáveres para liquidar um pleito do valor de dez mil réis.

Mas a razão humana recusa-se a compreender como é ainda a esta hora crime de morte o desvio de doze rublos, no país estranho onde o único ou mais certo destino de todos os rublos, aos milhares, aos milhões e aos biliões, é afinal o de serem desviados...

E ¿como se condenam ainda à morte os acusadores ou matadores de inocentes, na Rússia gotejante do sangue de tantos desgraçados sem maldade e sem culpa?

Digamos que co-habitam agora ali duas justiças contraditórias: a antiga e a nova, a tradicional e a revolucionária. E oremos a Deus para que em breve triunfe e assente qualquer delas, visto que de uma só justiça humana ainda os homens podem escapar com certo alento de vida; mas com duas à perna o único salvatério eficaz é nascer morto.

Outubro de 1918.

II

BARALHAR, E TORNAR A DAR

GODOFREDO Jones era em 1914 um operário mineiro, tinha trinta e dois anos de idade e trabalhava nas hulheiras do País de Gales.

Veio a Guerra, e Godofredo Jones alistou-se como voluntário num dos primeiros exércitos organizados por Kitchner.

Durante estes quatro anos Godofredo Jones combateu, escapou, distinguiu-se, subiu postos, e é agora general de brigada.

De operário mineiro a general de brigada a distância parece grande e até invencível, porque a gente a mede ao milímetro das circunstâncias de paz. Em tempo de guerra não existe verdadeiramente rítmo certo de acesso ou de promoção: uns morrem e enterram-se antes ainda de terem dado o primeiro tiro; outros vegetam anos na situação modesta que tinham ao entrar em campanha; e outros, em-fim, como Godofredo Jones, sobem aos píncaros e na lotaria da

Guerra, onde quási todos os bilhetes saem brancos (de uma palidez cadavérica), abiscoitam o prémio grande.

Não sei como os socialistas puros e intransigentes encararão a fortuna militar do camarada Godofredo Jones; mas calculo que lha perdoarão ainda mais dificilmente do que se êle fôsse, com todos os sacramentos imperialistas, burgueses ou aristocráticos, um general de carreira. Acham-no, de-certo, um anjo caído das alturas da Revolução Social no báratro da Reacção Militarista; e culpam desta queda de um anjo a sociedade velha da burguesia e do imperialismo.

Peço licença para lhes pôr diante dos olhos outra fortuna militar ainda mais interessante: a de S. Ex.ª o general Gaido, que neste momento comanda a maior parte das fôrças em campanha desde o Ural à Mandchúria, e que em 1914 era meramente ajudante de farmácia numa vilória da Boémia. Saiu da botica um belo dia para ir combater com os Sérvios contra a Áustria; da Sérvia passou à Rússia, quando aquela foi esmagada, e aí o temos agora generalíssimo com trinta e tantos anos de idade.

¿Foi *lord* Kitchner, soldadão afidalgado, porta-bandeira do capitalismo militarista britânico, quem fêz general aquele farmacêutico? Não: foi, afinal, e principalmente, a República

Social de Lenine, a Sociedade Nova dos maximalistas, a admirável anarquia russa, que nivelou as classes ou lhes inverteu os velhos quadros, e sem a qual o jovem boticário da Boémia não passaria a estas horas de primeiro cabo ou segundo sargento...

Baralhar, e tornar a dar. Neste jôgo dos conflitos sociais não é possível outra evolução ou outro progresso. Os pobres idealistas baralham a sociedade velha para a expurgarem do militarismo, e tornam a dá-la ao militarismo, mais agravado ou mais refinado.

Dezembro de 1918.

III

CESARISMO FARRAPÃO

O BOLCHEVISMO é um militarismo em decomposição. «Czarismo reles», lhe chamou duramente um conservador francês; mas esta definição parece estreita, desde que, assinado o armistício, o fenómeno deu sinais seguros de querer alastrar naturalmente à Bulgária e aos Impérios Centrais derrotados, assim como (facto mais significativo ainda) à Holanda e à Suíça, nações neutrais encravadas entre beligerantes e daí forçadas, durante quatro duros anos, a manterem-se num estado de armamento preventivo e defensivo, sem compensações de glória ou proveito à hora da paz.

Não esqueçamos que a revolução russa estalou quando a anarquia burocrática do Império deixou de apresentar a tempo e horas as rações militares; e tenhamos ainda em vista que, ao assumir com Lenine o seu carácter actual de «czarismo reles», foram os soldados e os mari-

nheiros da frota de guerra quem principalmente a encaminhou para os sovietes de marinheiros e de soldados. Se esta nova revolução tivesse sido, como os seus autores pretendem, uma verdadeira revolução popular, os conselhos governativos haveriam sido constituídos por operários da cidade e do campo, mas nunca por soldados, porque os soldados não constituíam uma classe: eram operários e camponeses tirados das suas classes provisòriamente, e destinados a reentrar nelas, findo o seu serviço militar. Uma autêntica revolução popular teria, portanto, dito aos soldados: « Voltem à terra ou à fábrica, peguem outra vez na pá ou retomem o seu lugar na oficina, e apareçam depois, para votar e governar. Classe militar normal e estável não pode reconhecê-la uma revolução feita para realizar doutrinas de internacionalismo, de humanitarismo e de pacifismo...»

Mas a revolução de Lenine não disse nada disto, exactamente porque não foi uma revolução popular: foi, de início, a expansão anárquica de um exército derrotado, esfomeado e desmoralizado, que começou naturalmente por chacinar os seus oficiais, e em seguida se entregou às funções guerreiras tradicionais da destruïção e da pilhagem. O isolamento geográfico da Rússia, as manobras políticas do Império Alemão, a

escravidão medieval do camponês moscovita, as velhas tradições de comunismo, enraïzadas numa grande parte daquele enorme e atrasado país — tudo isto favoreceu a obra dos batalhões transformados em quadrilhas, permitindo-lhe que alastrasse e durasse. Mas êsse alastramento não pode, ao menos por em-quanto, estender-se às regiões europeias mais civilizadas. E essa duração tem de ser curta, porque as «organizações sociais» baseadas no morticínio e no saque adoecem ràpidamente de uma fadiga mortal.

Janeiro de 1919.

IV

MIENTRAS VUELVE

¿ESTA inflamação bolchevista será um simples caso de polícia, que se agravou pela dificuldade de levar à Rússia as medicações apropriadas, ou será uma nova revolução de grande espectáculo, destinada a edificar no mundo um novo Direito e uma nova Ordem, sôbre as ruínas causadas pela desordem máxima e pela suprema iniqüidade?...

É difícil responder, por em-quanto; mas há uma tendência para tornar o problema fácil de mais, considerando o barulho e sarrabulho moscovita como prólogo do advento do quarto estado ao cume da pirâmide social, exactamente como há cento e tantos anos o terceiro estado se encarrapitou nos vértices. A revolução russa seria assim uma segunda edição da Revolução Francesa, com o mesmo enrêdo teatral e as mesmas personagens a moverem-se num scenário

diferente, com nomes diferentes: Tomada da Bastilha de S. Pedro e S. Paulo; Nicolau II executado como Luiz XVI; os Girondinos de Kerensky apeados pela trindade de Lenine, Trotsky e Zinovief, correspondente à de Marat, Danton e Robespierre; e o Terror, o famoso Terror, que na primeira edição serviu e sobrou para acabar com a última resistência aristocrática, numa tiragem modesta de alguns milhares de cadáveres, ampliado agora a hecatombes inumeráveis e crónicas, produzidas pela anarquia, pela fome, pela peste e pela ferocidade originária e insistente da bêsta humana.

Pelo jeito que levam as coisas, e se bem que um ano seja tempo escasso para tirar delas alguma conclusão histórica segura, é lícito avançar desde já que o bolchevismo se apresenta na prática mais comprometedor do que propício ao socialismo.

Na Rússia ficou demonstrado que os socialistas *soi disant* construtivos não tiveram nem podiam ter fôrça para se defenderem das doutrinas contíguas do socialismo revolucionário, e por sua vez confinantes com a anarquia, quando não nìtidamente anárquicas. E o mesmo, ao que se vê, está sucedendo na própria Alemanha, com o duelo entre Ebert e Liebknecht, tão semelhante ao de Kerensky e Lenine.

O socialismo afoga-se assim por tôda a parte, no comunismo e no caos. As suas ideias de reconstrução da sociedade pelo trabalho soberano, as suas aspirações tão atraentes e tão simpáticas de atingir a igualdade económica, quebra-as e inutiliza-as, como os lindos bonecos frágeis, a bruteza animal dos conselhos de operários e soldados. E assim as nações parecem destinadas a curar-se do socialismo quimérico, que julgava ter por si o futuro, regressando pela anarquia a um passado de imperialismo e de militarismo refinados. O pior é o tempo que nós os pobres, que somos quási todos, ainda teremos de esperar para que os congressos de soldados e operários, ocupados em destruir a sociedade antiga, deem de si os grandes generais e os grandes diplomatas que são necessários à reconstrução da sociedade nova, e à instalação dos seus novos-ricos, mais sôfregos e mais insolentes que os antigos.

Janeiro de 1919.

V

O DISSOLVENTE SEMITA

CADA país tem os Judeus que merece, dizia Metternich, adoptando a opinião muito espalhada, e até certo ponto justa, de que a perseguição refina os defeitos e inconvenientes sociais do Israelitismo.

A Rússia, onde o povo e a autoridade imperial organizavam volta e meia os famosos *progroms*, ou matanças de Judeus, está agora pagando com língua de palmo essas montarias de outros tempos; pois é à ordem de Judeus, principalmente, que em S. Petersburgo e Moscovo funciona e tripudia o Terror Vermelho.

Lenine não é judeu; mas é-o Trotsky, como mostram os seus verdadeiros apelidos de Leiba Bronstein; é-o Zinovief, o sanguinário presidente da comuna de Petrogrado; e era também judeu o defunto Moysés Salomonovitch Uritzky, assassinado há pouco em pleno êxito da sua carreira de terrorista-mor e implacável caçador de burgueses e contra-revolucionários.

O presidente do Soviete dos Sovietes russos, Jacob Movchef Sverdlof, é um farmacêutico judeu, nascido em Nijni-Novgorod. E é também israelita o presidente do Tribunal Revolucionário, Zorine, socialista teórico e aliás um pouco mais macio de sentimentos do que a maior parte dos seus ferozes correligionários bolchevistas.

Além dêstes maiorais, muita outra gente semita, homens e mulheres, está exercendo na Rússia o poder supremo, ou gravitando feliz em torno dêle. E como a maior parte dessa gente se vai vingando com juro hebraico do que tem sofrido na sua pele e na sua raça, alguns filósofos continuam a dizer que a Rússia tem os Judeus que merece, e que êstes não fazem senão tratá-la agora como ela os tratou noutro tempo.

É bem possível. Mas convém não esquecer, por outro lado, que o predomínio hebraico na política de tôdas as nações tem como fito e como resultado desnacionalizá-las o mais possível. Os Judeus realizam há milhares de anos o milagre de durar e prosperar como povo, sem possuírem território nem constituírem Estado. A sua pátria não está em Parte Nenhuma e por isso as suas fronteiras abrangem Todo o Mundo. E cada país tem com efeito os Judeus que merece, mas não no sentido de ser mais

estimado por êles quando os trata melhor. Cada país tem os Judeus que merece, no limite em que é capaz de resistir, pela consciência e energia do seu nacionalismo, ao incurável internacionalismo dos Judeus. A Rússia tem sido governada por êles, e continua presa nas suas mãos, exactamente porque ignora que existe uma Rússia, ou não se sabe fazer dona de si própria.

Março de 1919.

VI

REDISTRIBUÏÇÃO

A HISTÓRIA seguinte deve ser a esta hora bastante conhecida, porque o merece. Mas convém arquivá-la, como uma das melhores definições práticas do regime de govêrno anárquico, a um tempo macabro e grotesco, que por desgraça da humanidade ainda a esta hora continua a vigorar no centro da Rússia europeia.

Havia em S. Petersburgo um Russo abastado, solteirão de quarenta anos, que levava vida sibarita na sua confortável residência, sita numa das mais belas alamedas da Capital. Era um primeiro andar, não muito espaçoso, mas admiràvelmente mobilado, para o qual se mudou, logo que saíu o decreto da nova distribuïção das habitações, um guarda vermelho, chinês ou letão, com a sua ilustre família.

Pôsto na rua só com a roupa do corpo e

alguns rublos escapos ao cataclismo, o antigo inquilino do palacete desdenhou instalar-se na adega ou sótão que lhe fôra destinado num dos bairros pobres da cidade. Trocou o seu fato janota por um equipamento completo de *mujik*, comprou uma enxada e meteu-se a caminho do campo, na ideia de se dedicar à agricultura, visto que o sibaritismo já dera o que tinha a dar.

Ao cabo de oito dias e quarenta léguas de marcha, o sibarita aposentado em cavador encontrou trabalho numa lavoura de trigo e centeio, que pertencera a um príncipe russo, e era agora propriedade de um antigo sargento alemão. E por ali se ficou, cavando dez horas por dia (como se cavava no tempo em que ainda não havia república social) e comendo com mais apetite e dormindo com mais convicção do que no tempo em que era sibarita.

Até que, uma bela manhã em que trabalhava num campo à beira da estrada, passaram por ali grandes turmas de rapazes alegres, que iam cantando estribilhos de opereta e levavam ao ombro espingardas cheias de balas. E atentando no cavador um dêstes rapazes, portador de uma enorme bandeira vermelha, parou no caminho à frente do bando que o seguia e gritou para o campo:

— ¿Que fazes aí, camarada?

— ¡Não te é difícil ver que estou cavando! exclamou de lá o outro.

— ¡Mas isso já se não usa, grande palerma! ¡Vem de aí connosco para Petrogrado!...

Com vontade ou sem ela, o cavador incorporou-se no alegre cortejo cívico, porque o povo é soberano, quando põe ao ombro a soberania das armas carregadas. E, ao chegarem todos à cidade onde o pálido Neva corre agora vermelho, houve nova distribuïção de habitações nos bairros mais finos, e o antigo sibarita vive agora numa casa ainda melhor do que a que tinha de antes.

Abril de 1919.

VII

JÔGO DESESPERADO

O SR. Lloyd George não é pessimista e bastante nos tem demonstrado não o ser. O simples facto de não lhe haver apetecido ir-se embora em plena guerra difícil e de continuar no govêrno agora, neste medonho período de paz, é suficientemente abonatório da sua fé ou da sua esperança de optimista, e deve dispensar-nos de mais longas demonstrações.

Ora o sr. Lloyd George proferiu recentemente um discurso (4 de Março de 1919) em que começou por dizer: «O mundo inteiro está num tal estado de inquietação e de confusão, que não dá gôsto fazer previsões sôbre o que poderá acontecer nos próximos dois anos.»

«A Rússia (continuou o Primeiro Ministro britânico), está feita em farrapos, e os Russos morrem de fome às centenas de milhar. E devo dizer, por muito que isso me custe, que a Alemanha vai pelo mesmo caminho.»

Como estava discursando numa conferência de patrões e operários da indústria, o sr. Lloyd George disse aos patrões: «Não deveis insistir em obter certas vantagens temporárias, que viriam, no fim de contas, a causar a vossa ruína. Deveis olhar e ver para longe, se quiserdes manter a segurança do edifício social.» E aos operários disse: «O que tem acontecido na Rússia e ameaça repercutir-se na Alemanha, prova que é a classe operária a que menos lucra com a anarquia. Com efeito, é ela que sobretudo está sofrendo indizíveis horrores, nesses mesmos países onde momentâneamente parecia triunfante.»

Claro como água da fonte. Quem perde com a anarquia é tôda a gente, incluindo até os próprios ladrões e os próprios assassinos, que num regime sem polícia e sem tribunais podem fazer momentâneamente bom negócio, mas negócio muito temporário e muito precário, visto que nada os protege contra a eventualidade de serem por sua vez assassinados ou roubados, logo depois de cometido o roubo e o assassínio. A lei, onde existe e domina, persegue-os e embaraça-os, certamente, pois é feita sobretudo para êles ou contra êles; mas dá-lhes, mesmo a êles, garantias importantes, à sombra das quais podem fazer o cálculo dos perigos e van-

tagens, certezas ou probabilidades, das emprêsas a que se abalançam. Todo o negócio é incerto e arriscado; o que é preciso, para se lhe poder chamar «negócio», é que os riscos sejam susceptíveis de cálculo e que, traduzidas as incertezas em algarismo, fique ainda livre, por pequena que seja, uma certa percentagem de certeza.

O que não fôr isto não é negócio: é jôgo. E assim a anarquia só pode tentar os jogadores, e não ainda todos, mas só aqueles jogadores desvairados, capazes de jogar tudo contra tudo.

Abril de 1919.

VIII

A QUEM TEM MÊDO

¿QUE é o bolchevismo, afinal?

¿É um simples caso de polícia, em que a polícia chegou tarde, como costuma? Se o é, não vale afligir, porque a autoridade acabará por acordar e o incêndio há-de ser localizado e circunscrito.

¿É uma fístula que ficou tòrpidamente a supurar no ponto mais fraco de um organismo enfraquecido pela infecção geral da última guerra? Neste caso não vale afligir, porque o tempo curará o que o tempo adoentou, e estes quatro ou cinco meses de «paz» são pouco, ou mesmo nada, para a nossa convalescença total de uma guerra que durou quatro ou cinco anos.

¿Será, porém, o bolchevismo, como espera o maior número e receia o resto dos homens, uma convulsão económica, política e social, complementar da Revolução Francesa e destinada a completar a obra de felicidade humana que

aquela realizou (?), libertando o proletariado como há mais de cem anos foi libertado o burguês? Se é isso, vamos a isso e quanto mais de-pressa melhor.

Por muito milionário e sibarita que sejamos, e por muito que nos custe fazer presente, a todos, do nosso sibaritismo e dos nossos milhões, não temos o direito de contrariar por egoísmo a obra de altruísmo universal. Tanto mais que, se o bolchevismo é isto, melhor é tratá-lo pelo seu velho nome de cristianismo, e confessar que Lenine é hoje o verdadeiro vigário de Deus na terra, novo Messias e novo Salvador, apenas um pouco tardo em deixar-se crucificar — o que aliás não está provado que êle não venha a fazer com nazarena mansidão, logo que o Presidente Wilson se resolva a mostrar-se um pouco mais Pôncio Pilatos.

Mas pode também dar-se que esta enorme vaga de anarquia (que já rola bravamente por todo o oriente e quási todo o centro da Europa, e já vem lambendo, sob a forma mais suave de espuma anárquica, o ocidente e o sul do Velho Continente), seja na verdade o anúncio, ou o prenúncio, de um imenso e fundo dilúvio social. Pode dar-se que esta chamada «civilização» tenha de ser afogada e lavada em barrela total de guerra, fome e peste, para dar lugar a outro

e bem diverso mundo humano, talvez novo em fôlha, mas mais provàvelmente igual ao que já viram as idades simples da pedra e das cavernas.

Neste caso é bem evidente que as nossas interessantes vidas se arriscam a ficar muito mais interessantes, por mais curtas, mais acidentadas e mais desconfortáveis, do que lhes estava traçado no nosso programa de há cinco ou seis anos. E então resta-nos apenas, para espantar a insónia, aquela velha regra proverbial do optimismo português:

— Entre mortos e feridos, alguém há-de escapar.

Neste ranger sinistro do mundo velho apegue-se cada medroso, e principalmente cada medroso reaccionário, à esperança de que durará e ficará — para semente de outro mundo mais velho ainda.

Maio de 1919.

IX

O QUE DIZ BERNARDES

O HOMEM que tinha muito mêdo ao bolchevismo tirou da estante, para se distrair, um cartapácio velho, deixou-o abrir-se à vontade pela folha do vêzo e leu assim:

«¡Oh! ¡quanta verdade é que a figura dêste mundo sempre está passando, e nós como ela!

«Dos sábios e justos diz Isaías que vêem a terra de longe. Ora vem cá, alma minha, faze por ser sábia, toma as asas da contemplação, e suspende-te nelas, e olha de longe para esta bola da terra, e verás como a sua figura sempre está passando.

«¿Que é o que vês? Mares, rios, árvores, montes, vales, campinas, desertos, povoados... e tudo passando.

«Os mares em contínuas crescentes e minguantes; os rios sempre correndo; as árvores

sempre remudando-se, ora sêcas, ora floridas, ora murchas; os montes já foram vales, e os vales já foram montes, ou campinas; os desertos já foram povoados, e os povoados agora, já foram desertos.

« Mas olha em especial para os povoados, porque o mundo são os homens. Tudo está fervendo em movimentos que acabam e começam: uns a sair dos ventres das mães, outros a entrar nos ventres das sepulturas; aqueles cantam, dali a pouco choram; estoutros choram, dali a pouco cantam; aqui se está enfeitando um vivo, parede meia estão amortalhando um defunto; aqui contratam, acolá distratam; aqui conversam, acolá brigam; aqui estão à mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito gemendo o que riram e sangrando-se do que comeram.

« Lá vai um no seu coche com os pés sôbre tela e veludo; atrás das rodas vai um pobre nú e descalço. ¿E que turba-multa é aquela que vai cobrindo os campos de armas e carruagens? É um exército, que vai a uma de duas coisas: ou a morrer, ou a matar. ¿E sôbre quê? Sôbre que dois palmos de terra são de cá, e não são de lá... ¿E que árvores são aquelas que vão voando sôbre as ondas, com asas de pano? São navios, que vão buscar muito longe coisas que

piquem a língua para comer mais, coisas que afaguem a pele, coisas que alegrem os olhos, isto é: espécies, sêdas, oiro...

«¡Olhai o tráfego! Tudo ferve, tudo se muda por instantes. Se divertirdes os olhos, de aí a nada tudo achareis virado. O rico já é pobre, o mecânico já é fidalgo, o moço já é velho, o são já é enfêrmo, e o homem já é cinzas. Já são outras cidades, outras ruas, outra linguagem, outros trajos, outras leis, outros homens... ¡Tudo passa!»

.....

E o homem que tinha muito mêdo ao bolchevismo agradeceu, do fundo do seu coração já mais calmo, ao bom padre oratoriano Manuel Bernardes o ter-lhe preparado na botica da sua cela contemplativa (¡já lá vão mais de duzentos anos!) esta cápsula de brometo de potássio.

*

* *

Leitor amigo: confessa que vale bem a pêna, de vez em quando, enfiar à alma as *asas da contemplação* e suspendermo-nos nelas muito alto sôbre as misérias do mundo, que sempre estão passando... e voltando. ¡E que delícia grande, quando o pilôto do aeroplano contem-

plativo é como êste que acaba de guiar-nos na viagem por cima dos mares, dos rios, das árvores, dos montes, dos vales, das campinas, dos desertos e dos povoados!... Um pilôto que na grandeza da sua alma ascética sabia encarar o mundo como ignóbil bola de terra, e para no-lo fazer ver como êle próprio o via — lodo amassado com lágrimas — se vestia do esplendor artístico da sua palavra — dalmática de oiro recamada de pérolas.

Maio de 1919.

X

DUPLO SUÏCÍDIO

À ANARQUIA económica, vai seguindo-se a anarquia moral, que por sua vez precede a anarquia política.

Pelas ruas de Berlim andam agora muitos cavalheiros adamados, entregando folhetos onde se reclama a liberdade do *terceiro sexo* e a abolição de certo artigo do Código Penal, coïbitivo dos respectivos interêsses — tudo em nome das doutrinas de Wilson, onde se inclui o direito dos povos, e portanto dos homens (?), a disporem de si mesmos...

A crise do patriotismo torna-se geral e cada vez mais aguda. Já não são únicos a revelar-se neste sentido os países onde campeia a anarquia internacionista e o comunismo moscovita ou húngaro, tirocinante para mundial. Aqueles próprios que, como a França, se exaltaram até o milagre na defesa do solo contra a invasão estrangeira, experimentam agora, quando ainda

não está assinada a paz com o inimigo, o desenrolar da onda dissolvente. E assim vai o artifício ou a ilusão ideológica auxiliando o jôgo aliás fácil da natureza, sacrificando com inconsciência suïcida o sentimento de nação à quimera económica ou política, e fazendo talvez suceder mais de-pressa, à hora wilsoniana das lutas e migrações de doutrinas, a hora darwiniana das migrações e das lutas da raça.

No momento grave e decisivo em que as devastações da Guerra reclamam de todos o sacrifício de se contentarem com lucros mais modestos em trôco de trabalho mais duro, alastra por tôda a parte a ânsia louca e feroz de ganhar cada vez mais, trabalhando cada vez menos. Os pobres encaram com repugnância a ideia de darem ao esfôrço industrial mais de sete ou seis horas diárias, mas vêem com bons olhos a perspectiva de suarem vinte e quatro nas revoluções e nas guerras civis. Os ricos queimam na batota, ou nos delírios de um luxo agonizante, o dinheiro que podiam e deviam empregar no embaratecimento do pão de cada dia.

Como sempre que se transgride ou renova a lei sã do esfôrço e do trabalho, falam alto os instintos, sopitados mas nunca abolidos, da violência, da fôrça, do homicídio, do roubo e do saque. Em nome da justiça, o homem ameaça

o homem na sua vida e na sua propriedade. E a esta oposição crescente, pronta a desencadear-se em combate definitivo, chama-se ainda *a luta entre o Capital e o Trabalho*. O pior é que, quando o operário emprega a ferramenta a assaltar o burguês em nome dos direitos do Trabalho sôbre o Capital, já não há trabalho e já não há capital: neste duelo as ruínas e a morte precedem os golpes; o duplo assassínio é, na realidade, o epílogo de um duplo suïcídio.

Maio de 1919.

XI

O INEVITÁVEL BURGUÊS

À MEDIDA que o bolchevismo recua ou alastra, se modifica ou se demora, podia talvez ir-se formando e robustecendo esta nova regra política: que cada país tem, ou terá, o bolchevismo que merece.

Por em-quanto não existe verdadeiramente senão um bolchevismo russo, visto que o húngaro, a-pesar-de já pôsto no cartaz com grandes letras, não passa ainda de um novo, embôra já ilustre, cidadão de Budapest. O resto da Hungria, felizmente para êle, não está ainda habilitado a ter saüdades do velho regime burguês.

Pois o bolchevismo russo, sob os títulos popularmente pomposos de república comunista e de ditadura do proletariado, não passou até agora de um regime oligárquico revolucionário, inteiramente nas mãos de meia dúzia de fidalgos, de janotas e de burgueses, quási todos israelitas.

Lenine, o papa da próxima futura comuna mundial, é nobre de nascimento, filho de um Conselheiro de Estado e de uma dama oriunda de proprietários modestos. Trotsky, de seu verdadeiro nome Leiba Bronstein, nunca exerceu profissão manual, além das de jornalista... e cliente assíduo das melhores manucuras europeias: é o mais janota dos comissários do povo e continua, a-pesar-dos seus extenuantes deveres oficiais, a trazer as unhas finìssimamente recortadas, polidas e carminadas.

Entre o pessoal secundário da ditadura do «proletariado» abundam os jornalistas e os judeus, profissão e raça muito pouco «proletárias», no sentido oficinal e sindicalista desta simpática palavra:

Iverdloff, espécie de Presidente nominal da República dos Sovietes, é judeu e farmacêutico; Zinovief, chefe da comuna de Petrogrado, é judeu e jornalista; Kamenef é judeu e bacharel. E, assim, sucessivamente. Os judeus estão nos comissariados centrais, isto é: nos mais altos postos do estado pseudo-anarquista, embora verdadeiramente anárquico, na proporção respeitável de setenta e cinco por cento. E diz o *Times*, de onde colhemos estes dados, que entre os oficiais do exército vermelho os israelitas são «legião». A respeito de operários na direcção

superior dos negócios públicos, há na Rússia apenas um para amostra, exactamente como no actual gabinete português e no Govêrno provisório de Lamartine, em 1848.

Em compensação pululam à volta dos altos comissariados «populares» moscovitas, os negociantes e os banqueiros, velhos inimigos profissionais da propriedade... alheia.

Governado por jornalistas, gente que se julga dispensada de saber seja o que fôr, só porque sabe ler e escrever; e governado pelos judeus, que foram sempre, desde a destruïção do Templo, a gema nutriz de tôdas as burguesias medievais e modernas, o proletariado russo não parece destinado, a-pesar-das misérias que está sofrendo, a aprender, ou a ensinar, nada de muito novo...

Junho de 1919.

XII

O BURRO E O HOMEM

TEÓRICAMENTE são inimigas, porque são antípodas, as duas doutrinas do socialismo e do anarquismo. Esta pretende abolir, em benefício da liberdade do indivíduo, tôda a espécie de organização social; aquela quer organizar tão miúda e abelhudamente a sociedade, que o indivíduo não poderá dar um passo, em-quanto a tirania dos regulamentos sociais lhe não puser um pé adiante, ou talvez antes atrás do outro.

Mas isto é a teoria. Na prática são amigos, aliados e solidários, cordialìssimamente, os dois sistemas opostos do socialismo e do anarquismo, inimigos figadais de natureza. E são amigos entre si, contra a sua índole intrínseca, porque teem de comum êste grande e vital interêsse de circunstância: atacar e vencer o competidor de ambos, que é a organização social existente. Rivais natos e irredutíveis de ontem e de ama-

nhã, são hoje oficiais do mesmo ofício — do único ofício onde não há rivalidade: do ofício fácil e prometedor que consiste em destruír para imperar.

Uma vez obtido o império, logo a antinomia essencial retoma os seus direitos sôbre a falsa e episódica solidariedade, mantida durante a luta ao poder e pelo poder. Então Scheidemann encontra logo Liebknecht pela frente, ou Kerensky encontra Lenine; e, ou Kerensky tenha de fugir, ou Liebknecht seja trucidado, o certo é que os dois compadres de véspera veem às mãos, e um dêles quebra a cabeça, quando não possa fugir a sete pés.

Antípoda do socialismo, o anarquismo funciona assim como seu antídoto. Desde que a doutrina da destruïção do indivíduo se alia disparatadamente, para triunfar, à doutrina da destruïção da sociedade, a vitória final da sociedade e do indivíduo, da razão e da natureza, está devidamente assegurada — o que aliás não era necessário, porque a natureza vence sempre, sejam quais forem as derrotas ocasionais e aparentes que o disparate consiga infligir-lhe.

Mas é preciso não esquecer que socialismo e anarquismo não teem o monopólio do disparate. Militarismo, capitalismo, imperialismo, foram anarquistas e socialistas sem darem por tal

— supondo e querendo ser o contrário. Foram êles quem pôs a Europa e o mundo neste estado em que os vemos, mal aliviados da loucura da guerra internacional e já grávidos da loucura das guerras sociais.

As asneiras são tôdas filhas umas das outras; mas são também, felizmente, inimigas uma das outras. A sua incessante geração compensa-se pela sua incessante destruïção. E é assim que a Natureza vence sempre, restabelecendo o seu equilíbrio, que é o equilíbrio da asneira média, originária e incorrigível. É assim que o homem se salva de si próprio, sem poder consolar-se da sua própria burridade — senão intitulando-se Rei da Criação e dando ao burro o nome e a fama que deviam ser seus.

Junho de 1919.

XIII

SOCIALISMO PINOCA

HÁ duas espécies de socialismo, dizia Rodrigo da Fonseca Magalhães: «um é o socialismo que quer que os que andam de casaca passem a andar de jaqueta, para que todos andemos de jaqueta. O outro é o socialismo que quer que os que andam de jaqueta passem a andar de casaca, para que todos andemos de casaca. Os socialistas da primeira maneira aspiram a cortar as abas das casacas dos que andam de casaca, para que fiquem a andar todos de jaqueta. Os socialistas da segunda escola pretendem, pelo contrário, pregar umas abas nas jaquetas dos que andam de jaqueta, para que fiquem todos a andar de casaca. Eu, se tiver de vir a adoptar algum dêsses dois socialismos, será o segundo que adoptarei».

Pois na actual agitação socialista que tem perturbado a vida parisiense e demorado, ao que

se vê, a imposição da paz à Alemanha, parece dominar o socialismo de casaca, preferido de Rodrigo da Fonseca.

Conta o correspondente de Paris para o jornal operário *A Batalha,* de Lisboa, que as *midinettes,* ou costureirinhas, dão a nota alegre e até *chic* ao movimento do proletariado; e acrescenta que estas encantadoras *proletárias* reclamam salários maiores, para poderem afrontar o alto preço actual das meias de seda.

Mais ainda: o camarada Raul, secretário do sindicato do pessoal do Metropolitano de Paris, teve a ideia (que a mesma correspondência considera também «muito *chic*») de convocar a assembleia geral dos respectivos paredistas para a Mata de Bolonha — *êsse quartel-general da vaidade burguesa.* E os trabalhadores dos transportes subterrâneos foram todos para o *Bois* «muito bem postos, em uniforme azul novo e *irreprochable*».

Isto não é ainda o socialismo de casaca, colete branco, *cigarrette* turca nos lábios, monóculo no ôlho e orquídia na botoeira. Mas já não falta tudo.

Já, pelo menos, se podem ler nas notícias dos movimentos proletários uns agradáveis salpicos do calão francês dos jornais de modas. Já as reivindicações socialistas se mudaram, com

as suas armas e bagagens mais *chics* e *irreprochables,* da Bôlsa do Trabalho para o *Bois de Boulogne.* Já as gazetas proletárias reconhecem desvanecidas que o operariado faz boa figura nos quartéis-generais da vaidade burguesa...

Acho que vai tudo muito bem pelo lado estético, no socialismo elegante e *smart.* A minha dúvida é se os burgueses chegarão, depois de morta e esfolada a maior parte dêles, para trazerem bem varridas as alamedas do *Bois* e para fabricarem meias de seda às *midinettes* tão gentis e, sobretudo, tão... proletárias.

Julho de 1919.

XIV

NADA DE NOVO

POR muito que se vasculhe ou esgaravate na História não há meio de encontrar nela mais que três classes verdadeiramente fundamentais: a dos que combatem, a dos que negociam e a dos que fabricam. Há uma fôrça predominantemente muscular que lavra, pesca, transforma ou transporta os elementos necessários à vida; uma fôrça predominantemente cerebral que organiza e dirige êste trabalho; e uma fôrça mista, cerebral e muscular, que defende a vida e o trabalho das outras duas, e em paga dêste serviço vive, como é justo, à custa de ambas.

Tudo mais são franjas. Através de tôdas as evoluções e no pino das revoluções aparentemente mais catastróficas e cataclísmicas — não há volta a dar-lhe: podem ver-se, agora ou logo, mais ou menos poetas, mais ou menos sábios, mais ou menos governantes, mais ou menos

ricos, mais ou menos pobres, mais ou menos fidalgos, mais ou menos burgueses, mais ou menos padres e mais ou menos deuses: o que não pode *et nunc et semper* deixar de ver-se é o homem que produz ou carrega, o homem que compra e vende, o homem que policia ou guerreia, e em geral vigia e evita que o vizinho de dentro ou de fora mêta no saco e leve para casa o alheio: a comida, o vestido e o dinheiro que os valha.

Visto o mundo como o formigueiro que é, maior apenas na dimensão e na estupidez, Carlos Magno faz a mesma figura que Foch ou Trotsky, e o exército vermelho de Kamenef não se distingue em nada essencial da cruzada de Pedro o Ermita, dos dez mil de Xenofonte, ou dos dois milhões de Lorde Kitchner. Os judeus e não judeus que na Rússia de hoje funcionam como burocratas, comissários ou negociantes, são tão burgueses como o sr. Clemenceau, o sr. Wilson, o sr. Helfferich, ou o sr. Alfredo da Silva, que há tempos ia sendo morto a tiro e à bomba, por alguns leninistas de Lisboa, a título de ser burguês. E se na Rússia ou na Hungria bolchevistas ainda se come — se ainda se vive nessas terras onde a morte reina e prepara as futuras ressurreições — é certo e fatal que lá haja o homem que policia e combate, o homem

que produz ou transporta, o homem que troca valores ou dirige trabalhos, o homem que junta dinheiro e o homem que passa fome. Hoje como ontem, é certo e fatal que há lá aristocratas, burgueses e proletários, trabalhadores e vàdios, sacrificados e parasitas, exploradores e explorados.

Nós não sabemos ao certo o que se passa na Rússia e na Hungria comunistas e viradas do avêsso, porque as notícias que de lá nos veem são poucas, ou confusas, ou suspeitas. Sabemos apenas — e não precisamos de saber mais nada — que se passa lá neste momento o que de todo o sempre se passou e passará em todo o mundo, com mais ou menos sangue, mais ou menos ordem, mais ou menos franqueza, e mais ou menos hipocrisia.

Setembro de 1919.

XV

VAMOS LÁ A ISSO

UM dos fenómenos sociais mais significativos dêste momento é a abstenção eleitoral da gente com cujo voto contavam os partidos moderados.

Deu-se isto ainda agora na Suíça e quási simultâneamente na Inglaterra, quer dizer: em dois dos países onde a educação cívica está mais apurada e onde as classes chamadas médias se consideram mais capazes de lutar activamente contra a invasão e o avanço das doutrinas políticas extremas.

Na Inglaterra efectuaram-se no primeiro dêste mês as eleições municipais, e o seu resultado constituiu retumbante vitória para o partido trabalhista, que conseguiu impor os seus candidatos por todos os municípios, incluindo aqueles que se julgavam baluartes inexpugnáveis da burguesia ou da aristocracia, como Bath,

Exeter, Brighton, Oxford, Cambridge, etc. E já o *Times* diz, com a sua inamovível serenidade, que o partido do Trabalho *tomou de assalto as defesas exteriores* do actual sistema de govêrno, e que é bom que êle se vá assim *educando a si próprio na prática da administração pública.*

Na Itália realizaram-se as eleições de deputados, tendo a luta e a propaganda eleitoral revestido ali alguns aspectos inéditos.

Citarei, como amostra, o caso da comissão eleitoral do partido democrático italiano, que se lembrou de contratar uma numerosa esquadra de raparigas, encarregando-as de se postarem tôdas durante umas poucas de horas ao telefone, e pela via do fio lembrarem ao eleitores o seu dever cívico de se oporem ao bolchevismo, votando na lista democrática.

Outro exemplo é o adoptado pelo partido popular, ou católico. Êste envia a cada eleitor, em vez da velha circular que já ninguém lê, uma participação de casamento em que dois noivos imaginários comunicam ao sr. Fulano (nome do eleitor) que vão em-fim realizar o seu sonho de felicidade, e aproveitam a ocasião para lembrarem ao destinatário a conveniência cívica de evitar a revolução social extremista, votando no candidato do partido católico.

Tudo isto é muito interessante como inovação nas manhas eleitorais de boa guerra. Mas é mais interessante ainda, como sintoma do estado de espírito das massas conservadoras, que precisam de tais estimulantes para saírem da sua inacção e da sua apatia. Se elas assim abandonam aquilo a que o *Times* chama as *defesas exteriores,* não é de crer que a cidadela possa resistir muito tempo. E se todos estão de acôrdo, uns pelo seu entusiasmo, outros pela sua abdicação, não se vê bem que vantagem há em continuarmos a perder tempo...

Novembro de 1919.

XVI

NO FIM DÁ CERTO

NÃO é só em Portugal que os governos se vêem forçados a pagar lautamente a ociosidade sob pretexto de proteger, defender ou simplesmente contentar e amansar o Trabalho.

O Trabalho, o verdadeiro, é quási sempre mais manso que o Descanso. É mais manso um bom operário bem explorado, e bom chefe de família, com meia dúzia de filhos às costas, do que um proletário celibatário, pouco amigo de trabalhar e grande freqüentador senão empreendedor de comícios vermelhos e de «paredes» ou conciliábulos revolucionários.

Na Suíça, na pacata e sensata Suíça, acontece neste momento que os industriais, os de Basileia por exemplo, estão lutando com falta de mão-de-obra para as indústrias de carpintaria e marcenaria. E quando estes patrões preten-

dem engajar trabalhadores estrangeiros, recusam-lhes as estações oficiais autorização para tal, porque em Basileia estão 2.600 operários sem trabalho, que o govêrno subsidia, e que teem de ser empregados em primeiro lugar. O pior é que estes operários sem trabalho recusam as ofertas que lhes são feitas por intermédio da Bôlsa oficial de colocação; mas continuam, não-obstante isto, a ser subsidiados pela autoridade como operários sem trabalho.

Quási todos êles são rapazes sem família que sustentar. Muitos foram paredistas de profissão antes de adoptarem a profissão actual, ainda melhor, de operários que vivem na ociosidade paga pelo Estado, a pretexto de não terem o trabalho que recusam. Alguns vão em grupos assistir à saída dos trabalhadores que trabalham nas fábricas, para lhes dizerem com escarninha suficiência:

—¡Súcia de palermas! Vocês a suarem o dia inteiro para cavar dez francos, e nós a recebermos doze e mais sem fazermos nada...

Estes operários moços e sem encargos, que em geral se desempregaram por sua própria culpa, senão por sua própria vontade, são naturalmente os que maior contingente fornecem aos bandos de profetas da revolução social; são

as linhas tortas pelas quais Deus está escrevendo o Direito novo, que no fim das contas há-de dar aos mansos o justo prémio da sua mansidão e aos que verdadeiramente trabalham a justa paga material, e sobretudo moral, do seu trabalho.

Novembro de 1919.

XVII

¿O INGLÊS ADAPTA-SE?

SEGUNDO o sr. Artur Henderson, inteligente e poderoso secretário do Partido Trabalhista Inglês, o descontentamento que lavra entre os operários do seu país resulta de *desilusões de ordem política,* de injustiças *no domínio económico* e, por conseqüência, *do relaxamento da consciência moral e religiosa.*

Examinando (disse êle) as actuais relações dos cidadãos com o Estado, verifica-se que as aspirações democráticas das massas não encontraram as necessárias possibilidades de realização. Por muito paradoxal que isto pareça, o certo é que se lhes recusaram por muito tempo os meios de expressão; e agora existe acentuado desequilíbrio entre aquilo que o povo quer, e sente que deve fazer, e aquilo que pode, dentro dos limites de um estatuto constitucional *mutilado sob o pretexto da necessidade.*

Á mentalidade popular resultante desta situação política atribui o sr. Henderson a simpatia que encontra, por um lado, a ideia de substituir o regime parlamentar tradicional pelo sistema da ditadura industrial, com os seus conselhos operários, e, por outro lado, a tentativa de estabelecer a consulta directa das multidões, isto é, a acção directa, no lugar da via ordinária, *lenta e sinuosa dos processos constitucionais.*

Por tudo isto, ao mesmo tempo que repudia o sovietismo, e a parede industrial com fins políticos, uma e outra prometedoras de desvios, reacções e desordens, o sr. Artur Henderson pede ao Estado ou ao Govêrno que *restituam* imediatamente aos cidadãos as suas liberdades políticas.

Das *alterações introduzidas no sistema democrático* resultou que o boletim de voto já não assegura ao povo a fiscalização absoluta dos seus negócios. E agora é preciso não só que êle volte a ter confiança na autoridade dos seus representantes, senão também que tenha voz no capítulo, *que conheça e aprove* os princípios segundo os quais os governantes dirigem a *política externa* e resolvem os problemas interiores. Em resumo: é indispensável que a democracia seja de novo senhora em sua casa e que os seus chefes a reconduzam pelo caminho estreito, mas

seguro, das *reformas segundo a ordem legal.* Só por êste meio poderão desaparecer os desassossêgos cívicos dos operários, pois só por êste meio serão satisfeitos.

Estas foram as razões políticas apresentadas pelo sr. Henderson para explicar a situação actual. Para bem as entendermos, interpretando como devemos o seu aspecto de lógica, de cordura e bom-senso, é necessário não se perderem de vista as circunstâncias e o lugar onde foram proferidas, perante um auditório onde todos os partidos estavam representados e onde havia delegados de vinte nações, na nave do *City Temple* e na sessão solene de encerramento do Congresso Internacional das Fraternidades *(Brotherwood Movement),* por meados de Setembro findo.

A atmosfera estava impregnada de religião e de fraternidade universal. Ali falou também o sr. Lloyd George, produzindo menos um discurso do que um sermão, em que apelou para a fraternidade entre nações e entre classes, consignou que a hora deve ser de cooperação e não de controvérsia, citou uma frase de Smuts *(a humanidade enrolou as suas tendas e pôs-se outra vez a caminho),* profetizou o fim das guerras, dos armamentos, das habitações inabitáveis, e acabou por pedir que as nações e as classes, os

trabalhadores e os patrões, se defrontassem e discutissem com espírito de sinceridade e lealdade, ou, como dizem os Inglêses, de *fair-play*.

O que o sr. Henderson reclama é uma conquista com o nome de restituïção; o que êle pretende conseguir é uma revolução feita com ordem. As aspirações do povo operário inglês, tais como as apresenta êste seu prestigioso chefe, são a tradução para inglês prático e sensato dos exageros e loucuras já editadas em russo. E a alta curiosidade humana que êste caso suscita pode resumir-se numa pergunta: ¿Terá a Inglaterra enrolado as suas tendas para se pôr mais uma vez a caminho, ensinando ao mundo cego ou tonto a fórmula e a direcção do Progresso?

Novembro de 1919.

XVIII

NÃO VAI COM TABUADA...

PODE ser que exista um modo, e até muitos, de instaurar a paz social. Refiro-me, é claro, aos processos artificiais ou humanos, políticos, económicos, burgueses ou socialistas.

Processo natural há um, e infalível: consiste em deixar correr e morrer, esperando com paciência que a guerra de classes acabe por falta de combatentes e que à *civilização* industrial suceda, como já se vai vendo, uma *civilização* guerreira e a esta, sôbre ruínas e túmulos, uma *civilização* pastoril.

Progrediremos assim recuando, ou girando em roda de nós mesmos, sistema pouco ideológico, mas muito zoológico, de *resolver* as questões sociais.

Se outros sistemas existem, vê-lo hemos; mas não é de crer que o vejamos, nem que o vejam

por nós aqueles que abrirem os olhos quando os nossos já estiverem comidos. E o que, principalmente, não é de crer, é que a demanda se apazigúe por processos de convicção racional, que falem à inteligência dos descontentes e dos revoltados, para os persuadir de que nada lucram nem fazem, se teimam em desfazer os outros, senão desfazer-se a si próprios.

Resolveu a Câmara de Comércio de Berlim, em presença da lei de socialização das emprêsas industriais, votada pelo parlamento alemão em 29 de Agôsto último, proceder a um estudo ou inquérito sôbre as conseqüências prováveis de tal providência; e a *Deutsche Wirtschafts-Zeitung* publicou um dos trabalhos provocados por aquela iniciativa da Câmara de Comércio berlinesa. Assina-o o sr. F. Deutsch, presidente da direcção da famosa *Allgemeine Electrizitäts-Gesellschaft* e intitula-se *A partilha dos lucros da produção.*

Aí se lê o que já se sabia: que o descontentamento e a hostilidade dos operários contra a organização capitalista da produção são alimentados pela ideia irritante de que a maior parte dos benefícios do trabalho industrial é absorvida por um pequeno número de capitalistas, ao passo que a classe operária tem de contentar-se com um quinhão mínimo dêsses benefícios.

E em-quanto o operariado se não convencer de que semelhante ideia é tão falsa como irritante, continuará difícil ou impossível qualquer cooperação útil e durável dos dois factores essenciais da produção económica.

Publica o autor os algarismos dos salários médios pagos aos operários de sessenta e seis grandes emprêsas industriais nos mais diversos ramos de actividade, e em tôdas as regiões da Alemanha, durante o decénio anterior ao exercício de 1918. Essas emprêsas ocuparam em média um total de 800.000 operários, número redondo. O seu capital monta actualmente a 2.500 milhões de marcos e os acionistas embolsaram o dividendo médio de 10 %. O salário médio anual pago aos operários elevou-se a 1.425 milhões de marcos; os encargos de impostos e os encargos sociais elevaram-se a 217 milhões de marcos; os dividendos a 215 milhões de marcos.

Noutros termos: cada cento de pfennigs de lucros foi distribuído da seguinte maneira: empregados e operários, 76,7 pfennigs; Estado e municípios, 11,7 pfennigs; acionistas, 11,6 pfennigs. Considerando que as acções foram pagas pelos compradores não fundadores por cêrca de 200 %, há-de reconhecer-se que aquele dividendo de 10 % nada tem de excessivo.

Demonstra, pois, a estatística que 50 % dos lucros, líquidos já do que se pagou à mão-de-obra, foram para o Estado ou municípios, isto é: para os cidadãos, cuja quási totalidade é constituída pelos próprios operários. E demonstra em-fim que, se os acionistas daquelas sessenta e seis emprêsas fôssem todos idealistas, todos S. Franciscos de Assis, desejosos e capazes de renunciarem a tôda e qualquer remuneração do seu capital, abandonando aos empregados e operários a totalidade dos lucros que tiraram, esta maquia grossa, esta parte do leão nos lucros da indústria, êste formidável garrafão de suor proletário, viria a dar apenas para cada um dos trabalhadores o suplemento anual de 270 marcos, ou seja aproximadamente o que a maior parte dêles ganha em quinze dias. E, para lucrarem estes quinze dias num ano, aí estão os operários do mundo inteiro desejosos de implantar por tôda a parte o leninismo delicioso, que lhes tira um ano de lucros na mão, em troca de quinze dias a voarem...

Pois sim, faz pêna. Mas faz mais pêna ainda ver assim tratado, à pobre luzinha da finança, um problema onde há muito mais sentimento do que álgebra. Em-quanto a incógnita se procurar assim nas percentagens e nas contas, nos dividendos e nas partilhas, a agulha

continuará perdida no palheiro e o palheiro acabará de arder, deixando para outras gerações o segrêdo da agulha.

O tom actual das relações entre as almas, sobretudo em matéria de contratos, é o da desconfiança sistemática. Por mim o digo, porque assim o sinto: cada vez que compro alguma coisa, vou já com o fito feito de ser roubado, no pêso, na medida ou, pelo menos, na qualidade.

Em-quanto isto durar, não queiram convencer os operários apresentando-lhes contas, porque êles não se convencerão de que as contas estão certas. A *questão social* continua, por muito que 2 e 2 se esganicem a gritar que são 4.

Novembro de 1919.

XIX

ANIVERSÁRIO

O BOLCHEVISMO russo festejou o segundo aniversário do seu nascimento, o que quer dizer que vai vivendo. Vai vivendo, a-pesar-dos princípios de morte que contém em si mesmo e não obstante, também, a guerra que lhe teem feito os seus inimigos de fora. Os Koltchak, os Denikine, os Yudenitch recuam actualmente, depois de terem dado ao mundo, conforme os casos, a esperança ou o receio de virem a acabar de-pressa com aquela organização inorgânica. E o bolchevismo russo lá vai vivendo.

Mas, ¿que é viver, a-final? Viver é transformar-se, dizem os filósofos, e parece que dizem bem. Por isso o bolchevismo russo, se ainda vive, por fôrça já não é o que era quando nasceu.

O simples facto da sua longa resistência militar indica uma transformação radical. Guerra

sem organização é coisa que não pode conceber-se ou, pelos menos, durar. Se, pois, a guerra dura ainda, na Rússia Vermelha, sinal é isso de que esta desbotou. Do bolchevismo, do sovietismo de há um ano ou dois, restam hoje os nomes apenas; mas as realidades, os dogmas representados por êsses nomes, transformaram-se ou desapareceram. O bolchevismo era a luta interna e ferocíssima das classes; o sovietismo era a desorganização do trabalho pela inversão das hierarquias e o desprêzo das competências. Ambas estas coisas devem estar fatalmente mortas ou moribundas a esta hora, sem o que não teria sido possível fazer e manter a guerra exterior com o êxito na verdade hesitante, mas ainda assim positivo, que ela tem tido. E isto significa que na Rússia Vermelha se está realmente organizando uma sociedade nova, pelos processos velhos ou, melhor, eternos, de que o bicho-homem dispõe para organizar sociedades.

A Europa ocidental não quis, porque não pôde, intervir na Rússia eficazmente.

— Foi o diabo! disseram os famosos *amigos da Ordem.*

Não foi tal o diabo: foi Deus, nas suas funções tradicionais de escrever direito por linhas tortas. A Rússia, assim, tratou de si, e o Tempo vai tratando dela. Intervir na Rússia não é, e

nunca foi, da competência da Europa ocidental: é da alçada dos vizinhos europeus da Rússia, da Alemanha sôbretudo, a quem os políticos ocidentais, amigos da Ordem, exactamente proíbem que intervenha.

Proíbam à vontade, que nem por isso evitarão que o sol nasça no Oriente e traga o dia claro, embora anunciado por uma aurora de fogo e sangue.

Dezembro de 1919.

XX

A MAIOR VÍTIMA

NO mês de Janeiro houve 105 paredes operárias nos Estados-Unidos. Em Agôsto subiu o número delas a 308 e agora chegou já, dizem os competentes, à cifra inaudita de 1.160.

Na América do Norte é tudo grande, e grande vai ser ali também esta luta, por todo o mundo aberta, entre a burguesia apoiada na ordem existente, e as organizações operárias, impelidas pela sofreguidão do bem-estar. A luta vai ser grande, não só pela grandeza dos números, mas pela violência dos fenómenos, porque na América, campo de acção de fôrças jovens, a violência é um elemento e, mais do que isso, uma virtude.

Além de muito maior, a luta há-de ser muito mais complicada que na Europa. A classe operária americana não é disciplinada como a inglêsa, que fala a mesma língua, mas diz o que quer mais claramente. As *Trades-Unions* inglêsas

representam para cima de cinco milhões de salariados — metade do proletariado do país inteiro — e obedecem matemàticamente a um comando único. Nos Estados-Unidos, pelo contrário, a Federação do Trabalho constitui uma restrita aristocracia de operários diplomados, fora da qual gravitam milhares de associações independentes e de sindicatos livres, onde se agrupam, incoerentes e amorfas, as grandes massas de ganha-pães e de imigrantes.

A enorme folga dos mineiros, com o seu meio milhão de aderentes, falhou por isto mesmo; mas o programa de reclamações, por êles elaborado no seu congresso de Cleveland, não deixa de ser indicativo do estado de espírito das multidões operárias americanas.

Nesse programa exigia-se, em primeiro lugar, o dia mínimo de seis horas com a semana de cinco dias e o aumento de sessenta por cento nos salários; depois reclamava-se a nacionalização das minas e de todos os serviços públicos, e por último a independência absoluta da Irlanda e o reconhecimento puro e simples da República Russa dos Sovietes.

O maximalismo americano, como se vê, nada tem de económico, nem mesmo de americano. É retintamente político, internacional e estrangeirado, ali como em tôda a parte. Americanas

hão-de ser porém a defesa e a reacção contra êle. E é nisto que está o interêsse do problema. Os fermentos de revolta, de desorganização e de anarquia, são os mesmos por todo o mundo. É a mesma doença, causada pelo mesmo bacilo. Mas, assim como na patologia individual se diz que há *doentes,* e não *doenças,* assim também a «questão social», acirrada e tornada epidémica, desaparecerá dentro em pouco do «quadro clínico», substituída por mil e uma questões nacionais. A maior vítima da guerra social tem de ser (e infelizmente) o socialismo sensato e prático.

Dezembro de 1919.

XXI

A SÊDE É MÁ CONSELHEIRA

ESTA mania que teem os homens, de procurarem a perfeição, deu já por vezes alguns resultados simpáticos; mas, mais vezes ainda, tem dado com êles em Rilhafoles, ou em Pantana.

Depois que o Império Chinês aboliu o uso do ópio e logo a seguir deu consigo na História, cedendo o lugar à República Chinesa, não tardaram três anos que o Império Russo lhe seguisse as pisadas, abolindo o uso da água-ardente. O pobre Tsar podia e devia ter aprendido com o seu vizinho Filho do Céu, mas não aprendeu. Um belo dia deitou «ukase» e proïbiu a «vodka», que era mais ou menos o mesmo que proïbir a Rússia.

Quando eu vi isto, logo tremi pela existência do Tsar e do seu Império, e por pouco não lhe mandei dizer pelo telégrafo:

— «¡Donne-lui tout-de-même à boire!...»

Não o fiz, por acanhamento; e estou arrependido, porque o resultado previsto excedeu imprevistamente as minhas previsões: a sêde russa, privada de cachaça, promoveu-se a sêde de sangue, e o Tsar e o Império lá se afogaram para todo o sempre na grande bebedeira vermelha.

Kerensky, o homem da água com açúcar, caiu de-pressa no ridículo; e quem dura e singra é Lenine, com o seu programa redentor de «Quanta queiram» e a sua hábil política de «Até se lhe tocar com o dedo». De vez em-quando acha de mais, como naquele dia em que disse às tropas cambaleantes:

— ¡Os bêbados estão desonrando a mais majestosa organização do mundo!

Pois sim; mas não fecha a torneira...

Quem quis fechar a torneira, ainda depois dêstes instrutivos exemplos, foi naturalmente o Presidente Wilson, o mesmo que cá na Europa nos estragou a vida com a sua mania de ganhar a imortalidade, pondo ponto, com os seus quatorze pontos, nos nossos sete pecados mortais. Os sete cá estão, imortalíssimos, e os quatorze agonizam, coitados, às mãos do Senador Lodge...

Pois êste mesmo Luís Quatorze Pontos americano disse lá consigo, à maneira do outro: «Os Estados-Unidos... c'est moi»; e como não bebe, proïbiu aos seus concidadãos o uso de todo o líquido, a não ser talvez o Pacífico, o Atlântico e o Mississípi, para não tolher a navegação.

O resultado já no-lo disse a comissão de inquérito... e a formidável parede dos mineiros. Entre os mais ardentes partidários da «prohibition» (como êles lá dizem) encontram-se os agentes bolchevistas, porque o regime da goela sêca exaspera os operários. Um dos membros da Associação Revolucionária Mundial dos Trabalhadores da Indústria declarou cândidamente à comissão de inquérito que, se a proïbição legal se mantiver alguns meses, a vitória da revolução será certa.

— Dez anos de organização e de propaganda, acrescentou o homem, não teriam dado os resultados esplêndidos que obtivemos num instante e sem esfôrço, graças à interdição da cerveja...

Talvez diga bem. A sêde mostra-se por tôda a parte muito mais revolucionária do que a fome; e o mundo leva-se de todos os diabos quando o querem fazer ermitão.

Dezembro de 1919.

XXII

ARCO-ÍRIS

EXISTEM atualmente na Rússia dois partidos políticos e sociais: os *Vermelhos* e os *Brancos*.

Estes partidos teem cada um seu exército da respectiva côr — a guarda branca e a guarda vermelha — ou, para empregar uma linguágem menos cromática, o exército da Reacção e o exército da Revolução.

Mas, como é natural, existe ali muita gente (a-pesar-do desbaste) que não é vermelha nem branca, e que está a ver em que param as côres.

E estes constituem de-certo o partido mais numeroso, o partido dos que não teem partido, e portanto não teem côr — a não ser a côr pálida do mêdo, a côr baça do retraïmento, ou a côr verde da esperança no côr-de-rosa.

O côr-de-rosa seria, com efeito, um matiz político delicioso, e saudàvelmente intermédio,

fácil de obter, ao menos na aparência, para um país que tem malbaratado tanto vermelhão bolchevista para apagar o alvaiade burguês. Um pouco de equilíbrio na composição das tintas teria escaiolado a Rússia de maneira, que a esta hora já não ficaríamos com a vista a chorar quando olhamos para ela, mesmo de longe.

Parece que era a um equilíbrio assim que aspirava Kerensky; mas êsse fêz sempre uma política côr de Kerensky quando foge, e por fim deitou a fugir. Fêz muito bem, porque as vidas, na Rússia, estão curtas, e aqueles que ali conseguem durar envelhecem de-pressa, e ficam às vezes da noite para o dia, com o cabelo todo branco. O próprio Lenine, cuja gaforina era ainda há dois anos castanha-escura, diz-se que está agora com a cabeça ruça, menos — é claro — nos sítios que não foram salpicados de sangue russo.

Kerensky mostrou assim, além disso, que não era capaz de filiar-se, para salvar a pele, no antipático partido dos *Rabanetes* — dos que se dizem vermelhos sendo brancos, e são portanto, como aquele saboroso vegetal, brancos por dentro e vermelhos por fora. Com os nabos da Reacção e as beterrabas do Leninismo, os Rabanetes formam aquela indigesta salada russa que os aliados imaginaram temperar com azeite

e água morna, e que só a Alemanha pareceria capaz de engolir, se a deixassem, depois de lhe ter deitado por cima o estimulante vinagre de Von der Goltz.

E, chegado a êste ponto, natural seria que eu falasse ao Leitor no novo partido russo dos Cenouras, amarelo por dentro e por fora, e constituído pelos operários, ultra-bolchevistas e ultra-simpáticos, que trabalham doze horas por dia, e acham pouco. Fica isso para depois, pois será bom não abusarmos da hortaliça, e também porque agora reparo que, a falar da política russa, gastei tôda a minha caixa de tintas.

Janeiro de 1920.

XXIII

AGONIA DAS CIDADES

O FACTO mais interessante que se observa nas eleições europeias dos últimos tempos, não é talvez a vitória dos socialistas na Itália, o seu progresso na Suíça e na Bélgica, ou a sua decadência na França.

Mais interessante, porque menos previsto, é o aparecimento à bôca da urna de novos partidos de camponeses, formados quási espontâneamente, como na Suíça e na Roménia, e com uma tendência ainda instintiva, mas nítida, de oposição ao sindicalismo ou comunismo das multidões fabris e urbanas.

Esta mesma esboçada reacção do campo e da aldeia contra a cidade, explica o resultado das eleições municipais últimamente ganhas pelos trabalhistas na Inglaterra, país onde quási não há senão agrupamentos urbanos; e justifica em

grande parte o resultado contrário das eleições de França — nação menos industrial do que agrícola, farto viveiro de pequenos proprietários rústicos.

Aproximemos estes fenómenos ocidentais dos únicos efeitos práticos que até agora produziu, a oriente, a revolução russa: formação de uma nova burguesia rural pelo esmigalhamento pseudo-comunista dos antigos latifúndios do Império; e destruïção gradual das cidades, esfomeadas e despovoadas pela desorganização dos transportes e pelo assassínio das indústrias.

Aproximemos todos estes sintomas, e talvez não seja arrôjo diagnosticar que a revolução proletária, incapaz, por mais extensa e longa que se apresente, de reconduzir a civilização ao *estado de natureza*, pode muito bem parar a meio caminho dessa obra impossível, e servir ùtilmente para emendar o progresso industrial de que estávamos «gozando» antes da Guerra, baseado no artifício do urbanismo tentacular — e para oferecer à humanidade um mais equilibrado e mais humano *regresso à terra*.

Se assim fôsse, ganharia sentido esta febre que nos parece delirante; e eu, que sempre detestei a cidade, não havia de deitar luto pela «civilização» de 1914. Teria algumas saüdades da Inglaterra, em tal caso uma das primeiras

nações a desaparecer da História por muito tempo. E lamentaria que muitos milhões de operários se suïcidassem, e matassem de fome e de peste as mulheres e os filhos (incluíndo talvez os meus, visto que eu sou também operário urbano) para prepararem outra geração e outra humanidade mais próximas da terra-mãe, da natureza simples e da verdadeira vida. Êste excelente resultado seria muito mais bem-vindo, se o futuro regresso aos campos pudesse realizar-se, sem transformar primeiro em açougues e em cemitérios as pobres cidades actuais.

Fevereiro de 1920.

XXIV

METAMORFOSE

A RÚSSIA Vermelha continua a desbotar, como lhe cumpre. Já se antevê o dia em que possamos nomeá-la, sem favor, a Rússia Côr de Rosa.

Lenine acaba de escrever aos socialistas italianos uma carta em que lhes pede por favor que estejam quietinhos, e não façam a revolução por em-quanto. Lenine, como se vê, trata de pôr, êle próprio, um quebra-luz diante do sol ardente e fulgente do Leninismo. Lenine, como o capitão de cavalaria espanhol, até já tem mêdo de si próprio.

¿E porque é isto? Nada mais simples: Lenine dura, e portanto transforma-se; Lenine conserva-se, e portanto sente-se conservador; Lenine vence a Reacção e, portanto, começa a gostar muito menos da Revolução.

Diz êle, sentindo-se cada vez mais anti-leninista, aos ultra-leninistas de Itália:

«Meus Amigos: Não precipitem, pelo amor de... Lenine, o movimento revolucionário, que não teria agora probabilidades de êxito. A revolução italiana causaria repercussões gravíssimas para a República dos Sovietes, que está negociando actualmente com as potências burguesas acordos económicos essenciais e o seu próprio reconhecimento oficial. Em presença de outra revolução seriam estes acordos repelidos, sob pretexto de que os Sovietes estendem a sua propaganda através da Europa. Por espírito conservador os estados burgueses fechar-se-iam logo contra a infecção, e a República dos Sovietes, que deve ser o regime-tipo, não poderia consolidar-se...»

Foi tão desconsolador o efeito desta missiva entre os socialistas italianos dirigentes, que êles não se atreveram a publicá-la, e o seu teor só é conhecido por desoladas inconfidências da bôca pequena. E já um jornal burguês notou, a êste respeito, que o socialismo pede a altos gritos «diplomacia aberta», quando se trata de negociações burguesas, mas tem também para seu uso uma «diplomacia secreta», que lhe presta bom serviço.

¡Pudera não! Desta vez prestou-lhe o serviço enorme de adiar por algum tempo a hora fatal

e próxima em que Lenine, se durar, há-de ser acusado, nos jornais leninistas europeus, de «traidor» e «burguês infame».

Fevereiro de 1920.

XXV

SÍSIFOS

RÉCLUS na *Bataille,* e Turati na *Crítica Soziale,* empregam os seus melhores esforços para salvarem o socialismo e o sindicalismo da voragem para onde os atrai a anarquia russa.

Jacques Réclus dá conselhos de prudência à classe operária, convidando-a instantemente a cuidar mais de realidades e verdades concretas, e a cerrar ouvidos à fraseologia revolucionária. Na sua opinião deverá a Confederação Geral do Trabalho criar um círculo de estudos sociais, onde sejam metòdicamente discutidas e estudadas tôdas as grandes reivindicações que não tenham puro carácter técnico. Mas, ¿quem é que na massa operária e nos conciliábulos de agitadores pensa agora em *estudar,* ainda deixando de fora, não se sabe porquê, o que é puramente técnico?

Réclus declara que não basta criticar; e que é preciso fazer face aos acontecimentos que podem surgir. Depois, citando o exemplo da Rússia, procura acautelar os operários contra as fórmulas simplistas; ¿mas o que podem os operários aprender senão fórmulas, e as mais simplistas de tôdas? ¿Que é que aprendem e ensinam os burgueses, senão isso?...

Réclus fala para o seu partido francês, que teve há pouco um mau S. Martinho eleitoral; e é por-isso que se atreve a dar-lhe conselhos de prudência e estudo. Mais interessante é, por isso, a opinião e a atitude de Turati, fundador do partido socialista italiano e chefe da sua ala moderada, que fala uma linguagem de pacatez e de modéstia aos seus correligionários triunfantes na urna.

Muitos dêstes foram votar aos gritos de *¡ Viva o bolchevismo!* e *¡ Viva Lenine!* e Turati diz-lhes coisas como estas: «Os bolchevistas esquecem os progressos enormes dêstes últimos quarenta anos. A acção revolucionária só serve para retardar a evolução do proletariado. A revolução russa não é mais que um recuo até à Idade-Média».

E explica-lhes que a nacionalização das terras, ali decretada no papel, deu como único resultado o espedaçamento excessivo, anti-económico

e anti-social, da propriedade rústica, excitando o egoísmo do pequeno proprietário, que é a negação flagrante e absoluta do socialismo.

Mas êles ouvem-no e não o entendem, porque imaginam que o socialismo pode germinar e florir na anarquia; porque supõem que, para destruir a burguesia, é preciso despojar a eito esta burguesia de hoje; e porque não sabem que assim só conseguirão — ¡pobres dêles! — criar e entronizar, muito mais forte, muito mais injusta, muito mais sôfrega, muito mais implacável, e com vida e resistência para muitos anos — a burguesia de amanhã.

Março de 1920.

XXVI

O PARASITA FARDADO

CONTA o enviado da Confederação Geral do Trabalho de Portugal ao congresso da organização congénere espanhola, realizado há pouco em Madrid, que a importante assembleia se ocupou na sua última sessão do seguinte tema:

«¿Até que transformemos a sociedade actual em regime comunista, convém continuar fabricando material de guerra? ¿No caso afirmativo, deverão os trabalhadores limitar a quantidade dos armamentos?»

O voto do Congresso, em resposta a estes quesitos, foi o seguinte, segundo lemos na *Batalha,* de Lisboa, 25 de Dezembro:

«Estudada com a atenção que merece esta questão, o Congresso acorda em que os traba-

lhadores das fábricas de armas de guerra do Estado devem ser objecto de uma consideração especial por parte da organização operária, tendo em conta a missão elevadíssima que estão chamados a desempenhar, quando o proletariado de tal tenha necessidade; sendo, além disso, conveniente apresentar êste assunto no primeiro congresso internacional que se realize.»

Ao mesmo tempo que o congresso operário de Madrid ia assim lançando as bases da futura *guarda vermelha* espanhola, aquele mesmo jornal sindicalista-revolucionário de Lisboa congeminava, num artigo de fundo, sôbre a conveniência de se estudar como hão-de transferir-se para ofícios úteis tantos operários que hoje se entregam a trabalhos só proveitosos ao Capital: tipógrafos, impressores e compositores de baboseiras burguesas, fabricantes de armamento, etc., etc.

É preciso então dizer que o congresso de Madrid foi muito mais franco, ou muito mais prático, do que o órgão do proletariado português.

O congresso de Madrid sabe, ou confessa, que o comunismo anti-militarista é, por definição e por experiência, um regime político essencialmente militar. Assim no-lo convence o exemplo da Rússia, quando não o tivéssemos ainda

adivinhado com o simples subsídio do senso-comum. Mas isto não impede que continue a haver por êsse mundo um gordo número de milhões de palermas, empedernidos na ilusão de que podem catar-se uma vez por tôdas do parasita fardado.

Pois o meu conselho é que se cocem o menos possível, sob pena de aumentarem a comichão a ponto de já não terem tempo para se coçar.

Abril de 1920.

XXVII

COMO A CARA DÊLE

As minas de carvão do Reino-Unido pertencem a cêrca de quatro mil proprietários, senhorios directos, como donos do solo, de umas mil e quinhentas sociedades mineiras, exploradoras do sub-solo.

Destas mil e quinhentas emprêsas industriais, inquilinas dos senhores da terra, dependiam em 1919, segundo a última estatística geral, nada menos de um milhão e tanto de operários, a cujo esfôrço se deveu naquele ano a extracção de duzentos e vinte e nove milhões de toneladas de hulha.

Se bem que a Inglaterra se apresente como o país carbonífero onde a mortalidade operária é mais baixa — 1,33 por 1:000 em 1910 contra 2,17 na Alemanha e 2,60 nos Estados-Unidos — não é menos certo que as minas inglêsas matam um homem cada seis horas e ferem outro gravemente de três em três minutos.

Devido à falta de coordenação entre as numerosas sociedades mineiras, às suas rivalidades, à

insuficiência dos seus capitais divididos, existem muralhas gigantescas de carvão, desprezado por uma exploração sumária e pouco scientífica; e calcula-se em perto de dois milhões de toneladas anuais a quantidade de combustível miúdo que se perde, porque se não fizeram nem fazem os apetrechamentos necessários à sua colheita e utilização conveniente.

Pelo que toca ao consumo, maior ainda se revela o desperdício. Substituídas as oficinas de extracção de cada hulheira por uma vasta geratriz eléctrica central, que levasse a energia, económica e metòdicamente, a tôdas as minas, a poupança de carvão assim obtida subiria, com certeza, ano por ano, a uns cincoenta e cinco milhões de toneladas.

E — último articulado na ordem de apresentação mas não na de importância — se a distribuïção e a venda fôssem organizadas com mais inteligência prática, baseada na cooperação e na concentração, o preço do carvão baixaria fatalmente, com vantagem do Reino-Unido, e também do mundo inteiro — tão pouco unido como êle.

Estes são os números e os factos, reveladores de um estado de imperfeição económica prática, que dá grande fôrça moral aos operários mineiros, quando reclamam remédios e melhoramentos inteligentes.

O pior é que as receitas dêles, egoístas e teóricas, aparecem destituídas de qualquer inteligência remediadora. *Nacionalizar as minas,* a palavra mágica, não passa de uma palavra. Mas não seria a primeira vez que as palavras gerassem factos, e com estes a desgraça eterna de novos males, e a necessidade de novos remédios.

Cosi va il mondo: sempre, mais ou menos, como a cara dêle.

Maio de 1920.

XXVIII

A EXECUÇÃO DOS ROMANOFF

LEVADO de Tobolsk para Ecaterinenburgo com a imperatriz e todos os seus filhos, Nicolau II era diàriamente perturbado na sua nova prisão pela ameaça de lhe casarem as filhas com vigorosos campónios, que as ensinassem a viver segundo os bons princípios bolchevistas.

Conta isto a princesa Palei, viúva de um dos gram-duques parentes assassinados; e conta mais que a consumação dêstes casamentos republicanos foi repetidas vezes anunciada ao aflito pai como pronta para realizar-se no dia seguinte.

Assustada com tal perspectiva, pediu e implorou a gram-duquesa Olga, mais velha das jovens herdeiras imperiais, que lhe fôsse permitido entrar num convento. Mas a isto respondeu a autoridade que a República precisava de mulheres como ela, viçosas, frescas e sãs, para darem ao mundo filhos fortes, que viessem suprir os vazios tremendos causados pela guerra.

— Teu pai (dizia-lhe irònicamente o ministro soviético) é o responsável de tôdas essas mortes. Compete-te, pois, fazer da tua parte o que puderes para ajudar a corrigir as conseqüências do seu crime...

Esta ideia de casar as gram-duquezas com soldados ou camponeses (diz a princesa Palei) tinha feito carreira. Zinovief, cunhado de Trotsky, era de opinião que, se uma das filhas de Nicolau II se decidisse a desposar algum dos chefes bolchevistas, esta aliança salvaria a vida a todos os membros da família imperial e lhes asseguraria o que êle chama *um futuro muito risonho*. E chegou a correr o boato de que Trotsky se divorciaria, para contraír novas núpcias com uma das pobres raparigas destronadas e prisioneiras.

Tudo isto conta com a maior seriedade aquela grande dama russa, a quem mataram, não só o marido, mas também o único filho varão. E conclui dizendo que todos estes projectos foram de-repente postos de parte, nas vésperas da tomada de Ecaterinenburgo por Koltchak, sendo o Csar, a Csarina e os filhos levados todos a-final para uma floresta próxima, amarrados a outras tantas árvores, fusilados sumàriamente, e os seus cadáveres lançados logo em seguida a uns pântanos inacessíveis...

Por muita vontade que a gente sinta de acreditar no que afirma uma senhora a quem mataram o marido e o filho, e que portanto não terá tempo nem disposição para mangar connosco, é preciso confessar que esta outra versão do epílogo da tragédia imperial russa (já li também que êles foram chacinados dentro da prisão, às cutiladas e coronhadas) não tem condições estéticas para se estabelecer de maneira satisfatória e definitiva no nosso espírito. Sendo mais que certo que a verdadeira história ficará ignorada ou contestável para todo o sempre, há-de organizar-se e enfeitar-se a êste respeito qualquer lenda que um dramaturgo hábil comporá em quadros cinemáticos e cujo principal requisito histórico estará na obediência às boas regras da composição literária. É preciso que essa futura novela tenha fantasia, movimento, inspiração patética, sôpro trágico e a necessária lógica romanesca — todos os elementos, em-fim, de que se compõe a verdade comovente, que é a única que sabe bem e, por isso mesmo, a única susceptível de fixar-se e durar.

O que por em-quanto nos teem servido acêrca da agonia e da morte da família imperial russa, são miseráveis rascunhos, grosseiros, ilegíveis e repelentes, de uma futura obra-prima.

Maio de 1920.

XXIX

BOLCHEVISTA «HISTÓRICO»

UM amigo meu, grande industrial, disse-me há dias, no Pôrto, ao fim de mil queixas contra o que êle chama a «cumplicidade governativa»:

— Se isto assim continua, faço-me também bolchevista.

Achei-lhe graça e disse-lhe só isto:

— Vá de-pressa. Se se demora, já não encontra vaga.

É evidente que todos nós nos havemos de fazer bolchevistas, quando não tivermos outro remédio, mas quási todos chegaremos atrasados. A corrida ou regata há-de ser ganha pela gente mais leve de cargas materiais e de tropeços filosóficos: nesse futuro Reino do Céu transferido para a Terra os últimos serão os primeiros, como é da praxe em semelhantes mudanças de residência. Antes dos grandes industriais hão-de alcançar a meta os bacharéis pelintras, e quando

os pensadores profundos estiverem ainda a sair de casa, já irão longe os oradores de palavra comprida e ideias portáteis.

A esta hora já o mêdo e o interêsse, a previsão e a manha, estão de malas feitas para a auspiciosa jornada. E eu digo isto instruído pelo exemplo convincente do meu amigo Simplício, que pelo nome não perca o que tem ganho a-pesar-dêle.

Cada vez que há uma revolução em Portugal, o meu amigo Simplício arranja um cargo público novo. E como as revoluções em Portugal excedem muito a proverbial freqüência das lojas de barbeiro, segue-se que êste finório de nome inofensivo ocupa a estas horas uns poucos de lugares que o não ocupam nada, e de cujo exercício apenas o preocupa a cobrança exaustiva dos proventos mensais.

Exaustiva, já se vê, para o Tesouro Público, donde êle recebe as mesadas, e também para o pobre povo, que continua a gemer sob o pêso da carestia da vida, em-quanto Simplício, e os mil e mil outros que tais, encarecem a vida alheia, passeando, comendo e bebendo, sem fazerem nada nos intervalos das revoluções.

Porque, durante as revoluções e nos primeiros dias seguintes, Simplício e os outros trabalham como moiros e ganham logo de empreitada

a ociosidade em que caem, como em cama fôfa e bem merecida, até se levantarem outra vez para a revolução imediata e o novo provimento chorudo.

Durante as revoluções é um trabalho louco para arranjarem meio de ficar em casa, ao abrigo de todos os incidentes desagradáveis, e poderem dizer depois que, se não fôssem êles, a Causa se teria perdido. E nos dias seguintes, quando a chusma dos vencedores se atropela no Terreiro do Paço, reclamando a gorgeta heróica, Simplício e os outros, que vencem sempre, suam sangue a acotovelar os concorrentes, a gritar lealdade, a exigir gratidão e a insultar os vencidos.

Em seguida à revolução de outro dia foi o grande Simplício, que é homem de letras gordas, nomeado professor de uma faculdade de letras, por cima de vários outros cargos que, por assim dizermos, já exercia. Os estudantes, porém, declararam logo que, mal lhes aparecesse lá na aula semelhante mestre, o correriam não à bala, que está cara, mas a pão *tipo único*, que é uma droga perigosa, até para uso externo. E foi o que êle quis ouvir.

Voando logo ao Terreiro do Paço, reclamou e obteve que a Contabilidade lhe pagasse os vencimentos integrais máximos do lugar que não

podia exercer por motivo de fôrça maior. E, acusando os estudantes de dezembristas, jesuítas, germanófilos e talassas, declarou-se ofendido e lesado nos seus brios de defensor do Regime e exigiu triunfantemente que o metessem chefe não sei de que repartição que não funciona ainda, por falta de casa, mesa, cadeira, tinteiro e utilidade. Nesta repartição, provisòriamente instalada num dos Cafés do Rossio, passa êle, assíduo e pontual, todos os dias úteis, ou antes, agradáveis; e só de lá sai para dar vivas à República, ao menor barulho político ou impolítico da rua, e para ir no fim do mês receber os seus cinco ou seis ordenados e as suas dezoito ou vinte gratificações extraordinárias.

Assim o activo e indispensável Simplício se enche de fôrças para a próxima revolução, que não tarda aí, e para o exercício de um novo lugar, que não poderia recusar-se à sua inexgotável capacidade.

E tu, Leitor ameno, ¿tens ainda alguma dúvida de que êste «caro» amigo do povo será dos primeiros a revoltar-se ùtilmente contra a sociedade actual, e a obter no Comunismo de amanhã uma situação tão distinta como a que já goza no de hoje?...

Maio de 1920.

XXX

AOS QUE COSPEM PARA O AR

SÃO bem eloqüentes os números apresentados há pouco ao parlamento britânico pelo ministro dr. Macnamara, a respeito dos movimentos operários.

Segundo os cálculos oficiais, houve no Reino-Unido, durante o ano findo de 1919, nada menos de mil e quatrocentas e treze *grèves,* contando as dos patrões com as dos assalariados. O número de operários que directa ou indirectamente tomaram parte nesses cruzamentos de braços foi superior a dois milhões e meio. E a duração das folgas equivaleu na sua totalidade a uma perda de quási trinta e cinco milhões de dias de trabalho.

Creio que isto se deve entender como *dias de trabalho de um só operário,* interpretação favorável máxima da estatística e, no em-tanto, suficientemente pavorosa, pois mostra bem a importância colossal do prejuízo que está causando

aos pobres o regime de paredes quási normal em que a Europa tem vivido depois da Guerra.

Digo *o prejuízo causado aos pobres,* porque estou convencido que a única riqueza dêstes, ou a única mitigação verdadeira da sua pobreza, é o trabalho dos outros pobres, somado, já se vê, ao dos ricos que trabalham.

Cada dia de trabalho perdido é uma diminuição dessa riqueza, em que os ricos são os que menos perdem, porque teem sobras, mas que matemàticamente torna os pobres mais pobres do que eram antes.

Ora os trinta e cinco milhões de dias de trabalho de um operário, perdidos só nas *paredes* britânicas de 1919, correspondem à ociosidade de cem mil homens em trezentos e cincoenta dias, ou seja em pouco menos de um ano.

É como se, além do exército que sustenta e dos muitos parasitas que à sua custa vivem, o povo do Reino-Unido tivesse tido de sustentar em 1919 mais cem mil parasitas, cem mil indivíduos que fizeram necessàriamente subir o custeio da vida de todos, visto que não contribuíram para ajudar a ganhá-la e nem por isso deixaram de comer. E agora some-se a isto a influência reflexa das cessações de trabalho noutros países e compreender-se há como os pobres estão na realidade a empobrecer-se cada

vez mais, a empobrecer-se a um ponto tal, que só poderá ter compensação e remédio póstumos à geração actual, pelo trabalho lento de futuras gerações.

No em-tanto (postos de parte, é claro, os exploradores do «trabalhador consciente»), muitos pobres supõem ingènuamente que fazem, com as suas paredes e com as suas exigências de trabalhar menos tempo cada dia, uma grande partida aos ricos. Não fazem, porque os ricos são, por definição, aqueles que estão aptos a resistir a tais precalços. E, que fizessem, não teria comparação o mal feito a algumas dezenas de milhares de ricos, com o irremediável dano causado a centenas de milhões de deserdados.

Maio de 1920.

XXXI

A CIDADE E OS PROLETÁRIOS

NÃO só etimològicamente, mas também essencialmente, a cidade é burguesa. Burguesa de nascimento, burguesa de constituïção, burguesa nos intuitos e nos meios, a cidade será burguesa como foi, é e tem sido. E, se o não fôr, *não será.*

Três caminhos se apresentam, portanto, aos empreiteiros da Sociedade Futura, para disporem do futuro das cidades: ou conservam a semente, pelo menos, da burguesia actual; ou derretem esta e fundem outra nova, promovendo à burguesia uma fracção do proletariado; oû prescindem pura e simplesmente de ter cidades, na Sociedade Futura.

Pela parte que me toca, já mais de uma vez tenho dito que não poria luto pela morte das urbes, se por disparate êsse falecimento viesse a dar-se antes do meu. Mas não pensam assim os proletários de hoje, sempre e cada vez mais

inclinados a deixarem a vida elementar das serras e dos campos, para virem gozar nos grandes ajuntamentos as maravilhas atraentes do salário mais alto, do trabalho menos duro e dos divertimentos variados, — maravilhas caramente pagas com o maior preço dos alimentos, a higiene mais difícil e a muito menor vitalidade dos filhos.

Há, de-certo, muito que destruir na sociedade actual e será preciso, para o negar, ser-se muito cego, muito tolo ou muito rico. Mas não se iludam os primeiros interessados na destruïção do que é mau: as ruínas que preparam teem que incluir em si muito do que êles julgam ser bom. E para chegar efectivamente ao assassínio da burguesia, o povo tem de caminhar grande parte sôbre o cadáver de si próprio.

A cidade é burguesa de origem e de organização; mas o povoamento, a indústria, o número, fizeram dela um acampamento de proletários, acampamento que se transformará em cemitério, no dia em que a ordem urbana desaparecer por fôrça com a ordem burguesa.

Eu penso e digo que a ordem burguesa é má, exactamente porque fêz as cidades enormes, artificiais e monstruosas. Os proletários, todos ou quási todos, gostam delas assim e, para gostarem mais ainda, põem apenas esta condi-

ção: que os velhos burgueses se vão embora, a bem ou a mal, e que os novos burgueses sejam êles.

É justo, visto que todos somos filhos de Deus; mas há um contra: há que a nova burguesia só poderia florescer e frutificar depois de adubada com inumeráveis mortes de proletários.

Setembro de 1920.

XXXII

A LIRA DE ANFIÃO

ANFIÃO era um rei de Tebas, cuja lira tinha o condão de fazer mover as pedras. Pode avaliar-se a vantagem social dêsse instrumento de corda, quando se medita no facto de serem as cidades gregas, no tempo daquele feliz soberano, fortalecidas com altas muralhas, que mais tarde se chamaram *ciclópicas,* por serem feitas de calhaus gigantescos postos uns em cima dos outros.

Se os pedreiros tebanos tivessem de fazer sòzinhos tão duro serviço, está a ver-se que a ditadura do proletariado não teria começado em S. Petersburgo o outro dia, mas já em Tebas, há muitos mil anos.

Felizmente lá estava a lira de Anfião para aliviar o trabalho aos operários da Construção Civil do seu tempo, tal como ainda hoje no Minho os carros chiam musicalmente (¡salvo seja!) para que os bois se esqueçam... de que são bois.

Porque essa ideia de pôr a pedra bruta e dura a dançar o tango, o *one-step* e o *fox-trot* não passa de fábula, de lenda, de símbolo e, portanto, de brinquedo. Mas convém ter presente que tôda a lenda, por mais linda e poética, encerra a sua parte de história grave e prosaica; como todo o brinquedo, por mais pueril, tem uma seriedade que só as crianças percebem.

«Hoje (diz Bento Carqueja, no seu recente e curioso livro do *Futuro de Portugal)* o operário veste com mais agasalho; em Lisboa, principalmente, encontra veículo barato, que o leva e traz da fábrica; na oficina encontra melhores condições higiénicas e não desempenha trabalhos pesados, que são executados por máquinas; tem maior salário; e tudo se prepara para lhe dar habitação sàdia.»

Tudo isto será muito bonito; mas falta o melhor, que é a lira de Anfião. Não se pode negar que a máquina a supriu em parte, tomando a seu cargo fazer dançar os pesos maiores. Infelizmente, porém, a máquina troveja, em vez de cantar, e em lugar do embalo produz o enervamento. A máquina abafou e calou a cantiga do trabalhador: tanto monta dizer que a alegria do trabalho foi assassinada por ela.

Não cantando dentro da fábrica, porque não pode, o operário desaprendeu o sabor da música e nem sequer já sabe cantar no descanso.

Fechada a oficina ao fim de cada dia, abre-lhe a Sociedade às noites, para o «distrair», a taberna, a jogatina e o cinema, que é outra sábia combinação do movimento e do mutismo.

Boi atrelado a um carro que não chia, o operário, naturalmente, rumina apenas. E o estúpido burguês admira-se e estranha que êle rumine apenas tédio, enveja, rancor, ou ânsias vagas, mas torvas, de felicidade impossível. O estúpido burguês, que almoça e janta ao som de sextetos afinados, admira-se e estranha que o operário interrompa, conspirando em surdina, o silêncio a que o condenaram; e que aos seus ouvidos, desabituados do canto pacificador, pareça melodioso o estrondo da dinamite combativa.

Setembro de 1920.

XXXIII

MATE-SE O PINTO NA CASCA

LEIO nos jornais inglêses que uns quatro operários russos iniciaram, na região inglêsa do Lancashire, uma série de conferências destinadas a abrir os olhos do operariado inglês para as conseqüências do bolchevismo na Rússia.

Na sua propaganda procuraram os quatro conferencistas russos demonstrar a crueldade dos métodos soviéticos e o caos industrial, social e político a que está reduzida a sua pátria. Falam muito da sua própria experiência pessoal, dizendo o que teem sofrido num regime de horrível terror militar, que suprimiu tôdas as liberdades, proïbindo os comícios, as «grèves» e a própria expressão do pensamento pela imprensa.

— Lenine e Trotsky (dizem êles) conquistaram a adesão da pior ralé, aumentando os

salários dos trabalhadores mais incapazes ao nível do dos bons operários...

¿E então? Assim é que faz o comunismo perfeito e que se mata a burguesia no ovo. De outra maneira, não será possível exterminar por uma vez essa raça vil dos que valem mais do que os outros. ¿Um bom operário que é, senão um futuro capataz? ¿E que é um capataz, senão um futuro patrão e, portanto, um futuro burguês, capitalista infame e explorador do povo?

A própria expressão *bom operário* pertence à linguagem burguesa, e nela o adjectivo *bom* já vai ervado com os venenos de tôdas as maldades. *Bom operário* é aquilo a que os trabalhadores «conscientes» chamam, por muito favor, *um pedaço de asno*, quando deviam logo de uma vez classificá-lo de *tartufo*, de *inimigo* e de *traidor*. É o que entra a horas na fábrica e que faz tudo quanto é preciso para agradar ao patrão, trabalhando o mais que pode e o melhor que pode; é o que entrega à mulher tudo quanto ganha e não paga um decilitro a ninguém; é o que manda os filhos à escola e os traz calçados e limpos; é o que, como se tudo isto fôsse pouco, ainda arranja maneira de ter dinheiro na Caixa Económica.

¿Que diferença faz «isto», a-final, de um

capitalista, ou de um milionário? Diferença de grau, de tamanho, e nada mais.

Pois então mate-se o pinto na casca, ou torça-se o pescoço ao frango, em-quanto não canta de galo.

Outubro de 1920.

XXXIV

A CARRANCA DA PAZ

A PAZ continua carrancuda, porque, de quantas e tantas nações que entraram na Guerra, só uma venceu: a Alemanha vencida. Essa venceu, por se ter vencido a si mesma; as outras encontram-se, neste ano de 1925, séptimo da Paz, tôdas mais ou menos derrotadas — por si próprias.

Aviltando, *por iniciativa e quási a pedido do estrangeiro,* a sua antiga moeda, a Alemanha lançou sôbre inimigos e neutros a contribuïção de guerra que devia pagar fora; e ao mesmo tempo saldou com himalaias de papel impresso a dívida enorme que *só dentro de si* contraíra para fazer a campanha militar. Naquilo ajudou-a a parvoíce alheia, mais do que a própria inventiva; mas, por êste segundo aspecto da estupenda prestidigitação financeira, a Alemanha provou ser uma nação, com o simples facto de não ter feito outra revolução. Pelo contrário:

entregou-se mansamente à ditadura de três financeiros — Schacht, Luther, Helfferich — e permitiu que, para o bem de todos, muitos sofressem a pobreza, a miséria e a morte. Em poucos meses, do próprio cadáver da moeda antiga, renasceu o novo marco tão forte como o dólar. Para tanto, foi preciso despedir de chofre trezentos mil funcionários e operários do Estado, e volatilizar ou expropriar as pensões, depósitos bancários, seguros de vida, capitais de emprêsas e outros orçamentos, economias e recursos de milhões de particulares. O que isto representa de sacrifícios e catástrofes individuais mal pode imaginar-se, e menos ainda nos miseráveis países que não são nem sabem ser nações — naqueles onde o Poder se mantém à sombra de uma guarda pretoriana de *contentes*, e as oposições, por seu lado, nada mais fazem do que explorar os *descontentamentos*, razoáveis ou não, com-tanto que sirvam para deitar abaixo os governos.

*
* *

No em-tanto o mundo, o mundo dos miseráveis e de alguns idealistas, não olha para a Alemanha: olha para a Rússia. Olha para a Rússia, porque não sabe que Lenine, mais do que *o*

chefe do povo universal dos trabalhadores, era um russo e um patriota russo. Não sabe que êle sacrificou voluntàriamente os trabalhadores intelectuais e os operários da indústria aos camponeses, porque era russo, antes e acima de ser chefe universal. Não sabe que são os homens do campo quem governa hoje a Rússia, promovidos a proprietários estúpidos, preguiçosos e egoístas, defensores ferozes da sua nova propriedade e do seu velhíssimo egoísmo. Não sabe que a verdadeira Rússia está tratando de si, e não do mundo.

Conta Máximo Gorki, o insuspeito amigo de Lenine e da sua revolução (1), que uma vez, falando-se de Tolstoi, Lenine perguntara, cheio de orgulho patriótico:

—¿Quem pode emparelhar-se com Tolstoi na Europa?

E logo respondeu a si próprio:

— Ninguém.

«Depois (acrescenta Gorki), Lenine esfregou as mãos, riu com satisfação e pôs-se a piscar os olhos, como um gato ao sol.

---

(1) V. Maxime Gorki, *Lénine et le paysan russe,* Paris, 1925, pág. 24, 45, 90 e 94.

«*Muitas vezes notei nêle êste orgulho dos Russos, da Rússia, da arte russa.* Parecia-me a princípio singularmente deslocada, e até ingénua, esta feição de Lenine; mas, com o tempo, fui-me habituando a ver nela o eco pudico do amor ao seu país — *amor contente, mas escondido no íntimo*».

De outra vez, estando os dois, Lenine e Gorki, em Itália, na ilha de Cápri, observavam juntos o trabalho de uns pescadores, ocupados em desenvencilhar, com vagarosa diligência, as rêdes que um tubarão estragara. Disse então Lenine:

— Trabalha-se mais de-pressa entre nós.

E, como Gorki pusesse isto em dúvida, Lenine retrucou, *não sem despeito:*

— ¿Dar-se há caso que *você tenha esquecido a Rússia,* à fôrça de viver nesta *bota?*

Hoje sabemos todos que o verdadeiro sentido da revolução russa foi, a-final, a libertação do camponês escravo. Lenine quis isto desde 1917, sacrificando ao campo (que é quási tôda a Rússia) a cidade, ou, como diz Gorki, «os operários educados politicamente e todos os *intelectuais,* sinceramente revolucionários», minoria a quem se apresentava um tarefa gran-

diosa: «triunfar da anarquia campesina, educar a vontade do *mujik,* ensiná-lo a trabalhar com inteligência, transformar os seus métodos, e *fazer progredir o país ràpidamente*».

Assim se vê que Lenine era no íntimo nacionalista e patriota, como Gorki o é também, mas com menos pudor. Um belo dia pediu êste àquele que fôsse assistir às experiências de um aparelho rectificador do tiro contra aeroplanos, inventado por um artelheiro bolchevique. Lenine compareceu, apreciou, admirou, e disse então a Gorki:

— Oh, se nós pudéssemos assegurar a todos os técnicos perfeitas condições de trabalho, vinte e cinco anos depois *a Rússia estaria na vanguarda do mundo!*

O panegírico de Lenine por Gorki, donde tiramos estas notas, conclui com as seguintes palavras patrióticas:

«*Russo dos pés à cabeça,* tinha a malícia de Vassili Chuisky, a vontade de ferro do *protopope* Avvakum, a rectidão de Pedro o Grande, indispensável a um revolucionário. Era um russo que longo tempo vivera fora da Rússia, observando atentamente o seu país, que de longe parecia mais colorido e mais vivo. Tinha apreciado com exactidão as capacidades excepcionais

do seu povo, mal expressas ainda, mal despertas pela sua história fastidiosa, mas por tôda a parte brilhante de estrêlas de oiro sôbre o fundo fantástico da vida russa. Vladimiro Lenine *acordou a Rússia e esta, agora, não tornará a adormecer* ».

Assim seja, e com benefício *humano* não só da Rússia, mas da Europa e do mundo inteiro. Por em-quanto, infelizmente (e isto se vê dêste mesmo e instrutivo livro de Gorki) a Rússia vegeta na miséria, porque da sua revolução *nacionalista* não saíu ainda uma nação, senão apenas uma guerra civil crónica entre o campo e a cidade. O *mujik* odeia o operário e o burocrata urbano, desconfia da civilização e da cultura, deseja a plena liberdade anárquica: «Desde centenas de anos sonha o camponês russo um Estado que não tivesse direito a influir na vontade do indivíduo, nem na sua liberdade de acção — um Estado sem fôrça perante o Indivíduo» (1).

Êste individualismo denuncia um povo que ainda não saíu da primitividade pastoril e nómada: «O instinto do nómada parece não ter

(1) Gorki, obra cit., pág. 105.

ainda desaparecido no camponês russo, que considera o trabalho maldição divina e vive atormentado pela ânsia de mudar de sítio».

Condicionada pelo vácuo da planície imensa, a alma do campónio moscovita é *vazia* como aquele, e nada tem de comum com a do lavrador ocidental: «Desde criança, o homem do Ocidente vê por tôda a parte o trabalho grandioso das gerações que o precederam. A terra está nas mãos do homem, e êste é realmente seu dono. Com o leite que mama bebe a criança ocidental esta impressão, que nela educa o sentimento do valor humano, o respeito do trabalho e a consciência da sua importância pessoal, como herdeira que é dos prodígios do labor avoengo. No espírito do camponês russo, nada disto. A planície sem fim esvazia o homem, esgota nêle os desejos. É belo o espectáculo dos campos no outono, mas vem depois o inverno de seis meses, a terra amortalha-se na neve, uivam as tempestades, e o homem sufoca de inacção e de tédio na sua choupana estreita e sórdida. De tudo o que êle fez, fica sôbre a terra apenas o restolho e os míseros colmados que os incêndios aliás destroem, três vezes na vida de cada geração. A dureza do trabalho, junta à miséria dos resultados, enraíza no *mujik* o instinto da propriedade e torna-o quási

insensível à influência das doutrinas que explicam pela fôrça dêsse instinto todos os pecados humanos» (1).

Assim explica Máximo Gorki o que já há anos dissemos alhures: a Rússia de Lenine, pretendendo fazer uma só revolução, realizou afinal duas revoluções antagónicas: a revolução socialista e comunista das cidades, e a revolução anarquista e individualista dos campos (2). Que estas revoluções teem sido sumamente cruéis e ferozes, sabem-no todos. Vejamos porquê.

Máximo Gorki sente na crueldade russa «um refinamento diabólico», um desejo de «experimentar a sangue-frio os limites da resistência humana ao sofrimento»; e explica-a pela acção do álcool em organismos mal alimentados e pela influência da leitura das vidas dos mártires, leitura favorita dos letrados das aldeias remotas. Dos exemplos que cita apenas reproduzirei um, para evitar quanto possível, ao Leitor e a mim próprio, a náusea física e moral:

Na província de Tambov tirava-se do ventre aberto dos prisioneiros, do partido branco ou do vermelho, o intestino delgado (que tem geral-

(1) V. Gorki, obra cit., pág. 105 a 113.
(2) V. *O Homem, lobo do Homem,* último capítulo.

mente seis a oito metros de comprimento) e pregava-se a uma árvore ou a um poste; depois chicoteava-se o homem duramente, para o obrigar a correr à roda da árvore ou do poste. E os espectadores seguiam com interêsse esta scena canibal: o intestino a desenrolar-se para fora da chaga aberta (1).

Compreender-se há melhor como aquela gente é capaz de torturar o estranho ou o inimigo, depois de os ter apreciado nas suas relações normais com a própria família. Para isso oiçamos alguns provérbios russos: «Bate na tua mulher com um pau, e chega-te logo a ela para ver se ainda respira e quer mais». Outro: «Para mulheres e animais, não há tribunais». Outro ainda: «Quanto mais a mulher leva, melhor é a sopa». Compare-se isto com o tom de brinquedo de uma cantiga popular portuguesa, semelhante na letra, mas quanto diferente pelo espírito:

Todo o homem que se casa
Deve ter um pau ao canto,
Para benzer a mulher,
Quando lhe der o quebranto...

(1) V. Gorki, obra cit., pág. 131.

Depois de haver citado aqueles e outros provérbios russos, diz Gorki: «Centenas de aforismos dêste género, nos quais se condensa a sabedoria secular do povo (bela sabedoria!), circulam pelos campos; e os seus conselhos são ouvidos e com êles se educam as crianças. Estas são espancadas com o mesmo zêlo. Desejoso de conhecer o carácter da criminalidade na região de Moscovo, folheei os *Relatórios do Tribunal de Moscovo, de 1901 a 1910,* e fiquei espantado com a quantidade de crianças martirizadas e de crimes de tôda a espécie, praticados contra menores» (1).

Assim pensa e procede o povo rude, semi-selvagem, ou semi-animal. Vamos ouvir agora um testemunho característico de mais altas e mais complicadas mentalidades russas. Conta Gorki ter interrogado vários indivíduos que tomavam parte activa na guerra civil e averiguado que não sentiam *pêna ou escrúpulo algum* em matar-se uns aos outros. Um dia, certo ex-combatente da Grande Guerra, agora oficial do exército vermelho, bom homem a seu modo, amigo dos soldados e estimado por êles, disse-lhe isto:

---

(1) Gorki, obra cit., pág. 133 a 135.

«— A guerra civil!... ¿que diabo é isso? O que corta o coração é a guerra contra estrangeiros. Sinceramente, camarada: matar um russo é bem mais fácil. Somos muitos e vivemos na pobreza. ¿Que tem que se queime uma aldeia das nossas? A seu tempo ela teria ardido por si... Mas, quando eu andei na guerra, ¡que pêna me fazia, Deus meu, aquela gente da Prússia, e a destruïção de tantas aldeias e cidades, da sua organização em geral! ¡Que admirável ordenamento arruïnávamos, por motivos de nós desconhecidos! Isto é que repugna... e até gostei de ser ferido, a tal ponto me custava o horror de semelhante vida» (1).

Outro exemplo interessantíssimo da mentalidade russa semi-culta em face do valor da vida humana, é a carta escrita a Gorki por um mestre-primário de aldeia. É ao mesmo tempo (diz aquele) «uma amostra do acolhimento que o cérebro campestre reserva às ideias novas». Eis a carta:

«Considerando que o famoso sábio Darwin estabeleceu scientìficamente a necessidade de

(1) Gorki, obra cit., pág. 136 e 137.

uma luta implacável pela existência, e que nada objecta o mesmo sábio à supressão dos homens fracos e inúteis; considerando que na Antiguidade se lançavam os velhos em fossas, para aí morrerem de fome, ou então os faziam trepar a uma árvore, donde depois os sacudiam até caírem e quebrarem os ossos; protestando contra semelhantes crueldades, proponho eu que se suprimam as criaturas inúteis por processos mais caridosos, como por exemplo engorgitando-os de boas comidas. Tais providências mitigariam a luta universal pela vida, ou as suas formas, ao menos. E convinha fazer o mesmo aos idiotas e fracos de espírito, aos loucos e criminosos, e talvez ainda aos incuráveis, corcundas, cegos, etc. Bem sei que semelhante legislação desagradará aos nossos intelectuais piegas; mas já vão sendo horas de pôr de lado essa ideologia conservadora e contra-revolucionária. O sustento da gente inútil custa muito caro ao povo, e é preciso reduzir a zero essa verba de despesa» (1).

Denuncia-se neste instrutivo documento, além da parvoíce de letras gordas, o cinismo prático e a desconfiança em face da inteligência culta,

(1) Gorki, obra cit., pág. 147 a 149.

características do camponês russo, hoje dono da Rússia. O seu sentimento religioso era ou é muito superficial; e os assaltos que o ideólogo revolucionário urbano deu à religião tradicional volta-os o rústico, «onde não há ideias mas apenas superstições», contra a sciência e a própria inteligência.

Destruídos os relicários, diz um camponês:

— Agora, que denunciastes as mentiras de monges e padres, convém desmascarar os médicos e os sábios, mostrando ao povo as suas intrujices.

E outro, aludindo às novas formas de guerra:

— Dizem que agora se pode envenenar o vento e assim acabar com tudo, homens e animais...

Outro, ainda, desconfiado da iluminação eléctrica, protesta que não quer mais «milagres», e acrescenta:

— Contam soldados que durante a Guerra se matavam regimentos inteiros só com luz eléctrica...

Certas vezes, por entre tanto disparate, ouve Gorki observações judiciosas, profundas ou irónicas:

— Uns sabem tudo, e outros nada. Daí vem todo o mal. ¿Como posso eu crer, se não sei nada?

Ou então, em alusão a aeroplanos e submarinos:

— Sim, já sabemos voar como pássaros e nadar debaixo de água como peixes; mas ainda não sabemos viver sôbre a terra.

Do ódio à sciência até à hostilidade contra o civismo urbano, contra tôda a instrução, contra a indústria e o operário das fábricas, vai um passo bem curto, e o camponês deu êsse passo:

— Precisamos de ferraduras, de machados, não temos pregos, e vocês entreteem-se a levantar monumentos nas ruas. ¡Parece troça!

— Não temos com que vestir os filhos, e as vossas cidades estão cheias de bandeiras.

— É urgente livrar a terra de tôda a gente instruída. Feito isso, nós, os imbecis, teríamos vida mais fácil...

— Não nos fazem míngua grandes fábricas, donde não saem senão revoltas e tôda a espécie de imoralidade. Pequenas oficinas em cada província, distantes umas das outras, e nada mais... Os operários são gente inquieta, quando se vê junta em quantidade. É preciso separá-los por grupos reduzidos, um cento aqui, outro além... (1).

(1) Gorki, obra cit., pág. 175 e 176.

E como o camponês é individualista e tem entranhado o amor da propriedade, o seu ódio ao operário, ao intelectual socialista, ao comunismo urbano, é ódio de morte, o que bem se vê dêste conselho dado a um camponês amigo de Gorki, por alguns homens da sua mesma aldeia:

— Toma cautela, João. Não entres para o comunismo, de outro modo mataremos teu pai e teu irmão, e ainda por cima os teus dois vizinhos.

— ¿Os meus vizinhos também? ¿E porquê?

— Para acabar de todo com o vosso espírito... (1).

Em Dezembro de 1921 queixava-se Kamenev ao 9.º Congresso dos Sovietes de que o camponês *acolhera a política de nacionalização diminuindo as sementeiras, até o ponto exacto de deixar sem pão as populações urbanas e de não dar um só grão ao govêrno para a exportação.* E Máximo Gorki elucida-nos bem sôbre a atitude *grosseiramente sarcástica e rancorosa dos campos, em face da gente faminta das cidades:*

«Na Rússia, diz êle, grassa uma assustadora fome, que mata dezenas de milhares de pessoas

(1) Gorki, obra cit., pág. 177.

e continuará a matar milhões delas. Esta grande tragédia desperta compaixão, até entre estrangeiros hostis à Rússia, país onde há sempre, consoante diz uma americana, ou cólera, ou revolução. ¿Como se porta, em face de tal drama, o camponês russo, que está agora comendo o que precisa?

« — *Não se chora em Riazan quando há má colheita em Pskov.* É com êste antigo provérbio que o camponês nos responde. »

Egoísmo estreito e cínica indiferença, velhos pendores do homem rústico. Mas, a-par-disto, uma grande e prometedora novidade: o campo compreendeu agora que a cidade depende dêle; o *mujik* sabe em-fim que à mão que colhe ou guarda o trigo pertence o poder e a fôrça.

*

* *

Ninguém sabe ainda se a Rússia acordou de vez, ou se o *mujik* vai marasmar-se de novo, na letargia do seu inverno milenário. É possível que êle volte à primeira forma, porque Lenine foi grande, mas a charneca imensa e gélida continuará a ser maior do que êle.

Gorki é optimista, como bem se presume, e

pensa que o semi-selvagem de hoje chegará a compreender o papel e o valor da cidade, a benemerência do trabalho intelectual, a importância da electrificação, a utilidade de um tractor, a vantagem das estradas e a necessidade de dispor de um bom médico em cada povoado. O que êle não nos explica é a vantagem ou necessidade que os dirigentes russos actuais, assim desejosos de ocidentalizar o povo russo, vêem ao mesmo tempo na russificação do Ocidente. Não nos confessa que o que ressalta e se impõe na revolução russa é o triunfo prático do velho instinto de propriedade individual, paradoxalmente ajudado pela ideologia colectivista. E nada diz do malôgro estrondoso do comunismo urbano em confronto com a vitória do camponês cúpido e avaro. Não quer, em-fim, reconhecer que quem vence e vencerá é o eterno animal humano, e não o efémero doutor Carlos Marx.

Tudo isto prova que o que verdadeiramente caíu, na Rússia, foi a velha burocracia dos tsares; e que a Rússia nova, a que já sabe que quem dá o pão dá o pau, ainda não amoldou ao seu gôsto ou à sua fatalidade a nova burocracia soviética. E o revolucionário feito funcionário continua convencido de ser mundial a revolução nacionalíssima que consumou há oito

anos, supondo e desejando transformar de uma só cajadada a nação e o planeta. Ora a nação russa é uma realidade que quer viver, e o planeta marxista uma quimera moribunda. Outras nações na Europa hão-de fazer outras revoluções nacionais, com dolorosa surpresa para os ideólogos, incapazes de compreender que as palavras que se leem nos livros podem servir de escapo aos grandes impulsos colectivos, mas que a direcção das fôrças sociais libertas é imposta a-final por sentimentos e ansiedades que latejam nas almas e nos corpos.

¿Que temos nós visto depois da guerra a ferro e fogo? A luta do homem com a rètórica. E leva mais tempo e custa mais vidas, êste batalhar entre realidade e abstracção, do que o duelo de homem com homem. A gente vence mais de-pressa o seu inimigo de carne e osso do que os fantasmas que adopta. E é profunda ou transcendentemente cómico, no meio da tragédia lenta e louca, ver a Alemanha a preparar-se para governar a Europa, e uma parte da Europa a ajudá-la quanto pode, imaginando realizar na terra o paraíso que um alemão inventou e a Alemanha repudia.

*

* *

A revolução russa ensinou ao ingénuo revolucionário urbano que a Cidade e a Indústria são, na vida colectiva, artificiais e secundárias. O operário revoltado pôde eliminar fàcilmente o burguês, usurpando-lhe o *burgo,* e só depois disso se penetrou do sentimento de ser *burguês* a-final, êle também. O aldeão se encarregou de o convencer, a cidade foi esfomeada pelo campo, e a enxada desarmou a espingarda.

Por isso a Rússia, como terreno de estudo das soluções sociais violentas e sumárias, deixou de ser interessante, desde que sabemos que ali o drama consistiu na ruína da indústria e no suïcídio do operariado, afogados ambos naturalmente pelo camponês, que ali forma quási-totalidade da nação. O que agora nos fascina e traz suspensos, a todos os que desejamos mais igualdade e mais justiça na repartição dos bens ou dos gozos, é ver se se aproximará do milagre uma nação como a inglêsa, onde a indústria substituiu por tôda a parte a seara e o pão vem de fora e de longe, em troca da faina extractiva nas minas, da labuta nas fábricas, e do intenso e pontual recovar dos navios.

Alemanha e Inglaterra são países ocidentais,

industriais e civilizados. Com êsses sim, que poderemos ainda aprender coisa útil, e não com os longínquos descampados de Nordeste — salvo julgarmo-nos tão selvagens e miseráveis, nós os filhos do sol morno e do mar livre, como os pobres animais semi-humanos que para além vegetam na estupidez quási incomunicável, e na soturna escuridão do inverno quási polar.

Lisboa, Abril de 1925.

FIM

ÍNDICE

ÍNDICE

Primeira parte: A CARRANCA DA PAZ

Cap.		Pág.
I	— ¡Vitória!	9
II	— A Alemanha e os conservadores	21
III	— «Lords» e «chauffeurs»	24
IV	— A paz poética	27
V	— As outras Rússias	36
VI	— O papão	39
VII	— A paz prosaica	42
VIII	— ¿Bolchevismo alemão?	55
IX	— Guerra e democracia	58
X	— A nova ordem germânica	62
XI	— A arrumação	67
XII	— *Le monde ne marche pas*	70
XIII	— Tratado de paz	79
XIV	— Os pecados mortais	86
XV	— Crepúsculo da deusa Esterlina	89
XVI	— O «grande silêncio» britânico	92
XVII	— As finanças da Paz	95
XVIII	— Julgamento de Guilherme II	109
XIX	— «Queue de guerre»	115
XX	— Manchas no sol	118
XXI	— As demoras da Conferência	124
XXII	— O mundo libertado	129
XXIII	— Doidos na Guerra	133
XXIV	— O futuro da Inglaterra	136
XXV	— Inglaterra, França e Alemanha	140
XXVI	— *L'homme congédié*	145

Cap.		Pág.
XXVII	— A doença e a cura	148
XXVIII	— ¡O pobre Congo!	151
XXIX	— Oração ao vento	154
XXX	— Mal da modôrra	157
XXXI	— Na Turquia e na Lua	161
XXXII	— Wilson e a França	164
XXXIII	— A cabeça e o travesseiro	167
XXXIV	— Os pastores e o gado	170
XXXV	— O sultão, o burro e o sábio	173
XXXVI	— Giolitti e a Itália	176
XXXVII	— Combóio pedagógico	179
XXXVIII	— Vitória áptera	182

Segunda parte: O PURGATÓRIO RUSSO

I	— Justiças de mais	187
II	— Baralhar e tornar a dar	190
III	— Cesarismo farrapão	193
IV	— *Mientras vuelve*	196
V	— O dissolvente semita	199
VI	— Redistribuïção	202
VII	— Jôgo desesperado	205
VIII	— A quem tem mêdo	208
IX	— O que diz Bernardes	211
X	— Duplo suïcídio	215
XI	— O inevitável burguês	218
XII	— O burro e o homem	221
XIII	— Socialismo pinoca	224
XIV	— Nada de novo	227
XV	— Vamos lá a isso	230
XVI	— No fim dá certo	233
XVII	— ¿O Inglês adapta-se?	236

Cap.		Pág.
XVIII	— Não vai com tabuada	240
XIX	— Aniversário	245
XX	— A maior vítima	248
XXI	— A sêde é má conselheira	251
XXII	— Arco-íris	254
XXIII	— Agonia das cidades	257
XXIV	— Metamorfose	260
XXV	— Sísifos	263
XXVI	— O parasita fardado	266
XXVII	— Como a cara dêle	269
XXVIII	— A execução dos Romanof	272
XXIX	— Bolchevista histórico	275
XXX	— Aos que cospem para o ar . . .	279
XXXI	— A cidade e os proletários	282
XXXII	— A lira de Anfião	285
XXXIII	— Mate-se o pinto na casca	288
XXXIV	— A carranca da Paz.	291

OBRAS E PUBLICAÇÕES DO AUTOR

EDITADAS POR AILLAUD, LIMITADA

ENSAIOS SÔBRE EDUCAÇÃO

I — Educação e Ensino — 2.ª ed.
II — Casa de Pais, Escola de Filhos — 5.ª ed.
III — Educar (na família, na escola e na vida) — 3.ª ed.
IV — A mãe de todos os vícios.

COMENTARIO LEVE DA GRANDE GUERRA

I — Europa em Guerra — 1915.
II — O Homem, Lobo do Homem — 1921.
III — Portugal em campanha — 1921.
IV — Latinos e Germanos — 1924.
V — A Carranca da Paz — 1925.
VI — Portugal Vitorioso — no prélo.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

Fernão Lopes — três vols.
Gonçalo Trancoso — um vol.
João de Barros — 1.º vol.
Camões lírico — 1.º e 2.º vols.
Frei Luís de Sousa — 1.º vol.
João de Lucena — dois vols.
Manuel Bernardes — dois vols.
Alexandre Herculano — 1.º vol.
Eça de Queiroz — dois vols.
Junqueiro — um vol.
Paladinos da Linguagem — três vols.
Augusto Gil — um vol.
Antero de Figueiredo — um vol.
Afonso Lopes Vieira — um vol.
Camões Lírico — 3.º vol., Amador Arráis, etc., no prélo.

LITERATURA

Mil Trovas (de colaboração com Alberto d'Oliveira) — 3.ª ed.
Jardim da Europa — 2.ª ed.
Alguns aspectos da literatura portuguesa, trad. do inglês de Aubrey F. G. Bell.
As três prosas — conferência.
Eça de Queiroz — subsídios de crítica literária, no prélo.

UNIVERSITY OF N C AT CHAPEL HILL
000006278 42